«A POLÍTICA DE AUSTERIDADE EM FRANÇA» — Por P. VIANSSON-PONTÉ (Pág. 3)

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

QUINTA-FEIRA, 18 DE SETEMBRO DE 1969 N.º 16 792 ANO 49.º UM ESCUDO

às sextas-feiras em MESA REDONDA vamos discutir...

GRATUITAMENTE E POR 25 ANOS

O ESTÁDIO DO RESTELO VOLTA A SER DO CLUBE DE FUTEBOL «OS BELENENSES»

O juiz desembargador dr. Gouveia da Veiga e o dr. Coelho da Fonseca escutam, atentamente, a leitura da proposta pelo Presidente da Câmara

A Camara Municipal de Lisboa resolveu, hoje, entregar ao Clube de Futebol «Os Belenenses», para sua utilização gratuita e exclusiva, as instalações do Estádio Municipal do Restelo. A proposta, aprovada por unanimidade, determina que a entrega se faça pelo período (renovável) de 25 anos.

Do mesmo passo foi deliberado conceder ao clube um subsídio de 4 mil contos, que lhe permitirá liquidar o seu débito ao Município, melhorar as instalações eléctricas do Restelo e construir ali um «rink» para patinagem e basquetebol.

Na data dos seus cinquenta anos, o Belenenses viveu, esta manhã, talvez o mais alto e significativo momento da sua existência: o Estádio do Restelo volta á posse do clube. Compreensão, s'enso das realidades e apreço por uma obra notável e relevante estiveram na origem da decisão.

A proposta que entrega o

(Continua na 9.ª página)

O SISMO DESTA MADRUGADA NÃO TEVE CONSEQUÊNCIAS

Não teve, felizmente, consequências de maior o sismo que, esta madrugada (pouco depois das 4 horas), se fez sentir no Centro e no Norte do País. Muita gente veio para a rua, com Fevereiro na memória, mas nada aconteceu. O epicentro situou-se a menos de 50 quilómetros de Coimbra.

(Ler notícia na página 2)

AS TARIFAS DA CARRIS DE NOVO EM DISCUSSÃO

Maria Isabel Rosa Pinho, representante de Portugal no Concurso «Rainha Internacional de Beleza 1969», regressou hoje a Lisboa depois de ter participado na final do certame. Aqui a vemos com as representantes de Singapura, Irlanda, Indonésia e Bolívia. (Ler notícia na página seguinte)

CONCURSO DA RAINHA INTERNACIONAL DE BELEZA

A REUNIÃO ISLÂMICA

Nasser não vai a Rabat

CAIRO, 18 — (F. P.) — Pela segunda vez desde a «guerra dos seis dias», o presidente egípcio Gamal Nasser foi obrigado pelos seus médicos a cessar toda a actividade. Desta vez a causa é uma gripe muito forte que contraiu no começo deste mês, pouco antes da pequena reunião de alto nível realizada no Cairo.

Esta conferência, o golpe de Estado na Líbia e o desenvolvimento da crise do Médio Oriente haviam-no impedido de se manter afastado. O mal agravou-se. O chefe do Estado está agora condenado ao repouso completo. Todos os encontros foram anulados. Deve cessar completamente toda a actividade.

A doença do presidente egípcio surge num momento crucial da crise do Médio Oriente, e, por consequência, na vida política do país.

(Continua na 10.ª página)

HOJE 32 PAGINAS
VISADO PELA CENSURA

Escolhidos os candidatos da Oposição por Castelo Branco

(PÁG. 15)

- **A «PLATAFORMA DE SÃO PEDRO DE MUEL» — BASE DA ACÇÃO DOS DEMOCRATAS**
- **A C. D. E. DE ÉVORA APOIA A UNIFICAÇÃO DEMOCRÁTICA**
- **DEVE SER ESCOLHIDA HOJE A LISTA DEMOCRÁTICA DE BEJA**

(PÁGINA CENTRAL)

Edição da noite

FOI DE GRAU 4-5 (DA ESCALA INTERNACIONAL)

O SISMO SENTIDO ESTA MADRUGADA NO NORTE E NO CENTRO DO PAÍS

COIMBRA, 18 — As 4 h 14 m e 19 s (T. M. G.), os sismógrafos do Instituto da Universidade de Coimbra começaram a registar as primeiras ondas de um abalo de terra, que, não obstante a sua curta duração, se revelou com certa violência.

Técnicos do Instituto Geofísico declararam que o epicentro se situa a menos de 50 quilómetros de Coimbra e que o grau de intensidade do sismo foi 4-5 da escala internacional.

O fenómeno, que foi pressentido pela maioria da população, causou profundo receio, especialmente nos moradores de prédios de vários andares, os quais vieram para a rua em trajos menores ou envoltos em cobertores.

Muitas famílias meteram-se em automóveis e abandonaram a zona urbana, verificando-se, então, extraordinário movimento de carros em todas as artérias da cidade. E na Praça da República, no Largo das Ameias e junto ao rio, refugiavam-se muitas pessoas temerosas da repetição do fenómeno, que, no entanto, não causou danos aparentes.

Porém, tal como em 28 de Fevereiro último a população da cidade passou o resto da madrugada na rua. No entanto, não se registaram pedidos de socorro e as habitações não apresentam fendas.

Dois abalos registados no Porto

PORTO, 18 — Na estação sismográfica do Instituto Geofísico do Porto (Serra do Pilar) foram hoje registados dois abalos de terra, um com início ás 4 h. 14 m. 24,4 s. e o outro (réplica) com início ás 4 h. 44 m. 12,4 s. O epicentro de ambos deve localizar-se a cerca de 122 quilómetros a sudoeste daquela estação.

O primeiro destes sismos foi sentido na região do Porto, com o grau 2 a 3 da escala de Mercalli.

O sismo, apesar de ter sido sentido por várias pessoa, não teve, felizmente, consequências trágicas Quanto muito, proporcionou alguns sustos..

Noutras localidades

Informações prestadas pelos nossos correspondentes, permitem concluir que o sismo se circunscreveu à zona central do País, especialmente à volta de Coimbra. Figueira da Foz, Condeixa e Buarcos sentiram o abalo, com certa intensidade, mas não se registaram quaisquer estragos.

DANIFICADA POR UM CARGUEIRO A PONTE ENTRE O BARREIRO E O SEIXAL

BARREIRO, 18 — O cargueiro «Alger», da firma «Silva e Vieira», de Lisboa, destruiu parcialmente a ponte entre esta vila e o Seixal, por ter batido, inexplicàvelmente, contra um dos seus tramos anteriores.

O guarda da ponte, Alberto Milheiro, de 63 anos, foi lançado á água, devido á violência do embate, tendo sido forçado a nadar cerca de 100 metros para se conseguir salvar.

O acidente ocorreu ás 6 e 20 desta manhã, quando o referido cargueiro, auxiliado pelos rebocadores «Tinita» e «Andorinha», saía das instalações da Siderurgia Nacional, onde carregara grande quantidade de ferro. Sem motivo aparente, o barco embateu no tramo anterior da ponte, provocando a queda do tramo levadiço e, ainda, de um dos tramos fixos

Segundo um informador da C. P., a ponte, de 180 metros de comprimento, ficou muito danificada, encontrando-se, naturalmente, interrompidas as comunicações ferroviárias entre o Barreiro e o Seixal. A ligação foi, no entanto, assegurada pela C. P., através de autocarros.

CONCURSO INTERNACIONAL DE BELEZA

NERVOSA (MAS CONTENTE) MARIA ISABEL REGRESSOU DO JAPÃO

Sorridente, feliz com a maravilhosa viagem que a iniciativa do «Diário de Lisboa» lhe proporcionou, Maria Isabel Rosa Pinho regressou hoje a Lisboa num avião da «Air France». Embora seleccionada para a final, a última eliminatória do grande certame de beleza não enquadrou a nossa representante que, no entanto, vem contente por ter participado no concurso.

—Foi uma magnífica oportunidade — disse-nos no Aeroporto, onde teve a carinhosa recepção dos familiares. Era excelente a camaradagem que reinava entre as representantes de todos os países. Evidentemente, todas adorariamos conquistar o título...

Tóquio — «uma cidade impressionante», como a definiu Maria Isabel — foi, mais uma vez, meta da grande compita de beleza. Quarenta e oito jovens de cinco continentes deslocaram-se á capital do Japão para disputar o título de Rainha Internacional de Beleza conquistado, como noticiámos, pela inglesa Susan Holmes, de 22 anos, actualmente empregada de escritório mas que pretende abraçar a carreira artística.

Maria Isabel disse ainda:

— O representante especial da organização, Charlie See, deslocou-se especialmente a Londres e a Paris, onde se encontraram as representantes europeias, e acompanhou-nos num avião da companhia aérea nacional (a Japan Air Line). Foi deslumbrante a viagem pelo Polo Norte, sobrevoando a Groenlândia. No Alaska, eu e as minhas «colegas» (eleitas através de concursos semelhantes ao promovido pelo «Diário de Lisboa» para escolha da nossa representante) fomos recebidas pelo «mayor» de Anchorage que nos entregou, simbólicamente, as chaves da cidade, e fez, a todas, convite para estadia mais prolongada.

— Para visitar as cidades de Osaka, Kyoto e Nagoya — que me deixaram recordações inesquecíveis —, utilizámos o mais rápido avião do mundo: o «Tokaio Lineto Kyoto». Naquelas cidades realizaram-se conferências de Imprensa e recepções que decorreram num ambiente de grande cordialidade e simpatia. Graças ao sr. Charlie See, consegui aprender uma saudação japonesa, o que parece ter impressionado muito bem todos os que me entrevistaram. Os jornais salientaram (segundo me traduziram) a presença das representantes de tantos países.

—Espectáculos de invulgar colorido foram os desfiles. Todas envergávamos trajos regionais e o meu fato de Paços de Brandão foi muito admirado. Percorremos, em carros individuais, as mais amplas avenidas de Osaka, Nagoya, Kyoto, Tóquio e Sapporo Hokkaido. Muitos milhares de pessoas aplaudiram-nos calorosamente. Depois, foi-nos oferecido um beberete na residência do primeiro-ministro japonês — Elisaku Sato — que, amàvelmente, conversou com as representantes de todos os países. Estes acontecimentos foram motivo de programas especiais de televisão a cores e a preto e branco, transmitidos para todo o país.

A final do concurso decorreu em duas eliminatórias e teve por cenário o grandioso salão de Budokana do Palácio de Arte Marcial, construído especialmente para as Olimpíadas de Tóquio, em 1964.

Maria Isabel prometeu relevar, mais serenamente, as suas impressões do Japão. Hoje estava ainda muito nervosa — mas vinha contente.

Duas propostas para construção da ponte Macau-Taipa

MACAU, 18 — (F. P.) — Foram ontem apresentadas duas propostas para a construção da ponte Macau-Taipa, o mais importante projecto deste género na história de Macau.

Uma foi apresentada por Ho Yin, comerciante influente, em nome da Associação dos Construtores de Macau, e a outra por Chiu Sin Leok, por conta da Sociedade de Investimentos Chee Lee.

O juri designado para examinar as propostas anunciou ontem que a Associação dos Construtores de Macau apresentou uma oferta que se eleva a 14,3 milhões de patacas e pede 33 meses para construir a obra. Pelo seu lado, o grupo Chee Lee também fez uma oferta no valor de 14,3 milhões de patacas, mas construiria a ponte em 30 meses.

As autoridades de Macau indicaram que a decisão final a respeito das duas propostas seria tomada após exame de um relatório oficial de Lisboa.

«Maria Matos»

O secretário de Estado da Informação e Turismo, dr. César Moreira Baptista, visita no próximo sábado, pelas 10 horas, acompanhado de diversos funcionários do seu departamento, o Teatro Maria Matos, que se encontra práticamente concluído.

ora diga-nos...

— Tem dinheiro nos Bancos?

(Não é que lhe queiramos pedir emprestado mais do que a sua informação!)

● *O sr. Manuel José Dias, pintor da construção civil,* «não tem dinheiro nos bancos» *nem sabe o que isso é, pois* «nunca teve».

E, em forma de explicação, acrescenta:

— O que eu ganho não chega nem para pensar pôr um centavo em qualquer banco.

● *A sr.ª D. Maria Carmen é das pessoas que, também,* «não tem», *nem* «nunca teve» *conta aberta nos bancos. E a razão é simples, segundo declara:*

— O dinheiro, neste tempo, não chega quase para comer, quanto mais para o ter nos bancos!

● *O sr. Francisco Rodrigues, carpinteiro mecanico, presentemente, não tem nada nos bancos. Mas, já teve.*

— Muito?

— Não. Pouco. Tão pouco que o fui gastando e pronto.

— Tenciona, em todo o caso, voltar a ter conta em seu nome?

— Sim, claro, se a vida se proporcionar.

Na verdade, nem a falta de dinheiro se opõe a uma qualquer esperança. Não é assim?

Congresso Mundial de Publicidade

O Congresso Mundial da Associação Internacional de Publicidade, que vai realizar-se em Tóquio, de 24 a 26 do corrente, com a presença de 2500 delegados, representando 80 países, terá como base geral «A Publicidade nos anos 70».

Para desenvolver os diversos temas integrados no tema geral, foram convidados os maiores especialistas mundiais das diversas matérias, desde a psiquiatria á sociologia, á economia e á investigação científica.

Aproveitando a presença em Tóquio de grande número de membros da I. A. A., realiza-se, também, uma reunião extraordinária do Congresso Mundial da Organização. O nosso País estará representado pelo sr. Jorge Tavares Rodrigues, secretário-geral do «chapler» português.

Colónia Balnear Infantil de «O Século»

Partiu hoje para a Colónia Balnear Infantil de «O Século» o ultimo turno de estagiários deste ano, constituído por cerca de quinhentos rapazes.

OPERÁRIO TRUCIDADO NA AMADORA

Esta manhã, na passagem de nível existente na Amadora, foi trucidado por um comboio um indivíduo, que aparenta ter 20 anos, e se sabe apenas chamar-se Hélder.

Consta que o moço trabalhava numa obra em Linda-a-Velha.

O relógio de pulso, inutilizado pelo comboio, marcava o momento do acidente: 7 horas.

CINE CLUBE DE SANTARÉM

O Cine Clube de Santarém, apresenta, amanhã, ás 21 e 15, o filme «O Comboio», de John Frankenheimer, com Joanne Moreau, Paul Scofield e Burt Lancaster.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

Livraria BERTRAND

Acaba de sair:

ALMANAQUE BERTRAND
para 1970

Actualidades ● Anedotas ● Artes Plásticas ● Calendário ● Charadas ● Ciências ● Curiosidades ● Desporto ● Ficção ● Humor ● Informações ● Letras ● Marés ● Passatempos ● Poesia ● Vida Artistica

Volume brochado: 35$00

A POLÍTICA DE AUSTERIDADE EM FRANÇA

RISCOS DE UM MÉTODO

Por PIERRE VIANSSON-PONTÉ

Na véspera de férias, a relativa serenidade com que se tinha operado a passagem, há tanto tempo temida, ao após-gaullismo, a euforia da maioria que tinha visto manter, a bem dessa passagem, a sua coesão e alargar-se ainda mais a sua já considerável base parlamentar, o alívio sentido por largo sector da população (e até por certos círculos da oposição) deram ao presidente da Republica, ao primeiro-ministro por ele escolhido e ao Governo por ambos constituído uma tranquilidade e um sentimento de segurança, quase sem precedentes — a não ser durante algumas semanas de 1968 — na história política francesa dos nossos dias. Os franceses, cansados, primeiro dos arrebatamentos, espantados, depois, com as iniciativas administrativas e constitucionais com que o regime pretendeu responder á explosão de Maio de 1968, inquietos, a seguir, com as consequências do referendo, inseguros quanto á escolha eleitoral, sentiram-se, finalmente, descontraídos e tranquilizados.

A sucessão estava assegurada, a estabilidade salvaguardada, mas assegurada e salvaguardada estava também a mudança prometida. A abertura tinha-se iniciado. Os franceses podiam, pois, sem remorso, entregar-se aos prazeres de Verão.

É evidente que um tal capital de boa vontade, de resignação mesmo (se não de confiança), não podia ser indefinidamente preservado e que o contacto das duras realidades, a passagem do novo poder á acção, lesariam este consenso e esta satisfação tão largamente sentidos. A desvalorização, que, evidentemente, não era inesperada, mas que ninguém esperava antes do fim das férias, pouco perturbou os ânimos. Apreciam-se sempre os golpes felizes, e a surpresa ajudou a considerar judiciosa a escolha da data, menos severa do que se temia, a taxa, e, afinal de contas, ousada a operação, mas (já que era inevitável) hábilmente conduzida.

A partir daí, o Governo podia adoptar duas atitudes. A despeito de a decisão definitiva não ter sido verdadeiramente tomada, como se disse,

DE «LE MONDE» em exclusivo para o «DIÁRIO DE LISBOA»

três semanas antes de anunciada, mas sim apenas quatro dias antes, a verdade é que o Governo sabia, desde que se constituiu, que teria de amputar o franco, e, por isso, teve muito tempo para se preparar.

Podíamos, pois, esperar que logo a seguir ao ajustamento monetário o Governo adoptaria todo um conjunto de medidas económicas, financeiras e sociais, malhando no ferro enquanto ainda estivesse quente, e fazendo engolir a pílula de uma só vez. Ora o Governo escolheu outra táctica: a de escalonar as consequências da desvalorização. Abrindo o «dossier» três semanas depois da decisão, anunciou a limitação do crédito. Depois estatuiu diversas disposições económicas e fiscais. A seguir fixou medidas a médio prazo. Oito dias mais tarde submetê-las-á ao Parlamento. Virá, depois, a discussão do orçamento. O estabelecimento das disposições que constituem o complemento lógico da operação vai assim ocupar vários meses. E já se prevêem três «escalões», três séries de marcos, de Janeiro a Julho de 1970, para se conseguirem os primeiros objectivos assinalados.

Este método é talvez o mais cómodo. Talvez fosse mesmo impossível (técnica e materialmente) apressar mais o movimento, se tivermos em conta a conjuntura e o momento. Nem por isso este andamento comportará menos inconvenientes e até riscos, ao mesmo tempo psicológicos, sociais e políticos.

Psicológicamente, será mais difícil fazer aceitar uma austeridade administrada em doses homeopáticas que de uma só vez, mesmo que a prescrição acabe por ser idêntica. O crédito surpreendente que encontrou e continua a encontrar no publico a ideia de que se trata por agora apenas de uma primeira desvalorização, á qual se seguirá brevemente outra, mostra-o bem. Socialmente, este «desfiar» comporta o risco de acumular as causas de irritação e descontentamento por todo o Outono e o Inverno, que poderão assim desembocar numa Primavera difícil. Finalmente, no aspecto político, as queixas que a maioria começa já a exprimir vão ampliar-se de etapa a etapa. Os dirigentes guardiões da ortodoxia «gaullista», os repelidos e decepcionados (que toda a mudança de Governo e, por maioria de razão, esta «abertura» para novos horizontes deixam pelo caminho), vão ter muitas oportunidades de esgrimir para treinar a mão, ainda que os primeiros duelos se travem com o florete embotado.

E, assim, uma aposta política sobre a coesão da maioria e a medida do neogaullismo vem somar-se á aposta monetária, criada por uma desvalorização feita de surpresa, á aposta económica sobre a manutenção dos preços, o crescimento da poupança, o fomento das exportações, com um ligeiro acompanhamento técnico, á aposta psicológica e social decorrente do método adoptado. De facto, tudo isto será jogado num único lançamento de dados, dentro de quatro ou cinco meses. No Parlamento, a declaração do Governo, prevista para o próximo dia 16, receberá com certeza, uma larga aprovação no escrutínio a que der lugar, aprovação que funcionará como o recibo de quitação para as decisões estivais. Depois, mais que os lamentos, as críticas e as indignações mesmo de alguns dos seus deputados, como Louis Vallon, mais que as censuras, ou melhor, as acusações da oposição, serão as respostas dos factos, nos índices e na vida social, que decidirão desta primeira mão da partida jogada pela V Republica-**bis.**

Nota do dia

AS PRESENÇAS E AS AUSÊNCIAS

DESDE O COMEÇO DO ANO, quando se abriu o prazo para as inscrições no recenseamento eleitoral, que daqui se disse o que pareceu possível com vista a chamar a atenção para a importância de promover cada um os passos adequados (e não são muitos) em tal sentido. Para falar a verdade, não estamos muito convictos de que se tenha ido muito longe nos resultados que com isso se alcançaram. Dos números já citados oficialmente em relação ao acréscimo de inscritos não é possível concluir alterações substanciais, o que verdadeiramente não admira, pois tem-se conhecimento de pessoas supostamente preparadas e aparentemente interessadas que, afinal, não estão no recenseamento pela razão muito simples de não se terem dado ao trabalho dos passos mínimos indispensáveis para isso. Esqueceram-se. Nem mais nem menos.

Claro que é difícil pensar-se a sério em vida política do País com semelhante quadro de realidades, o que se sublinha naturalmente de significado muito especial de cada vez que se apurar que esses distraídos cidadãos são suficientemente preparados de bagagem escolar e de experiência de vida para poderem muito bem dar conta do seu próprio recado. E infelizmente, é preciso dizê-lo, a tal conclusão se chega muito mais vezes do que se poderia supor.

Que pensar dos outros, dos outros cuja preparação ou cujo pendor menos os impele para tais exercícios de actividade cívica? Que surpresa podemos sentir de cada vez que sabemos ou ouvimos referir o caso de quem não se inscreveu, ou de quem se inscreveu mas não foi a tempo e horas, nos prazos da lei, verificar se o seu nome lá estava incluído nos registos? Não é agora a altura de emendar, mas é a altura de mostrar o preço da desatenção.

Quantas dessas pessoas que nada fizeram, que nenhuns passos deram, é que só agora acordam da sua negligência e a deploram? Quantas só no próprio dia das eleições, quando já estiverem perante a urna de papelinho na mão, é que sofrerão a decepção de saber que, afinal, não estão inscritas nos cadernos? Mas nesse momento já é tarde seja para o que for. Só fica o recurso de esperar por Janeiro para se inscrever e guardar a esperança de votar daqui por quatro anos.

Ora a verdade é que muito se engana quem julgar que ir às eleições, participar, votar é algum fim. Não é. É apenas o meio que fica ao nosso alcance para mostrarmos que somos vivos para a vida da comunidade e que temos a consciência disso. É apenas o meio que fica ao nosso alcance de podermos ter a nossa quota de intervenção naquilo que a todos nos interessa e nos diz respeito. Se existimos, se sentimos, se pensamos. De contrário, que havemos de esperar dos outros e de nós próprios?

Este desejo de intervir que cada um tem quando desabafa o seu desacordo e se lembra de dizer «se eu fosse Governo», como há um século se diria «se eu fosse rei», é a própria essência da política. E bem nos parece útil lembrar que não se faz política para ir às eleições. É ao contrário disso, pois vai-se às eleições para fazer política, para ter oportunidade de dar o seu recado e pôr o seu dedo naquilo que lhe diz respeito.

O que não é possível é fazer política aos soluços, de quatro em quatro anos, a correr a foguetes ou quando toca o sino. Tem de se pensar nisso todos os dias, não especialmente como quem se lembra, «é verdade ainda hoje não fiz política», mas como atitude permanente, com os olhos postos no que se passa à volta e nos diz respeito. E tudo que se passa à nossa volta nos diz respeito. Como escreveu um dia Bernardino Machado, «não fazer política é suspender a vida da Nação».

RECTÂNGULOS DA VIDA

A MANIA DAS GRANDEZAS

por MARIA JUDITE DE CARVALHO

Eram duas senhoras, gordinha uma delas, francamente gorda a outra, comendo bolos e bebendo golinhos de chá. A primeira (ou segunda, a ordem dos factores é arbitrária), tinha cabelo loiro-cinza-esverdeado; a segunda (ou primeira), negro-avermelhado-tinta. Falavam disto e daquilo e ainda daqueloutro, com nomes próprios pelo meio. Havia um amor de Tininha que veio várias vezes à baila, e um Chico estupendo de quem igualmente falaram muito e que era engenheiro agrónomo. Depois tratou-se de doenças. A uma era o reumatismo que a afligia; à outra, o coração. «Quando se chega a uma certa idade, minha amiga...» Disseram a frase mas não a pensavam, estava mesmo a ver-se que não. A *certa idade* era eufemismo, ambas deviam andar pelos sessenta e muitos, mas, à excepção da dieta — os bolos eram fartos e lindamente cobertos de «chantilly» — faziam o possível por lutar contra as aparências. Cabelos, como já disse, muito bem pintados e lacados, *maquillages* cuidadas, e aqueles brilhantes com que as senhoras idosas se vingam um pouco de já não serem jovens. Tudo isso. Mas rugas profundas, reumático e coração ameaçado.

Não é meu costume ouvir conversas alheias, juro, mas estava sòzinha, numa mesa próxima, e elas falavam suficientemente alto. A morena explicava o seu caso:

— O próprio médico me disse e olha que não é um qualquer. Eu nessas coisas procuro sempre o melhor. Pois disse. Que nunca lhe tinha passado um caso assim pelas mãos. «A senhora tem uma doença raríssima», disse ele. Uma doença que mais ninguém tem, estás a ver?

— Mas o que é, afinal de contas?

— O que é? Já te digo. Vais ficar espantada, toda a gente fica. Parece que não tenho sangue no coraçao e é por isso que sinto todo este mal-estar. Uma coisa única. Para nunca ter passado um caso assim pelas mãos do Fulano!

Meu Deus, que lhe teria dito o Dr. Fulano para ela tirar tal conclusão! Mas a outra não comentou o facto — digníssimo de ser comentado, estão a ver —, porque tinha o seu caso pessoal na ponta da língua, e só esperava por uma aberta. Logo que aberta houve, explicou:

— Eu é o reumático. Tenho feito tudo o que é humanamente possível. Já fui a Barcelona, a Paris, a Londres. Ah, não há ninguém que sofra tanto como eu, podes crer. Um horror. Todos os invernos fico um mês em casa, posso lá sair! Umas dores... É horrível. Ninguém pode avaliar o que eu sofro. Ninguém.

O empregado aproximou-se porque entretanto a morena tinha-o chamado.

— A Madame deseja?

— Não tem daqueles bolos de ovos, redondos, com manteiga fresca, como se chamam?

E voltando-se para a amiga:

— É que são os melhores bolos do mundo. Fui eu que os descobri. Vim cá no dia em que a pastelaria abriu, lembra-se?

O empregado sorriu, deferente, disse que fora assim mesmo e trouxe mais um prato de bolos. As senhoras continuaram a comer e a beber golinhos de chá, e a falar das suas doenças únicas no mundo.

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

«Não se atingiram os níveis que se previam como meta no Plano Intercalar de Fomento»

Do Secretariado Técnico da Presidência do Conselho, assinado pelo director-geral, sr. dr. Nuno Alves Morgado, recebemos o seguinte esclarecimento:

«Venho referir-me ao artigo que, com o título «Não se atingiram os níveis que se previam como meta no Plano Intercalar de Fomento», foi publicado no jornal que V. Ex.ª tão distintamente dirige, em 3 de Setembro p.p., e que constitui mais uma manifestação do atento interesse que ao «Diário de Lisboa» têm merecido as questões relacionadas com o desenvolvimento económico-social do país.

No sentido de precisar os limites dentro dos quais é legítimo tirar conclusões do referido Relatório, interessa, no entanto, sublinhar que ele se refere à execução do Plano Intercalar em 1967, o que o leitor não inferirá nem do título dado ao artigo, nem da redacção do seu período inicial. Pelas razões citadas no próprio Relatório, e transcritas no artigo, não é possível ainda dar por concluído o Relatório de Execução do Plano Intercalar de Fomento — abarcando o triénio em que vigorou — que, esse sim, permitirá formar opinião definitiva sobre o grau de cumprimento do Plano, no seu conjunto.»

Ao darmos guarida a este esclarecimento, como sempre foi norma desta casa, e sem intuitos polémicos, diremos apenas que quer o título, quer o texto da notícia referida nos parecem resultar lògicamente, das afirmações do próprio Relatório. As afirmações do sr. dr. Nuno Alves Morgado acentuam, entretanto, os limites dentro dos quais devem ser interpretadas as conclusões do Relatório, aspecto, aliás, já referido por nós.

Gato por lebre

VISEU, 18 — Na terra de São Frei Gil de Valadares, no concelho de São Pedro do Sul, uns energúmenos espancaram um gato, a golpes de forquilha e, morto o pobre bicho, levaram-no a cozinhar. Preparado com todos os «matadores», convidaram para o rescendente e apetitoso manjar — coelho com arroz, ou lebre da enganadora patuscada — um grupo de homens e mulheres comeram á farta e se regalaram.

Depois, quando souberam do logro, ficaram muito agastados—e agoniados.

Mas, nestes tempos, em que os mixordeiros nos impingem o que querem, não terão os convivas ao banquete de gato comido já coisas piores?!

Dizem os leitores...

A situação do pessoal de enfermagem

Da nossa leitora sr.ª D. Teresa de Jesus Leite recebemos a seguinte carta:

«Li o vosso artigo no *Diário de Lisboa* sobre a enfermagem e fiquei satisfeita por saber que há alguém que se interessa pela nossa classe. De facto, estamos muito mal pagos e o trabalho é extenuante.

Eu, por exemplo, sou casada, tenho 40 anos e seis filhos. Meu marido ganha só 2600$00: pagamos de casa 622$90; se eu não trabalhasse, que seria de nós? Estou como auxiliar de Enfermagem na Santa Casa da Misericórdia de Lisboa onde faço noites, dia sim dia não; e todos os dias trabalho das 15 ás 23 horas na Maternidade Alfredo da Costa; para ajudar o meu marido a criar os filhos tenho que trabalhar todos os dias 16 horas. Só durmo noite sim noite não e quando vou para casa tenho de ajudar a minha mãe a tratar dos miúdos. Muitas vezes só os vejo a dormir. Eu ando muito cansada porque trabalho imenso. De facto, se o meu marido ganhasse o suficiente ficava em casa a tomar conta dos meus filhos.

Oxalá a iniciativa do *Diário de Lisboa* tenha êxito junto das autoridades competentes a fim de melhorarem as condições em que trabalha a classe de enfermagem.»

TRANSFERIDO PARA COIMBRA

O BISPO DE TAGÁRIA (auxiliar do Porto)

Por decreto da Sagrada Congregação dos Bispos, S. S. o Papa Paulo VI nomeou o sr. D. Alberto Cosme do Amaral, bispo titular de Tagária, para o cargo de auxiliar do sr. D. Francisco Rendeiro, bispo-conde de Coimbra.

O sr. D. Alberto Cosme do Amaral, que nasceu em 19 de Outubro de 1916, na freguesia de S. Sebastião, concelho de Vila Nova de Paiva, frequentou os Seminários Menor e Maior de Lamego, onde obteve altas classificações, e foi ordenado presbítero, em 13 de Agosto de 1939, pelo então bispo daquela diocese, D. Agostinho de Jesus e Sousa. Paroquiou, depois, as freguesias da Moita, de Numão e de Custóias, nas quais exerceu notável apostolado, o que levou o prelado de Lamego a chamá-lo para o Seminário Maior, a fim de lhe confiar a missão de director espiritual e de professor de Ascética e Mística. Esteve, também, durante um ano, no Colégio de S. Sulpício, de Paris, no qual frequentou o primeiro ano de Sociologia.

O sr. D. Alberto Cosme do Amaral foi nomeado, em 11 de Julho de 1964, bispo titular de Tagária e auxiliar do prelado do Porto, cargo que manteve até agora, tendo sido sagrado, na Sé Catedral daquela cidade, no dia 24 de Agosto do mesmo ano.

Ratos de automóveis presos no Barreiro

BARREIRO, 17 — Foram detidos pela G. N. R. desta vila, acusados de furto de automóveis, Eduardo Piães Fernandes, de 18 anos, sem profissão, natural de Lisboa e residente na Rua Gil Vicente, 8-r-c, no Lavradio; Carlos Alberto Prates Guerra («O Matateu»), de 19, também de Lisboa e residente no Largo do Moinho Pequeno, nesta vila.

Além dos detidos, o grupo integra ainda João Manuel Timóteo Amado (o «João da Balbina»), de 21 anos, solteiro, sem profissão, natural desta vila, onde reside, na Quinta dos Gaiteiros, que anda a monte.

Os detidos confessaram o roubo de dois automóveis, um pertencente ao sr. Jorge Casimiro e outro ao sr. José Luís Duarte Pinto, ambos residentes no Barreiro.

Inauguração do novo complexo fabril da «Covina»

No dia 4 de Outubro, ás 15 horas, o Chefe do Estado inaugura, em Santa Iria da Azoia, o novo complexo fabril da «Covina». Será descerrado um busto do sr. Lucio Th. Féteira.

PEIXE

O S. A. P. P. DISSE NÃO À TENDÊNCIA PARA O AUMENTO DE PREÇOS

MAIS DO QUE ASSEGURAR UM COMPLETO E EFICIENTE ABASTECIMENTO DE PEIXE A TODO O TERRITÓRIO METROPOLITANO O S.A.P.P. ORGULHA-SE DA COLABORAÇÃO QUE AO LONGO DE TRÊS ANOS VEM DANDO À ECONOMIA DA POPULAÇÃO, MANTENDO INALTERÁVEIS OS SEUS BAIXOS PREÇOS DE VENDA

O S. A. P. P.

Tem o prazer de anunciar que está habilitado a fornecer a todos os comerciantes grossistas e retalhistas grandes quantidades de PESCADA CONGELADA, ao preço de tabela.

PREÇOS DE VENDA AO PÚBLICO
PESCADA CONGELADA

Tipo n.º 1 (até 0,500 kg.)	12$00
Tipo n.º 2 (até 0,800 kg.)	14$00
Tipo n.º 3 (até 1,500 kg.)	16$00
Tipo n.º 4 (até 2,400 kg.)	16$50

3 anos depois da criação do Serviço de Abastecimento de Peixe ao País (S. A. P. P.) o preço da venda ao público da PESCADA CONGELADA não sofreu qualquer alteração.

SAPP — SERVIÇO DE ABASTECIMENTO DE PEIXE AO PAIS

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO IMPÉRIO

TÍTULO — «Seduzida e Abbandonata» (Sedotta e Abbandonata).

REALIZADOR — Pietro Germi, 1964 (Itália).

INTÉRPRETES — Stefania Sandrelli, Saro Urzi, Aldo Puglisi, Lando Buzzanca, Leopoldo Trieste, Umberto Spadaro, etc.

UMA PELÍCULA TERRÍVELMENTE DIVERTIDA – E QUE MAGOA

Finalmente, diz a publicidade. É verdade: finalmente! E, no entanto,... cinco anos depois da data de nascimento, *Sedotta e Abbandonata* é um filme malcriado, grosseiro mesmo, que o publico *já* aceita, *já* assimila, *já* passou... Ainda há duas semanas se estreara, na mesma sala, *A Rapariga da Pistola*, de Monicelli, que repisava, segundo o ultimo figurino, o mesmo tema: a «honor» siciliana traída. Evidentemente que a fita de Germi lhe é anterior (e melhor, digamos desde já; melhor porque mais comprometida, mais profunda, mais apaixonada pelo assunto), mas, aos olhos de um publico que viu Monica Vitti perseguindo o «traidor» nas ruas de Londres, aos olhos desse publico que se não compraz com os anacronismos de exibição, que fazer? Elucidar, pois então. É o que tentamos. Mas a verdade é que os cinco anos de espera tiveram a sua razão de ser: a domesticação da fera (e para tanto bastou até *só* esperar). Um filme que em 1964 poderia ter criado um certo clima de protesto à sua volta, é hoje um filme simplesmente divertido. A que se fica devendo, porém, esta evolução: a dois factos essenciais, cremos. Primeiramente, *Seduzida e Abandonada* é uma sátira de costumes; segundo, numa época como a nossa, de tal forma voltada para a mudança e a novidade, os costumes estão em perpétua transformação. Dir-me-ão, no entanto, que *Seduzida e Abandonada* cotinua perfeitamente actual na Sicília. É certo. Mas perdeu grande parte da sua violência noutros sítios onde também havia (e há) seduzidas e abandonadas que este filme poderia ter ajudado em 64. Cremos que o fará ainda, mas muito menos em 69. Donde se conclui que a obra de arte está datada, isto é: necessita de cumprir uma determinada função social na época em que é gerada. Apresentá-la fora do seu tempo é um mal menor em relação ao mal maior que seria mantê-la desconhecida, mas é de qualquer forma um mal.

Posto isto, *Seduzida e Abandonada* traz-nos de regresso o cinema de um Germi quase esquecido entre nós. Um Germi turbulento, generoso de propósitos, impulsivo, burlesco, populista. Uma espécie de De Sica dos ultimos tempos, mas nesse caso um De Sica maior, cheio de vigor e de violência. Tal como aquele, Germi serve-se do mesmo bacio para provocar o riso, mas Germi atira-o com uma outra agressividade, quase diríamos que com uma grosseria que se reivindica. Será então que estamos em presença de uma obra invulgar? Digamos antes que nos encontramos frente a uma película irresistívelmente divertida que, no entanto, magoa. Digamos que há uma clamorosa ausência de rigor em tudo aquilo, que Germi não tem o sentido da austeridade, que se deixa envolver completamente pelo desenrolar de uma situação que já nem ele sabe terminar; digamos até que *Seduzida e Abandonada* é um fil-

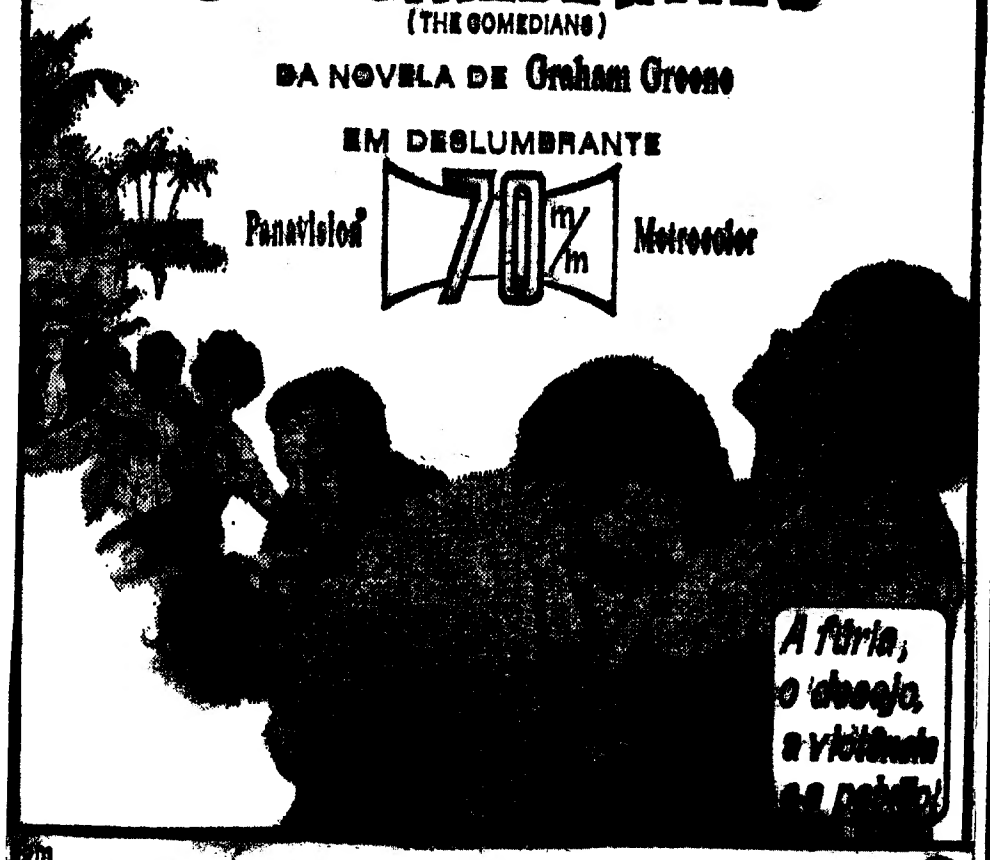
(Continua na pág. seguinte)

A solista de guitarra Maria Lívia São Marcos, que se apresentou com a Orquestra Filarmónica de Lisboa dirigida por Natércia Couto). Filha de Manuel São Marcos, a jovem Maria Lívia estreou-se como concertista aos 13 anos de idade e, logo a seguir, gravava em disco o «Concerto de Villa Lobos» Venceu o concurso de violão com que se comemorou o centenário da morte de Ernesto Nazareth e Catulo da Paixão Cearense. Depois de Lisboa, a carreira de Maria Lívia São Marcos prossegue em Paris

50 FILMES CASTELLO LOPES apresenta um filme MGM

SUPERIOR!

Richard Burton · Elizabeth Taylor
Alec Guinness · Peter Ustinov
em
"OS COMEDIANTES"
(THE COMEDIANS)
DA NOVELA DE Graham Greene
EM DESLUMBRANTE
Panavision 70 m/m Metrocolor

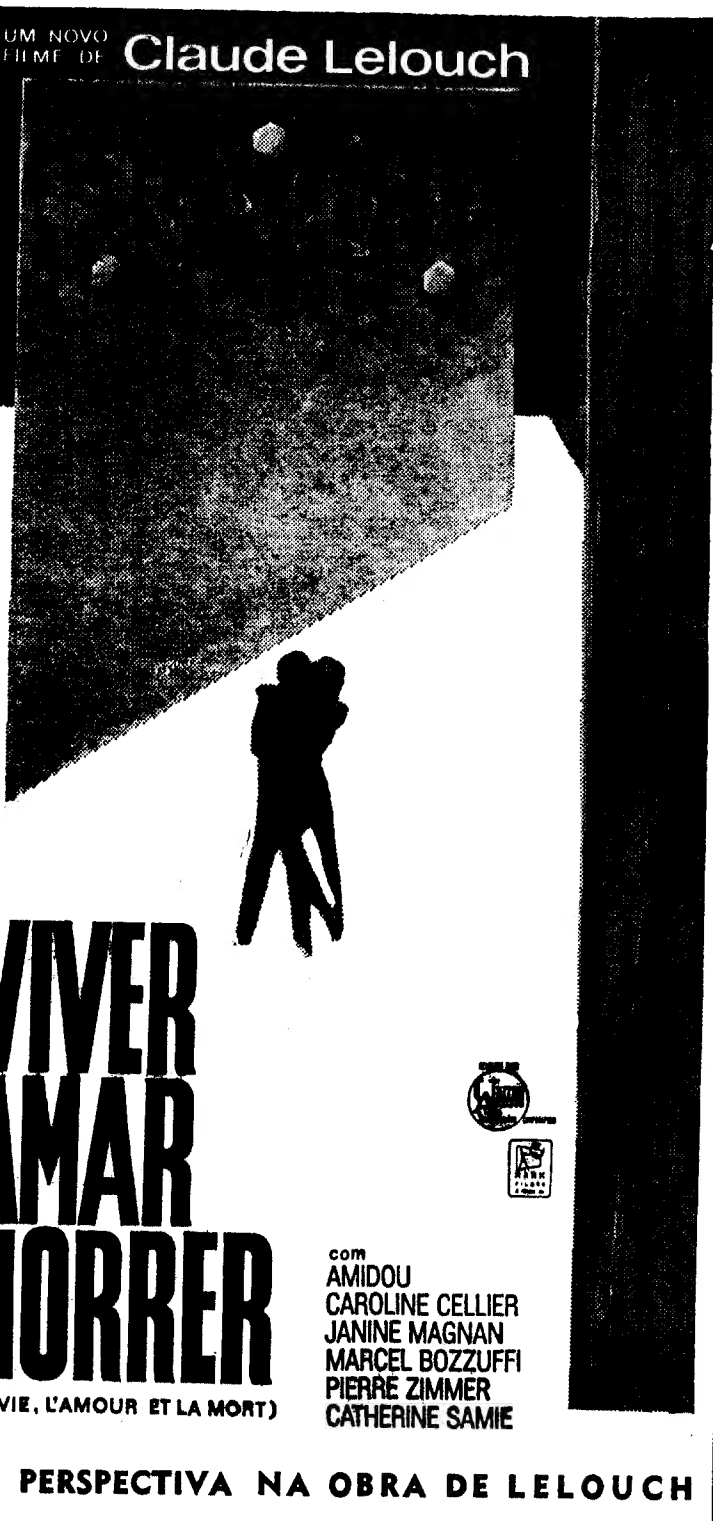


Em Paul Ford · Lilliane Gish Produção e Realização de Ron Winston Adultos

FINALMENTE!

AMANHÃ, NOITE DE ESTREIA
CONDES NOS CINEMAS ROMA
O PRIMEIRO GRANDE ACONTECIMENTO DA TEMPORADA!

UM NOVO FILME DE Claude Lelouch



VIVER AMAR MORRER
(LA VIE, L'AMOUR ET LA MORT)
ADULTOS

com
AMIDOU
CAROLINE CELLIER
JANINE MAGNAN
MARCEL BOZZUFFI
PIERRE ZIMMER
CATHERINE SAMIE

UMA NOVA PERSPECTIVA NA OBRA DE LELOUCH

...VIVER, AMAR, MORRER É UMA OBRA ESTIMÁVEL QUE SOMOS OBRIGADOS, HONESTAMENTE, A FAZER A SUA DEFESA
LAURO ANTÓNIO EN «D.' DE LISBOA»

2.ª SEMANA NO SÃO JORGE
PROGRAMAÇÃO RANK

NOVO CASINO ESTORIL

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS
DAS 15 ÀS 3 HORAS
"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE
MAIORES DE 21 ANOS

SAMANTHA LEE
VEDETA INGLESA
DA CANÇÃO

THE PERRARDS
ORIGINAIS FANTASISTAS

MARIA DA FÉ

FANTASTICA
BALLET
PRODUÇÃO DE CRIS VARLAMOS
COM MARIA DE PETRILLO
BUDD THOMPSON
HONEY
SERENA WILSON

SHEGUNDO GALARZA e seu conjunto
JIRINA'S COMBO
FERRER TRINDADE e sua orquestra
no grande salão restaurante às 23.30h m/17 anos no wonder bar à 1.00h m/21 anos
STORMY SUMMERS
SÓ NO WONDER BAR

No CINEMA, às 17 e às 21.30 h.
O DESERTO MARAVILHOSO
(M. 12 anos)

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

(Continuação da pág. anterior)

me irregular, brejeiro, aqui e ali sentimental, que tem a grande virtude de cheirar ao povo e ser populista, ao contrário dos ultimos De Sica que são populistas e só cheiram a falso. Essa autenticidade de Germi é bonita. É louvável. Essencial mesmo, quando queremos dizer coisas importantes e atirarmo-nos inteiramente para dentro delas.

Este *part pri*, que não esconde as deficiências, mas que convida a ultrapassá-las conscientemente, acho que será uma atitude possível perante a obra de Germi que sempre nos pareceu de uma grande lisura de processos e de uma inequívoca honestidade. Para além até de algumas qualidades assinaláveis que esta *Seduzida* volta a documentar. Falamos por exemplo dessa esmagadora destruição de um rosto retirado de Botticelli (Stefania Sandrelli) que a comunidade siciliana corrompe com voracidade, comandada pelo pai (Saro Urzi) que antepõe a «honor» da família a tudo o mais, defendendo-a á custa da mentira, da denuncia, da chantagem, mesmo do crime. Essa corrupção de um rosto que se processa ao longo de duas horas é uma virtude indesmentível. Que Germi no-lo faça acreditar, eis outro aspecto de um mesmo problema que é afinal o do homem que se diz a si próprio. Integralmente.

LAURO ANTÓNIO

OS FILMES DE PIETRO GERMI

Pietro Germi nasceu em 14 de Setembro de 1908, em Gênes. De origens humildes, entrou no cinema pelos postos mais baixos, percorrendo os degraus necessários até, em 1946, se estrear na realização com «Il Testimone». Dirigiu seguidamente: 1947: «Gioventu Perduta»; 1949: «In Nome della Legge» (Em Nome da Lei); 1950: «Il Camino della Speranza» (O Caminho da Esperança); 1951: «La Città si Défende» (A Cidade Defende-se); 1952: «La Presidentessa»; 1952: «Il Briganti di Tacca del Lupo» (O Bandido da Toca do Lobo); 1953: «Gelosia» (Ciumes); 1956: «Il Ferroviere» (O Ferroviário); 1957: «L'Uomo di Paglia» (O Homem de Palha); 1969: «Un Maldetto Imbroglio» (A 3.ª Chave); 1962: «Divorzio al Italiana»; 1964: «Sedotta e Abbandonata» (Seduzida e Abandonada); 1966: «Signore e Signori»; 1968: «L'Immorale».

VIII Cursos Musicais Internacionais de Férias

Estão a decorrer em Cascais, com presença de centenas de alunos nacionais e estrangeiros, os VIII Cursos Musicais Internacionais de Férias, promovidos pela Junta de Turismo da Costa do Sol e com o patrocínio da Secretaria de Estado da Informação e Turismo.

Nos Cursos deste ano participam os seguintes professores:

Helena Sá e Costa do Porto e Joaquim Rodrigo de Madrid «Evolução da dança na musica de piano»; Lisie Egger de Salzburgo «Técnica Vocal»; Maurice Eisenberg de Nova York «Violoncelo»; Karl Engel de Hannover «Piano»; Paul Schilhawsky de Salzburgo «Lied, ópera alemã e acompanhamento»; Sandor Végh de Zurich «Violino e musica de camara».

O PÚBLICO RI PERDIDAMENTE
VARIEDADES 10.ª semana
VASCO MORGADO apresenta
OS DIREITOS DA MULHER
HOJE, ÀS 21.45 H. (Adultos)
DOMINGO, À TARDE ÀS 16 H.
2 HORAS A RIR
com
UM CASO MUITO SÉRIO
A MULHER é igual, superior, ou inferior ao HOMEM
TRIUNFO DA C.ª TEATRO ALEGRE
com HENRIQUE SANTANA ● IRENE ISIDRO ● COSTINHA LIA GAMA ● MARIA HELENA ● LUÍSA DURÃO ● DAVID SILVA ● HELENA ISABEL ● BENJAMIM FALCÃO

Um êxito clamoroso!
14.ª SEMANA DE ENCHENTES
A revista dos PARODIANTES DE LISBOA
com CAMILO, FLORBELA, com as atracções PAULA RIBAS, RUI DE MASCARENHAS
— um espectáculo de VASCO MORGADO
em TERCEIRO MÊS de lotações esgotadas na sala fresquinha do

RI-TE
MONUMENTAL
HOJE em DUAS SESSÕES 20.45 e 23 horas (ADULTOS)
DOMINGO, À TARDE, ÀS 16 H

THE MIRISCH CORPORATION
JAMES GARNER
JASON ROBARDS
ROBERT RYAN
NA REALIZAÇÃO DE JOHN STURGES
"DUELO DE MORTE"
"HOUR OF THE GUN"
HOJE, ÀS 21.30, ESTREIA NO POLITEAMA
UM ESPECTÁCULO VIGOROSO
12 anos
co-starring ALBERT SALMI · CHARLES AIDMAN · STEVE INNAT · MICHAEL TOLAN
Produced & directed by JOHN STURGES · Screenplay by EDWARD ANHALT · COLOR by DeLuxe · PANAVISION
Music JERRY GOLDSMITH · A MIRISCH-KAPPA PICTURE

VASCO MORGADO apresenta
AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
HOJE
2 SESSÕES às 21 e às 23 horas (ADULTOS)
RAUL SOLNADO
UMA PEÇA DE MURRAY SCHISGALL
DIRIGIDA POR PAULO RENATO
Amor às riscas

UMA PEÇA DE «SUSPENSE CÓMICO»

VIDA MUSICAL

Iniciação musical infantil

A secção escolar da Academia de Amadores de Música, que recomeçará a funcionar na primeira semana de Outubro, abre no dia 22 as inscrições para as classes de iniciação musical infantil (segundo o método de Edgard Willems), solfejo, piano, violino, violoncelo, canto, instrumentos de sopro, harmonia, acustica, história da musica, composição, flauta de bisel e guitarra clássica.

Prestam-se esclarecimentos todos os dias uteis, das 16 ás 20 horas, na Rua Nova da Trindade, 18, 2.º, esquerdo, ou pelo telefone 32 50 22.

PIANOS
Verticais e de Cauda
Alugam-se
CUSTÓDIO CARDOSO PEREIRA & C.ª
RUA DO CARMO

TAUROMAQUIA

O TOURO E A BELA DO TEXAS

O touro português nasceu nas lezírias do Tejo e nas margens do Sado e do Guadiana, e lá vive tão tranquilo quanto o permitem os automóveis que correm pelas estradas vizinhas e os aviões que cortam os ares. Lá o vão buscar para o meter nas estreitas jaulas que hão-de oscilar em camiões até aos escuros currais das praças. Cravam-lhe a divisa do patrão e soltam-no para uma arena onde um diabo vestido de ouro se prepara para o cravar mais ainda. Como antes o embolaram em difícil operação, ou lhe cortaram as pontas das hastes na ainda mais difícil manipulação do «barbeiro», o touro sofreu no seu centro nervoso a fica perplexo. Mas o diabo vestido de ouro, ou a cavalo e encasacado, insiste em desafios auxiliado por outros diabos que agitam capas coloridas e provocadoras para a sua vista difícil por débil.

O segundo touro que ontem surgiu na praça da Moita teria esfregado os olhos e os cascos das mãos o deixassem. É que na arena não o esperava nenhum diabo, mas sim uma dama loura e bela, que bem cavalgava e o desafiava. Gostaria aquele touro de oferecer á bela caramelos ou flores, mas houve de se conformar e de aceder aos desafios da dama gentil, e investiu. Investia o touro, e a dama consentia, para logo lhe cravar um ferro que fazia doer, e outra, e outra vez se lhe parecia entregar, para de novo o castigar e se esquivar. Mulher, enfim! Mas o touro é um bicho, e o homem um pobre homem E o jogo que desesperava o touro interessava tanto os espectadores que as palmas ferviam como o sangue nas veias da fera insofrida e não satisfeita Cavalgava a dama com destreza rara e desconhecida do touro nas suas correrias com os campinos, e é que a bela é do Texas, da terra dos ágeis «cow-boys», e recreada na luta com os touros do México. E o touro português não queria consentir o que os do México huveram de suportar por terem outro sangue, menos aguerrido e soberbo que o dos da nossa Península. O caso é que a bela fez dele tudo quanto quis, entre ovações e com duas voltas á arena e o touro lá voltou á casa escura.. e lá irá para o matadouro, como todos os destas terras.

O seu segundo touro havia de vingar o primeiro, fazendo escorregar e caír o cavalo e pisando a bela, que houve de recolher á enfermaria, para logo voltar, com grande satisfação dos espectadores, que a ovacionaram novamente.

Acompanhou a bela do Texas e concluiu a lide do touro que a colheu, o cavaleiro austríaco-luso Gustavo Zenkhe que lhe fez as honras com êxito e voltas á arena com os amadores da terra, que pegaram bem.

O espanhol Juan Guajardo foi aplaudido, mas também colhido, e recolheu á enfermaria com possíveis fracturas, mais gravemente que Manolo Cortes, este sofrendo na véspera apenas ligeiro hematoma no ventre, e porque o touro não tinha pontas, escapou á perfuração. Andou o diabo á solta nesta Feira da Moita...

Manuel António, o toureiro da Moita, confirmou as esperanças que nele depositámos, e foi ovacionado e ouviu música, deu volta em ombros e assim passeado pelas ruas da vila. Promete muito este Manuel António, e confiamos em que cumprirá a nossa profecia.

Bem dirigiu mestre Custódio Domingos.

Os touros de ontem, do Vale do Sado e de Figueiredo Lampreia, cumpriram bem, e boa foi a assistência ao espectáculo, três quartos de casa, mais que na véspera.

«EL T. PÉREZ»

«OS CAVALEIROS TEUTÓNICOS» NO CINECLUBE IMAGEM

Hoje, ás 18 e 40, no Jardim Cinema, o Cineclube Imagem exibe o filme «Os Cavaleiros Teutónicos», de Aleksander Ford. Admitem-se novos sócios á entrada da sessão.

Logan's
Scotch Whisky de luxe
of White Horse

IMPORTADO DIRECTAMENTE DA ORIGEM
AGENTES
COSTA PINA & VILAVERDE, LDA.
RUA DO BONJARDIM 420 - PORTO
J. A. DA COSTA PINA, LDA.
RUA DO ALECRIM 73 - LISBOA

FALTAM APENAS 13 DIAS
PARA O ENCERRAMENTO DA ATRACÇÃO MÁXIMA DA CAPITAL
FEIRA POPULAR de LISBOA
A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»
Espectáculo permanente até de madrugada—Todas as atracções em movimento constante — Requintado serviço de restaurantes
ABERTURA ÀS 19 HORAS
HABILITE-SE AO SORTEIO MENSAL DE 5 MOTORIZADAS CASAL OFERTA DA METALURGIA CASAL, DE AVEIRO

SÁ DE MIRANDA
ENSINO PRIMARIO // CICLO PREPARATORIO E LICEAL
DIURNO — NOCTURNO
RUA ALEXANDRE BRAGA, 17 (A ESTEFANIA)
Telefs.: Secret. 45310 — Direcção 537532

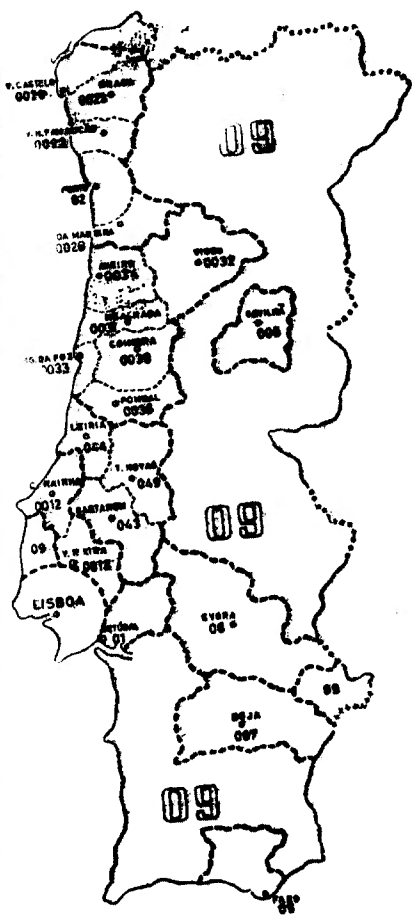
Gravataria PARIS
RUA AUREA, 172

para remodelação das suas secções
e criação de outras liquida

SÓ DE 15 A 30 DE SETEMBRO
todos os seus restos de colecções

NOVOS PREÇOS DE OCASIÃO EXCEPCIONAL

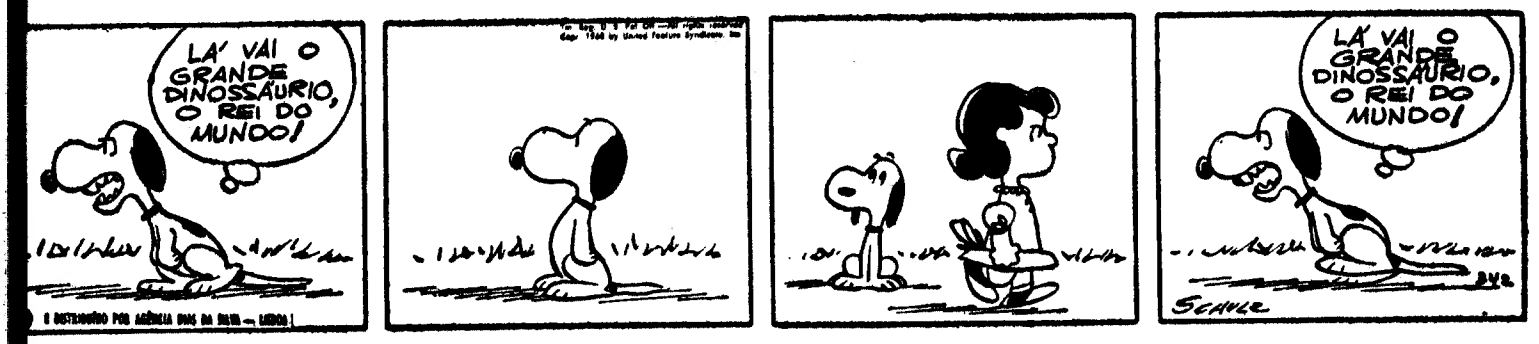
Administração-Geral dos C.T.T.
SERVIÇO TELEFÓNICO INTERURBANO AUTOMÁTICO



A partir do dia 19 às 24 horas, os assinantes de Lisboa com acesso ao serviço interurbano automático obtêm directamente os números dos telefones das redes de ALBERNOA, ALDEIA RUINS, ALFUNDÃO, ALJUSTREL, BALEIZÃO, BERINGEL, ERVIDEL, FERREIRA DO ALENTEJO, FIGUEIRA DE CAVALEIROS, MESSEJANA, ODIVELAS, QUINTOS, SALVADA CABEÇA-GORDA, SANTA VITÓRIA, S. JOÃO DE NEGRILHOS, SÃO MATIAS E TRINDADE, marcando para o efeito o indicativo 007.

Para obter os números dos telefones da rede manual de BEJA deverão marcar o indicativo 0073 e pedir em seguida à telefonista o número pretendido.

Os Peanuts



Carol Day

Aventuras do Tio Carlos

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 18 de Setembro de 1939 publicava:

«CHANGAI, 18. — **Depois de uma calma de perto de seis meses, as tropas japonesas reabriram as hostilidades na frente de Nanchang e a aviação nipónica recomeçou a bombardear o interior. Os círculos chineses pensam que a recente nomeação do comandante supremo das forças japonesas na China e a trégua com Moscovo são o indício de uma grande ofensiva geral nipónica.** No entanto, **duvida-se nos círculos japoneses que a «trégua» russo-nipónica na Mongólia leve a um «pacto» de não-agressão» entre a Rússia e o Japão.»**

MORTE DE UM DEMENTE

MONFORTE, 18. — Na via férrea, por altura da Herdade do Ronha, no ramal da linha de Portalegre a Fronteira, no limite deste concelho com os de Portalegre e Crato, atirou-se para debaixo da automotora o sr. José Manuel Romão da Silva, de 31 anos, solteiro, filho do sr. António Joaquim da Silva, já falecido, e da sr.ª D. Jesuína Tavares Romão, que está internada, há anos, numa clínica de psiquiatria.

O infeliz, que já esteve emigrado em França, onde, também, foi internado por doença mental, ficou com os membros inferiores separados do corpo.

O corpo, depois de presentes as autoridades e dispensadas formalidades judiciais, foi levado para casa do sr. João Romão, tio do pobre homem, lavrador na herdade «De Rodas», de onde saiu o funeral para o cemitério de Portalegre.

Palavras cruzadas

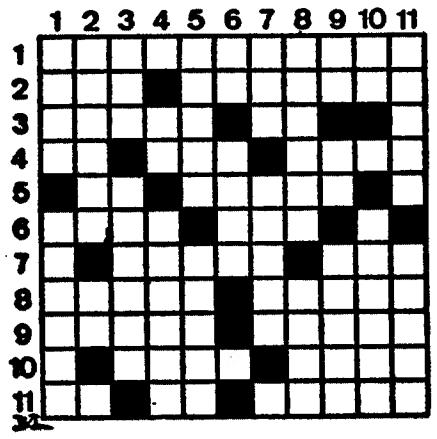
(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5302

HORIZONTAIS: 1 — Filosofia que se ensinava nas escolas da Idade Média e que se manteve em alguns estabelecimentos até fins do séc. XVIII. 2 — Prefixo que designa terra. Sem fim. 3 — Guarnecer de ameias. Apenas. 4 — Pronome reflexo. Partida. Olhe. 5 — Artigo (pl.). Tarefas. 6 — Aquele que, Gemidos. 7 — Sustenta. Moeda nacional do Japão. 8 — Verão. Alcunha do casapiano. 9 — Vaza. O dia que passou. 10 — Perímetro da saia. Rio que nasce na serra de Albarracin, em Espanha e que tem em Portugal 230 km de curso. 11 — Nota de música. Emo. Falsos.

VERTICAIS: 1 — Nome do que foi o aio de D. Afonso Henriques. Propensões. 2 — Espalhou. A si. 3 — Filtre. Perceber. 4 — Nesse lugar. Grande número. 5 — Lento. Soado. 6 — Bastal (inv.). Levantar as abas. 7 — Catedrais. General e patriota espanhol, que Fernando VIII mandou fuzilar (em 1828). 8 — Cantigas. Diante. 9 — Prefixo de negação. Pertences. Prefixo que designa «entre», «dentro». 10 — Aqui. Pretende. 11 — Bastante. Divisões administrativas do antigo Egipto.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5301

HORIZONTAIS: 1 — Afiliados. 2 — VINHO. Suois. 3 — Ince. E. Apis. 4 — Lia. Lua. 5 — Tu Se. MEDO. 6 — DESCOBREM. 7 — Vouga. Rés. 8 — Aderir. Octo. 9 — Mete. Os Ien. 10 — Odemira. 11 — Assomam. Moa.

VERTICAIS: 1 — Avilltavam. 2 — Tiniu. Ode. 3 — Inca. Duetos. 4 — Lhe. SEGREDO. 5 — Ao. Lesai. Em. 6 — Eu. Roma. 7 — Os. Amo. Sim. 8 — Sua. Ebro. 9 — Apodreciam. 10 — H. Oeste. 11 — Oso. Onda.

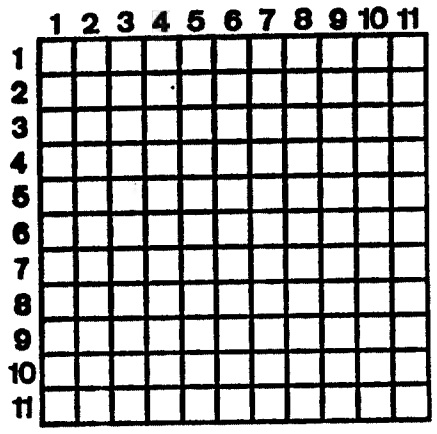
(Provérbio: **Vinho e moda descobrem segredo**).

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9145

HORIZONTAIS: 1 — Rei lendário dos Sabinos de Cures. Do sexo masculino. 2 — Escarnecerá. Coloquei dentro. 3 — Rezo. Filtra. Senhor em inglês. 4 — Futil. Cidade de Portugal. Letra grega. 5 — Transferir para outro dia. Cidade de Portugal. 6 — Aversão. Numeral. 7 — Cobalto (s. q.). Rei de Basã, gigante que se opunha à passagem dos Israelitas. 8 — Capa sem mangas. Nome de mulher. Princípio. 9 — Estrépito de desmoronamento. Pega brasileira. O mais. 10 — Traço. Diz-se dum ácido contido nas urinas. 11 — Solitários. A folhagem das plantas.

VERTICAIS: 1 — Cantiga. Freguesia do concelho de Amares (Braga). 2 — Vadia. Polir 3 — Nome dum jogo. Pedaço de febra de bacalhau. Samário (s. q.) 4 — Seguia. A corte. Ferro temperado. 5 — Enrubesce. Faldas. 6 — Mágoa. Passado. 7 — Ligues. Rio de França. 8 — Amónio (s. q.). Líquido gorduroso. Época. 9 — Rente. Cidade de Espanha. Prefixo de negação. 10 — Arremessas. Fêmea do boi. 11 — Naipe das cartas de jogar. Pacotes.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9144

HORIZONTAIS: 1 — Tapem. Tolpa. 2 — Riam. Ator. 3 — Oro. Cás. Use. 4 — To. Tazem. Ta. 5 — Asais. Damas. 6 — Arma. Ares. 7 — Ut. Ca. 8 — Im. Otelo. Pé. 9 — Nós. Riu. Sás. 10 — Atira. Apare. 11 — Iaras. Romeu.

VERTICAIS: 1 — Trota. Sinal. 2 — Airosa. Mota. 3 — Pão. Aru. Sir. 4 — Em. Tinto. Ré. 5 — Casa. Trás. 6 — Paz. Lei. 7 — Seda. Luar. 8 — Aa. Março. Pó. 9 — Itu. Mes. Sam. 10 — Pastas. Pára. 11 — Áreas. Teseu.

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

CONCURSO PARA ATRIBUIÇÃO DE CASAS EM CASTELO BRANCO

Está aberto concurso, até ao dia 10 de Outubro de 1969, para atribuição de habitações construídas pela Caixa Geral de Aposentações, na cidade de Castelo Branco destinadas a funcionários do Estado e dos Corpos de Administrativos e a indivíduos estranhos à função pública, em regime de propriedade resolúvel.

As condições constam do «Diário do Governo», III Série, n.º 213, de 11 do corrente, e encontram-se patentes no Serviço do Património, em Lisboa, Largo do Calhariz, Palácio Palmela, 1.º andar, e na Filial da Caixa Geral de Depósitos, em Castelo Branco, onde deverão ser obtidos e entregues os boletins de inscrição.

Caixa Geral de Depósitos, 16 de Setembro de 1969.

O Administrador-Geral
Ulisses Cruz de Aguiar Cortês

SALDOS DE ARTIGOS PARA DECORAÇÃO
ESTOFOS, CARPETES, TAPETES
6.ª FEIRA NOVO E ÚLTIMO LOTE
CARPETES, PASSADEIRAS, TAPETES
CARPETES DESDE 150$00 * TAPETES DESDE 15$00
GRANDE LOTE DE RETALHOS DE TECIDOS DESDE 20$00
FINS DE PEÇAS * ARTIGOS SEM DEFEITOS
RAUL NETO, LDA.
PRAÇA DA FIGUEIRA, 18, 2.º (c/ elevador)
— ESQUINA RUA DA PRATA —

O Estádio do Restelo volta a ser do Belenenses

(Continuação da 1.ª página)

Restelo ao clube «azul» é do seguinte teor:

«Considerando que a Camara Municipal, em 1961, recebeu dos dirigentes do «Clube de Futebol Os Belenenses» e em nome portanto, de toda a sua massa associativa, o pedido angustioso para que procedesse ao resgate do seu estádio;

Considerando que a dramática situação em que o mesmo Clube se encontrava pode ser conhecida através das passagens das cartas enviadas por aquele Clube a esta Camara Municipal em 12 de Janeiro de 1961 e em 2 de Fevereiro do mesmo ano, recordam-se alguns períodos extraídos das referidas cartas: Na primeira diz o Clube:

— «por falta de meios... deixou de pagar aos bancos, aos particulares e a fornecedores. Já não tendo mais a quem pedir dinheiro, viu-se o Clube obrigado a não pagar a fornecedores, nem aos seus funcionários e atletas» .. «encontra-se por isso na absoluta impossibilidade de saldar os seus compromissos e»... «na absoluta impossibilidade de dar continuidade ás suas actividades»... «impondo-se á sua direcção a dolorosa medida de o encerrar, o que se verificará dentro de curtas semanas»... «alguns dos avalistas teriam mesmo que se desfazer dos seus bens patrimoniais para poderem liquidar do seu quinhão naquelas responsabilidades»... «esgotados todos os meios de resolução interna a Direcção considerando *ser a Camara Municipal a verdadeira proprietária do Estádio, por o ser do terreno e de dois terços das obras efectuadas*, deliberou no sentido de sugerir o resgate do Estádio».

E continua:

«Levando a Camara Municipal um pouco mais longe o seu esforço .. entra não só na posse imediata do Estádio .. como salva o Clube da falência e consequente encerramento».

«.. é desagradável... que o Estádio do Restelo deixe de ser designado como Estádio do Belenenses. Infelizmente, não há alternativa.»

Da carta do Belenenses datada de 2 de Fevereiro de 1961, extraem-se os seguintes períodos:

«...Abordaram a questão junto do Governo mas entendeu-se que não era a este que competia solucionar o problema.»

«Entraram na fase executiva acções judiciais contra o Belenenses»... seguir-se-ão dentro de 20 dias, os consequentes actos de penhora»... «por isso... foi proposto o resgate...» «a unica verdadeiramente procedente e relevante.»;

—As obras realizadas no Estádio pelo Clube foram avaliadas em aproximadamente 9000 contos, mas a Camara por sua própria iniciativa considerou outras valorizações para que o resgate se efectuasse pelo mais alto preço possível, como na verdade se efectuou, pela importancia de 13 085 contos;

— Considerando que por escritura lavrada em 29 de Junho de 1961 o Estádio do Belenenses passou á posse plena da Camara Municipal que o destinou a Estádio Municipal;

— Considerando que apesar do Estádio Municipal do Restelo ter ficado á disposição de todas as instituições desportivas ou simples individuos, foi deliberado abrir uma excepção a favor do Belenenses, no sentido de o ajudar a vencer a sua crise, estabelecendo com tal finalidade a taxa mensal simbólica de 15 contos a pagar apenas em dez meses em cada ano, sem quaisquer outros encargos para o Clube decorrentes da utilização das várias instalações do Estádio;

— Considerando que num período de crise grave que impunha o seu encerramento, ninguém atendeu ao apelo do Belenenses, nada fazendo em seu favor, e *que foi só e exclusivamente esta Camara Municipal e mais ninguém, quem salvou o Belenenses da morte eminente e considerada como certa, em 1961;*

— Considerando que depois de 1961 se tem verificado por parte dos dirigentes e massa associativa do Belenenses um esforço, digno do maior apreço, visando ao ressurgimento da velha instituição lisboeta, para o que se tem congregado os esforços dos antigos e actuais associados, que têm conseguido manter o Clube em constante actividade desportiva, plena de fé no dia de amanhã;

— Considerando a dedicação, a inteligência e o apurmo com que a actual Junta Directiva do Belenenses e em especial o seu ilustre presidente Juiz-Desembargador Fernando Olova Gouveia da Veiga tem enfrentado a crise do seu Clube e a maneira leal, compreensiva e clara como pediu o apoio do Município, atitude essa a que esta Camara Municipal não pode ficar indiferente:

— Considerando que em carta de 6 do mês de Agosto de 1969, a Junta Directiva do Clube de Futebol «Os Belenenses» solicitou da Camara Municipal a cedência do Estádio Municipal do Restelo por período de tempo renovável comprometendo-se ao pagamento de uma renda mensal;

— Considerando que o referido Clube se encontra utilizando o referido Estádio nos termos da deliberação aprovada em reunião publica de 29 de Junho de 1961;

— Considerando que o mesmo Clube tem pendente o pagamento de todas as rendas desde Junho de 1965, pelo que deve á Camara Municipal de Lisboa, nesta data, a importancia de 1459097$80

— Considerando ser desejo desta Camara Municipal conceder áquele grande Clube lisboeta a mais ampla ajuda para efeito da valorização em que os seus dirigentes, desportistas e massa associativa.

Proponho:

1.º — Que a Camara Municipal entregue ao Clube de Futebol «Os Belenenses» para sua utilização gratuita e exclusiva as instalações existentes no Estádio Municipal do Restelo, pelo período de 25 anos, renováveis.

2.º — Que a piscina municipal em construção não seja incluida na cedência, sendo vedada com muros, de acordo com o projecto em execução

3.º — Que a manutenção de todos os elementos que constituem o conjunto desportivo do Estádio Municipal do Restelo fica á inteira e completa responsabilidade do Clube de Futebol «Os Belenenses».

4.º — Que a Camara Municipal de Lisboa se reserve o direito de utilizar para empreendimentos da sua iniciativa qualquer dos campos do referido Estádio, mediante o aviso prévio de um mês

5.º — Que a Camara Municipal delibere ficar sem efeito as deliberações municipais referentes ao referido Estádio tomadas nas reuniões publicas de 22 de Junho de 1966 e 20 de Junho de 1968

6.º — Que ficam exclusiva e permanente reservados para a Camara Municipal os dois camarotes que presentemente lhe estão destinados.

7.º — Que a Camara Municipal delibere conceder ao Clube de Futebol «Os Belenenses» um subsídio de 4000 contos, exclusivamente destinado ao pagamento do débito ao Município calculado na data da sua liquidação, á melhoria das instalações eléctricas e á construção de um campo polivalente de patinagem e de basquetebol. Este subsídio será pago em 2 prestações iguais, a primeira em 1970 e a segunda quando estiverem realizadas as obras referidas

8.º — Que o pessoal em serviço no Estádio Municipal do Restelo transite para o Clube de Futebol «Os Belenenses» a cargo de quem ficará».

JUIZ DESEMBARGADOR GOUVEIA DA VEIGA: —REALIZOU-SE UM VELHO SONHO

Entre a assistência, felizes e, naturalmente, emocionados, dois componentes da Junta Directiva do clube: juiz desembargador Gouveia da Veiga e dr. Coelho da Fonseca. Do «trio» de directores do ressurgimento do clube só faltava Acácio Rosa, fora de Lisboa, e, quem sabe, talvez a evitar o choque que a notícia, com certeza, lhe causaria.

Depois da provação, por unanimidade, e que só teve uma intervenção, do vereador Casimiro de Almeida — *«Espero agora que os 50 000 adeptos do clube que enviaram as suas assinaturas ao Presidente da República, façam mais qualquer coisa pelo clube»* — o juiz desembargador Gouveia da Veiga acedeu em pronunciar algumas breves mas sentidas palavras para o «Diário de Lisboa»:

— *A generosidade, compreensão e alto apoio da Câmara Municipal de Lisboa e, em especial, ao seu grande presidente, general França Borges, estão gratos todos os «belenenses» espalhados pelo mundo. Realizou-se o velho sonho deste clube de ter um estádio seu, sonho que só foi possível concretizar-se pela forma valiosa como a massa associativa encarou os próprios destinos do clube. Que os «belenenses» saibam, agora, ser dignos do seu verdadeiro e eficaz reengrandecimento.*

A REVISÃO DAS TARIFAS DA CARRIS PODERÁ SER ENCARADA (EM 1970) SE A QUEBRA DE RECEITAS CONTINUAR

A Carris foi informada pelo Governo de que é inviável uma revisão das tarifas dos eléctricos e autocarros até ao fim do ano, mas se a actual quebra de receitas continuar «tal revisão será encarada no próximo ano» — revelou esta manhã o general França Borges durante a sessão do Município, ao tornar pública uma carta que o administrador-delegado da concessionária lhe enviou em 8 de Agosto.

A sessão, muito animada, teve a presença de oito vereadores (e intervenção directa de dois). O presidente começou por informar ter sido posta a concurso a primeira fase dos trabalhos de implantação da reclamada passagem de peões no Cais do Sodré. Por outro lado, está concluído o esgoto da Estrada da Luz (a zona não tinha ligação com a rede geral de esgotos da cidade). Novidade ainda: vão ser beneficiados os pavimentos das Avenidas João XXI, Sacadura Cabral e Óscar Monteiro Torres.

A Câmara é contra o aumento das tarifas

Seguiu-se uma longa intervenção, sempre do general França Borges, sobre o problema da revisão tarifária nos transportes colectivos á superfície de que a Carris é concessionária.

Tudo começou há tempos quando o vereador Manuel Casimiro de Almeida, também em sessão da Câmara, afirmou constar-lhe que a Carris procederia brevemente a nova revisão (leia-se **aumento**) das suas tarifas. A concessionária iria responder com um comunicado onde se sugeria ser a Câmara palco de certos «desmandos oratórios».

— *Os vereadores usam de um direito que a lei lhes confere, pronunciando-se livremente sobre todos os assuntos que reputam uteis á boa administração da cidade, como legitimos representantes da população* — precisou o general França Borges.

E de revelar o conteudo da carta de 8 de Agosto, que inclui numeros considerados alarmantes pela Carris numa altura em que assinou novo acordo colectivo de trabalho com os Sindicatos representantes do seu pessoal: entre 1 de Janeiro e 15 de Julho de 1969 houve uma quebra de 13 milhões e meio de passageiros (e 30 450 contos a menos na receita)

«A Companhia», «escreveu o administrador-delegado, espera que a digna Vereação da Presidência de V. Ex.ª igualmente considere, com justiça e objectividade, as propostas que oportunamente lhe sejam submetidas, caso o desequilíbrio financeiro causado por esta medida, imposta pelo interesse político — de que só o Governo é juiz — não possa ser restabelecido com as receitas provenientes das tarifas actualmente em vigor». Pela pena do seu presidente, o Município respondeu: «Foi sempre opinião desta Câmara que o equilíbrio económico da concessão deveria procurar-se na própria forma como decorre a exploração e como esta é administrada e não no aumento tarifário. Esta opinião é a que, evidentemente, se continuará a sustentar.»

Ainda sobre o assunto pronunciaram-se os vereadores sr. Casimiro de Almeida e eng.º Santos e Castro, este para lembrar mais uma vez que é urgente encetar as obras duma nova linha do Metropolitano: a da beira-rio.

Solução nas Linhas de Torres

Se a proposta de entrega do Estádio do Restelo mobilizou de facto as atenções gerais, deve dizer-se que o *momento desportivo* não ficou por aí: em escrutínio secreto (mas sem grande *suspense*) foi aprovada a concessão da medalha de ouro da cidade a três colectividades que este ano comemoram os seus 50 anos — Clube Nacional de Natação, Clube Sportivo de Pedrouços e, bem entendido, «Os Belenenses»

Entretanto o presidente anunciou que vão prosseguir as obras da avenida paralela á Alameda das Linhas de Torres, agora com a abertura do troço entre a Quinta das Mouras e o Campo Grande. Há «dificuldades», admitiu o general França Borges, mas serão resolvidas por meio de expropriações

De entre uma dezena de propostas aprovadas no termo da sessão destaca-se a da venda (aos T. L. P.) de um lote de terreno na Quinta de Santo António (840 metros quadrados no valor de mil contos), onde será construído o edifício da Central Telefónica Automática do Lumiar

Recorde-se ainda a aprovação do 3.º Orçamento Suplementar para 1969 — receitas e despesas atingem o montante de 52 360 200$00.

A próxima sessão será a 16 de Outubro.

GINÁSTICA NOS ELÉCTRICOS

O vereador Manuel Casimiro de Almeida é um homem bem humorado. Autor da intervenção que deu origem ao comunicado da Carris — e posteriormente á troca de cartas entre o general França Borges e o dr. Reymão Nogueira —, disse, hoje, de sua justiça:

— Congratulo-me com o melhoramento agora introduzido pela Carris nos eléctricos.

O que seria? Ora bem, as argolas para os passageiros manterem melhor o precário equilibrio durante a viagem! Melhoramento que o sr. Casimiro de Almeida sintetizou assim, depois de relatar um velho episódio com cavalos da sua propriedade:

— Vêm aí os «garranitos» das escolas. Habituados ás barras paralelas que já havia, chegarão, agora, ás argolas de cabedal?

Para ele, viajar de eléctrico é uma ginástica. Não está desacompanhado: vimos muita gente a concordar com um gesto significativo.

«DIÁRIO DE LISBOA»

Da Associação de Andebol de Lisboa recebemos um ofício pelo que a direcção daquele organismo nos comunica que, na sua reunião de 26 de Agosto, foi exarado em acta um voto de louvor ao «Diário de Lisboa».

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

INSTITUTO ALEMÃO
CURSOS DE LÍNGUA ALEMÃ

Para principiantes e adiantados. Cursos especiais e de literatura para alunos com bons conhecimentos de alemão.

Os cursos funcionam de manhã, à tarde e à noite.

Abertura das aulas em 14 de Outubro. As inscrições estão abertas a partir de 22 de Setembro, das 11 às 13 e das 16 às 19 horas, todos os dias úteis, excepto aos Sábados, na Secretaria do Instituto, Av. da Liberdade, 222, 2.º

Actualidade internacional

O «atentado» foi afinal um acidente

BOGOTA (Colômbia), 18 — (R.) — O caso em que um pedaço de metal caiu sobre o tejadilho do automóvel do embaixador norte-americano Jack Vaughn foi considerado a noite passada nesta capital como um simples acidente.

Um jovem, detido pouco depois do incidente, que ocorreu anteontem na cidade de Cali, foi posto em liberdade ontem de manhã. O objecto de metal caiu aparentemente de uma janela de quarto andar sobre o carro do embaixador, que passava por baixo, causando úma pequena moça no tejadilho do automóvel.

AVISO DA OIT À ESPANHA

GENEBRA, 18 — (R.) — Um grupo de estudo da Organização Internacional do Trabalho avisou hoje a Espanha de que tinha que passar por diversas fases antes do seu sindicalismo poder ser considerado inteiramente representativo.

O grupo, de três membros, criado a pedido do Governo espanhol, declarou que a «dependência de direcção política» da organização sindical tinha diminuido, mas que ainda representava um obstáculo considerável à criação de um movimento sindical genuino e representativo.

FIGURA EM FOCO

Foi com justificável curiosidade que os observadores atentos á evolução dos países do Terceiro Mundo seguiram os recentes acontecimeotos políticos do Ghana. A Junta Militar que, em Fevereiro de 1966, depôs o presidente Kwame Nkrumah e ocupou o poder, promoveu a sua própria substituição por um Governo de Civis. Esta modificação da fisionomia política ghanesa foi

KOFI BUSIA

precedida pela aprovação de uma nova Constituição e por eleições gerais das quais o Partido do Progresso do dr. Kofi Busia saiu vencedeor.

Professor de Sociologia, formado pela Universidade de Oxford, Kofi Busia, de 56 anos, tornou-se, por virtude da vitória eleitoral do seu partido, chefe do novo Governo do Ghana. O Partido do Progresso obteve 104 dos 140 lugares do Parlamento, o que permitirá a Busia governar com quase pleno apoio da principal câmara legislativa de Accra. A oposição estará práticamente reduzida aos representantes da Aliança Nacional dos Liberais que, apesar de uma campanha eleitoral bem organizada, não conseguiu fazer eleger mais de 29 deputados. Aliás, o resultado do escrutínio facilitou notávelmente a transferência de poderes governamentais, pois um eventual êxito da Aliança Nacional da Revolução e do seu «leader» Komba Gbedemah, seria considerado pelos militares que chefiaram a «revolução» de 66 como contrário ao espírito da mesma.

Elemento moderado da cena política ghanesa, Kofi Busia foi um dos principais adversários políticos de Kwame Krumah. A orientação socialista preconizada pelo antigo presidente do Ghana como unico meio de reforçar a independência do país, obtida em 1957, suscitou-lhe sempre a mais viva reacção a ponto de ter sido obrigado a escolher o exílio. Regressado ao país, pouco depois do golpe de Estado de 1966, Kofi Busia ascendeu ao cargo de vice-presidente da comissão política consultiva da junta militar e exerceu papel relevante na elaboração da nova Constituição. Esta introduz no Ghana um sistema de democracia - parlamentar, sendo o poder executivo da responsabilidade do chefe de Estado e do primeiro-ministro.

Kofi Busia terá de enfrentar uma situação económica extremamente delicada. A dívida externa cifra-se presentemente em mais de 950 milhões de dólares (cerca de 25 milhões de contos) e o desemprego atinge 100 000 trabalhadores. Por outro lado, as medidas que até aqui têm sido tomadas no sentido de encorajar o aumento da produção de cacau, principal exportação do país, têm deparado com a baixa de preços desse produto nos mercados internacionais.

No que respeita á política externa, Busia expôs os seu planos em recente declaração concedida á revista «L'Express»: «Estreitar as relações com os vizinhos francófilos, nomeadamente, com o meu amigo Félix Houphovet-Boigny, presidente da Costa do Marfim. Admitir a realidade sul-africana e convencer a África do Sul mais do que combatê-la. Promover, por um compromisso razoável, a paz em Biafra».

P. C.

MANIFESTAÇÃO CONTRA A RAINHA — Elementos da Associação dos Artistas Profissionais holandeses (B. B. K.) manifestaram-se nas ruas de Haia, contra a política cultural do Governo no momento em que a rainha Juliana se dirigia para o Parlamento a fim de presidir á sua abertura oficial. Os manifestantes empunhavam cartazes com dizeres contra a rainha

Nixon discursa hoje

NAÇÕES UNIDAS (Nova York), 18 — (R.) — Uma nova tentativa para se conseguir a paz no Médio Oriente será iniciada hoje com um discurso do presidente Nixon na O. N. U. e o recomeço de conversações entre os Estados Unidos e a União Soviética sobre a crise naquela parte do mundo.

Espera-se que Nixon dedique grande parte do seu discurso na Assembleia Geral á necessidade de uma redução da tensão entre Israel e os países árabes.

As conversações entre o subsecretário de Estado americano para as questões do Médio Oriente, Joseph Sisco e o embaixador soviético em Washington, Anatoly Drobynin, deverão principiar hoje em Nova York, segundo revelaram fontes fidedignas.

Observadores julgam que o presidente e o secretário de Estado, William Rogers, poderão também aproveitar a oportunidade para recomeçar um diálogo com o Cairo quando se avistarem esta noite com altos funcionários egípcios durante uma recepção presidencial.

O Cairo cortou as relações diplomáticas com Washington a seguir á guerra de Junho de 1967 no Médio Oriente.

NASSER DOENTE

(Continuação da 1.ª página)

Por outro lado, a abertura da Assembleia Geral das Nações Unidas tinha acabado de voltar a focar o aspecto diplomático da crise do Médio Oriente. Enfim, há agora a certeza de que o presidente egípcio não tomará parte na reunião islâmica de alto nível em Rabat. Pensa-se que Anouar Sadate, primeiro vice-presidente representará Nasser nessa reunião, na qual a R. A. U. desempenha um papel apagado.

GOLPE DE ESTADO?

LONDRES, 18 — (F. P.) — Informações da Imprensa provenientes do Cairo dão a entender que o presidente Nasser teria morto na casca um golpe de Estado, tendo mandado colocar o primeiro-ministro Aly Sabri com residência vigiada, indica esta manhã o jornal «Guardian», sob a assinatura do seu correspondente em Jerusalém. Em Jerusalém prossegue o «Guardian», pensa-se geralmente que a atitude do presidente egípcio a respeito de Israel estaria na origem do descontentamento cada vez maior dos meios militares e políticos.

Por seu lado. o «Times», sob a assinatura do seu correspondente em Beirute, revela uma «purga administrativa» de grande envergadura visando especialmente os meios marxistas favoráveis á União Soviética, nomeadamente Aly Sabry, uma das personalidades políticas mais em destaque na R. A. U., e Abdel Magic Farid, director do gabinete do presidente Nasser, também marxista da tendência de Sabry, teria sido substituído por Hasan Al Tihami, um dos «oficiais livres» que realizaram o golpe de Estado de 1952 contra o rei Farouk. Farid também era director da União Socialista Árabe.

TRANSFERÊNCIAS

BEIRUTE, 18 — (R.) — O jornal «Al Jarida», de Beirute, anunciou hoje que no comando do Exército egípcio estavam a realizar-se transferências em larga escala.

O jornal citava «uma notícia exclusiva» proveniente do Cairo — segundo a qual o general Ahmed Esmail, chefe do Estado-Maior e nomeado após a morte ocorrida há um ano, do general Abdel Moneim Riad, tinha sido demitido.

De acordo com a noticia do diário de Beirute, o seu sucessor seria o general Mohammed Sadek, chefe dos serviços secretos do Exército desde 1966.

Acrescentava que as mudanças em destacados postos militares tinham começado três dias depois do «raid» israelita no Mar Vermelho, desencadeado em 11 do corrente, e onde «pereceu grande quantidade de civis egípcios».

Quem é ele ?
Um homem
de preferências bem definidas
Os melhores fatos ...
Os melhores carros ...
Objectos raros ...
e os cigarros KENT
com o filtro exclusivo micronite
KENT, o cigarro americano
preferido em todo o mundo

Abalo de terra no Japão

TÓQUIO, 18 — (R.) — Um abalo de terra razoávelmente violento foi sentido, em duas ondas, ás primeiras horas de hoje na parte sul de Kyushu, a ilha mais meridional do Japão, segundo comunicaram os serviços meteorológicos japoneses.

Disseram ainda que o primeiro sismo se registara por volta das 3 e 41 horas locais (18 e 41 T. M. G.) e o segundo cerca de onze minutos mais tarde.

Não foi anunciado imediatamente ter havido estragos.

AMEAÇADO DE MORTE O EX-PREFEITO ADJUNTO DA POLÍCIA DE ROMA

ROMA, 18 — (F. P.) — Scire, antigo prefeito-adjunto da Polícia de Roma, encarcerado há vários meses sob a acusação de ter protegido diversas casas de jogo clandestinas, afirma que se encontra ameaçado de morte.

Segundo os jornais de Roma, Scire acusa certas «personalidades de peso» de quererem reduzi-lo ao silêncio. O antigo prefeito-adjunto da Polícia, escreve a Imprensa, redigiu, na prisão de Grosseto, onde foi encarcerado vários meses antes de ser transferido para a prisão-hospital de Parma, um «memorando», acompanhado de documentos precisos, acerca dos motivos da sua prisão. Foi devido a investigações acerca da Mafia e por ter descoberto relações entre os «chefes» da «honrada sociedade» personalidades colocadas acima de qualquer suspeita da vida pública italiana, que foi metido na prisão, diz Scire.

No seu «memorando», Scire faria igualmente revelações relativas ao assassínio de dois polícias que haviam querido levar mais para a frente o inquérito, assunto que nunca ficou bem esclarecido.

Enfim, Scire acrescentaria que se encontra ameaçado de morte, o seu testemunho tornando-se perigoso para as personalidades em questão.

A existência deste «memorando» não foi confirmada oficialmente. Scire declarou-se sempre inocente no caso das casas de jogo clandestinas, onde as suas relações, diz ele, deviam apenas facilitar-lhe o inquérito.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

CURSO DE INSTRUÇÃO PRÁTICA
SECRETARIADO
EM GERAL AS ALUNAS COLOCAM-SE POR INTERMÉDIO DA ESCOLA
A duração depende das habilitações das alunas, sendo minima para as que têm a frequência do 5.º ano ou maior preparação. Essas frequentam turmas especiais.
Escola Lusitânia Feminina
RUA DE D. ESTEFÂNIA, 126 (à Av. Duque de Avila)
TELEFONES 4 47 30 - 55 35 75

«Fantásticos» progressos da ciência espacial

WASHINGTON, 18 — (A. N. I.) — Os fantásticos progressos da ciência espacial, rivalizando com as grandes utopias da ficção científica, poderão torná-las puras realidades antes de serem avós os astronautas de hoje — anuncia a Sociedade de Geografia dos Estados Unidos.

A viagem do Homem á Lua — afirma — «é sómente um passo na marcha da Humanidade para os mais altos níveis da exploração espacial».

Pode mesmo prever-se a construção de gigantescas naves espaciais, movidas a energia nuclear e o estabelecimento de uma habitação lunar, ainda nesta geração, enquanto a era da colonização dos planetas distantes poderá começar na viragem do século.

A sociedade nota que estão planeadas mais nove missões Apolo e só as despesas, que devem exceder os 22 biliões de dólares (616 milhões de contos) nos primeiros oito anos do programa Apolo, poderão determinar o limite das possibilidades do Homem no espaço.

A NASA declarou que o Homem precisa de aprender a viver no espaço exterior de modo a permitir que três homens, um deles médico, se mantenha em órbita á volta da Terra, em 1971, em viagens que durem de um a dois meses.

O próximo passo a dar pela NASA é a construção de uma estação orbital espacial, que poderá vir a ser alargada, de modo a poder acomodar uma tripulação de uma dezena de técnicos e possivelmente, até uma mulher.

A Sociedade de Geografia crê que das estações espaciais o Homem poderá lançar naves espaciais, aproveitando uma fase de «planetas em linha», antes da década de 80: esse fenómeno só voltará a ocorrer no ano 2158.

«A gravidade dos planetas ajudará os engenhos espaciais a moverem-se no espaço, com um efeito de bolas de bilhar, o que permitirá poupar muito combustível.»

A Sociedade esclarece, no entanto, que essas grandes viagens, que poderão demorar de oito a dez anos, serão seguidas por voos interplanetários tripulados, com a primeira paragem em Marte.

A Sociedade nota que Marte «passa apenas» a 56 milhões de quilómetros da Terra em 1971, mas que o Homem só terá possibilidades de tentar essa viagem na vez seguinte em que o Planeta Vermelho se aproximar — ou seja 15 anos depois

Calcula-se que uma nave movida a energia nuclear, á velocidade de cerca de 1500 quilometros por hora, atingirá Marte em 58 dias.

A essa velocidade, Júpiter fica a uma distância de pouco mais de ano e meio Saturno a 3,35 e Neptuno a 12,24 anos de distância.

As viagens em volta de planetas que estão fora do nosso sistema solar, contudo, só se poderão realizar com foguetões que se movam a velocidade próxima da da luz. 326 250 quilómetros por segundo.

No entanto, a Sociedade nota que os astrónomos preveem já o dia em que uma colónia humana, num poderoso engenho espacial, possa partir para o espaço exterior numa viagem que durará gerações

ROD TAYLOR DIVORCIA-SE

LOS ANGELES (Califórnia), 18 — (F. P.) — O actor de cinema e de Televisão Rod Taylor, de 39 anos, obteve ontem o divórcio de Mary Hillem, manequim de 34 anos com quem se havia casado em 1963.

Rod Taylor declarou que a mulher tinha ciumes dos beijos cinematográficos que trocava com as artistas com quem contracenava, recusava-se a compreender que se tratava de «cinema» e fazia-lhe a vida difícil depois de cada cena um pouco terna.

BANCO DE FOMENTO NACIONAL

No intuito de acompanhar
a evolução da vida moderna, o
BANCO DE FOMENTO NACIONAL
criou um novo distintivo.

O símbolo, que se baseia na ideia
de expansão do Banco, é ilustrado
pelo movimento de um elo sem fim.
Apresenta uma continuidade de
movimentação, completada por um conceito tradicional:
"o domínio dos portugueses nos sete mares"
simbolizado pela estrela de sete pontas.
Esta realização gráfica ilustra
tanto a pluralidade das actividades
do Banco de Fomento Nacional, como a
universalidade do seu campo de acção
no espaço económico português.

BANCO DE FOMENTO NACIONAL
IMPULSIONADOR DO CRESCIMENTO ECONÓMICO NO ESPAÇO PORTUGUÊS

ECOS

SHIRLEY MAC LAINE, personalidade vincadíssima do cinema e do teatro, que conjuga — com o que nada se perde — o talento dramático, um raro sentido cómico e uma espécie de presença animal, fortemente atractiva (olhos verdes fosforescentes,, pernas longas, cabeleira ruiva) recusa-se terminantemente a ser uma «deusa do sexo». Num artigo publicado no **Nouvel Observateur** Ivette Romi cita a respeito dela uma expressiva definição de Sammy Davis Jr.: «É uma rapariga que escolheu trazer um circo no rosto». E isto significa afinal a encarnação do riso, da mágoa, da singeleza, do exaspero, do ridículo, em suma, a síntese da condição humana.

*

A biologia molecular interessa hoje toda a gente, através de divulgações melhores ou piores.

Existem bactérias de aparência normal que se multiplicam durante numerosas gerações e depois bruscamente produzem vírus, com todas as consequências daqui decorrentes, de ordem importantíssima no que concerne aos estudos sobre o cancro. Assinale-se um excelente livro sobre este assunto, que acaba de obter o maior êxito em França: «A Biologia Molecular para Todos», de Andre Lwoff (ed. Laffort).

*

EM correspondência publicada no «Nouvel Observateur» exprime-se a opinião assisada de que a desvalorização do franco terá limitado efeito sobre os preços dos produtos franceses no estrangeiro (já antes da desvalorização os estrangeiros conseguiam obter francos a um câmbio 10% inferior ao oficial). A desvalorização não torna mais competitivos os preços franceses. Por outro lado, o aumento de exportações parece dever continuar fraco. Também se afigura infundado o optimismo governamental quanto á possibilidade de evitar uma alta de preços. Há ainda que contar, de resto, com alta real, psicológica, determinada pela massa parasitária de 650 000 estabelecimentos comerciais. Estas opiniões traduzem bem a legítima desconfiança das esquerdas em França perante uma política económica que elas supõem inquinada de aventureirismo e votada ao malogro.

Os candidatos da Comissão Democrática Eleitoral de Braga

Damos a seguir os principais traços biográficos dos candidatos a deputado pela Comissão Democrática Eleitoral de Braga, segundo elementos fornecidos pela referida Comissão:

Marinho Dias

António Pereira Marinho Dias tem 59 anos, é advogado, casado, natural de Celorico de Basto e aí residente. Depois de concluído com distinção o curso do liceu, formou-se em Ciências Jurídicas pela Universidade de Lisboa. Em Coimbra, onde cursou os primeiros anos da Faculdade de Direito, foi presidente da Direcção do Centro Republicano Académico. Ainda em Coimbra foi convidado, como representante da Academia, para uma lista de candidatos a deputados á Assembleia Nacional patrocinada pelo general Vicente de Freitas. Tomou parte activa no Movimento de Renovação Democrática e no Movimento de Unidade Democrática, nas campanhas para a Presidência da Republica dos generais Norton de Matos e Humberto Delgado e nas campanhas eleitorais democráticas das candidaturas a deputados pelo Círculo de Braga, tendo sido candidato nas eleições de 1965.

Foi sócio do Instituto Britanico e colaborador da página da Mocidade da «Seara Nova» e da revista «Sol Nascente».

Humberto Soeiro

Advogado, de 48 anos, casado, residente em Braga, de seu nome completo Humberto Trindade Soeiro, Licenciado em Letras e Direito pela Universidade de Coimbra. Fez o curso liceal em Braga, no Liceu Sá de Miranda e tirou o curso de professor do Ensino Primário na Escola do Magistério da mesma cidade. Como aluno voluntário matriculou-se na Universidade de Direito, onde concluiu em 1947 o curso de Histórico-Filosóficas e em 1956 o de Direito, nisso diplomado com o curso superior de Ciências Pedagógicas (1958).

Foi professor primário e depois de estabelecimentos do ensino secundário técnico. Enquanto católico desempenhou os cargos de secretário-geral-adjunto das relações internacionais e presidente arquidiocesano da Juventude Escolar Católica de Braga.

Colaborou desde 1951 nas campanhas democráticas de Braga e nessa qualidade foi candidato a deputado em 1965. Em 1968/69 foi presidente do Rotary Club de Braga.

Lino Lima

Lino Carvalho de Lima, advogado, residente em Vila Nova de Famalicão, é casado, tem 52 anos e estudou Organização Científica do Trabalho. Licenciado pela Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, nos ultimos oito anos desempenhou as funções de administrador de uma empresa têxtil de malhas, procedendo, nessa qualidade, a prospecções de mercado em quase todos os países da Europa Ocidental, ali visitando modernas unidades industriais.

Estudioso dos problemas económicos, já em 1948 colaborou com o dr. Armando Castro, no trabalho intitulado «A política económica do governo salazarista», publicado no jornal «Eleições Livres», que a Comissão Distrital de Braga de Apoio á Candidatura do General Norton de Matos á Presidência de República, editou em Setembro daquela ano.

Lino Lima tomou parte no II Congresso dos Economistas Portugueses e da Indústria Portuguesa, levado a efeito em Lisboa, em 1957, e no Colóquio sobre a Posição de Portugal Perante a Cooperação das Economias Europeias, que se realizou também na capital, em 1960, promovido pela Associação Industrial Portuguesa.

Autor de um trabalho sobre a «Crise da Indústria Têxtil Algodoeira — 1967», fez uma conferência - colóquio, no Porto, em 1968, sobre o mesmo tema. No mesmo ano, proferiu naquela cidade, outra conferência, seguida de colóquio, versando o tema «Alguns Problemas da Industrialização em Portugal». Ainda no ano transacto, Lina Lima deslocou-se a Angola, onde procedeu a um estudo económico e prospecção de mercado.

Membro da Comissão Central do Movimento Nacional Democrático e da Comissão Central da Candidatura do Doutor Ruy Luís Gomes á Presidência da República, tem pertencido, desde 1945, ás Comissões da Oposição Democrática formadas no distrito de Braga e, nesta qualidade, redigiu, juntamente com o dr. Victor de Sá, o «Programa», apresentado pelos candidatos do Círculo de Braga ás eleições para deputados de 1957 e o manifesto dirigido «Aos Portugueses», em 31 de Janeiro de 1959.

Margarida Malvar

Maria Margarida Braga Malvar, estudante, solteira, de 25 anos, reside em Vila Nova de Famalicão, onde frequentou o Colégio Camilo Castelo Branco, completando o curso secundário no Liceu Nacional de Sá de Miranda, em Braga.

Com alguns colegas de estudo, fundou, naquela cidade, a redacção local de colaboracão para a página «República Juvenil», e tomou parte em iniciativas que visavam a formação, em Braga, de uma associação de estudantes do Liceu.

Estudiosa dos problemas da mulher portuguesa, Margarida Malvar frequenta, actualmente, o 5.º ano da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra.

Victor de Sá

Joaquim Victor Baptista Gomes de Sá, licenciado pela Faculdade de Letras de Coimbra e doutorado pela Faculdade de Letras e Ciências Humanas de Paris, é natural do concelho de Barcelos, casado e tem 48 anos. Frequentou, na Régua, o Seminário das Missões do Espírito Santo e fez o curso liceal em Braga, no Liceu Nacional Sá de Miranda, onde foi presidente da Associação Académica, promovendo várias iniciativas de carácter cultural.

Victor de Sá começou a praticar jornalismo, ainda estudante, como colaborador dos jornais de Braga, «Correio do Minho» e «Diário do Minho».

Em 1942, fundou a Biblioteca Móvel, sistema de leituras facilitadas para uso domiciliário em qualquer ponto do País, a qual funcionou até 1950. Tal iniciativa precedeu, de alguns anos, a

(Continua na página seguinte)

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

Ourivesaria da GUIA
...GARANTIA DE PROBIDADE E COMPETÊNCIA
RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

As ELEIÇÕES para DEPUTA

A «PLATAFORMA DE ACÇÃO COMU APROVADA EM S. PEDRO DE MU NA BASE DA ACTUAÇÃO DOS DEMOCI

A adesão á Plataforma de Acção Comum de S. Pedro de Muel tem sido a nota mais flagrante dos comunicados distribuídos pelas diversas comissões eleitorais de Oposição Democrática de todo o País.

Recorda-se que esse documento foi votado no decorrer de uma reunião plenária de delegados das comissões democráticas dos distritos do continente e das ilhas adjacentes, os quais representavam as diversas correntes de opinião política.

De acordo com a Plataforma votada, foi adoptada a seguinte orientação, tendo em vista a participação nas próximas eleições de deputados á Assembleia Nacional:

QUE TODOS OS DEMOCRATAS EM CADA DISTRITO E NO PAIS

a) Se esforcem no sentido de constituir uma frente coesa de oposição ao actual regime, tanto para o período eleitoral, como, depois, até á instauração da Democracia em Portugal;

b) Aceitem o princípio da participação no próximo acto eleitoral, incluindo a votação;

c) Tomem como base de trabalho, na formulação das coordenadas gerais da Campanha Eleitoral, as ideias contidas na Plataforma de Acção Comum apresentada pelas Comissões Democráticas do Porto e de Leiria, e esclareçam continuamente o nosso Povo quanto á demagogia da política seguida pelo Governo;

d) Em princípio, apresentem candidaturas em todos os Círculos Eleitorais, Metropolitanos, Insulares e Coloniais;

e) Escolham candidatos tanto quanto possível representativos das correntes de pensamento democrático de cada Círculo Eleitoral;

f) Elejam candidatos que consubstanciem os anseios do nosso povo e que dêem a garantia de com vigor, competência e dignidade defenderem os pontos de vista e as soluções democráticas;

g) Efectuem essa escolha com a brevidade possível, como forma de activar a vida política nacional;

h) Estudem os meios de funcionamento do movimento oposicionista, em ordem a fortalecer o espírito de coesão, sem prejuízo do justo equilíbrio, nem do respeito pela liberdade de decisão de cada Distrito, quanto ás suas questões específicas;

i) Enquanto não funcionar a Assembleia de Candidatos, criem uma Comissão Coordenadora das Actividades Eleitorais no País, e efectuem encontros das Comissões Distritais e de representantes Distritais, se aquelas não existirem;

j) Trabalhem com celeridade e eficiência, procurando interessar e mobilizar em curto prazo o maior numero possível de eleitoras e eleitores.

Dentro do espírito de unidade que caracterizou a importante reunião plenária e

a reforçar
acabamos
ram ainda
guintes re

1 — Cons
da forças
mo o meio
servir os
Português;

2 — Part
pio, no act

3 — Para
candidatur
de possíve
culos Elei
nos, Insul
nos;

4 — Recl
a cópia do
rais, a ga
ção do acto
a todos os
ção, inclui
Rádio, e a
sura;

5 — Ince
ção ou o
Comissões
torais, no
lhos e freg

6 — Nom
são Coord
dade eleit

7 — Apre
reclamaçõe
concretas
cionais e

8 — Ado
trabalho,
gramática
Comissões
ria; e

**PLATAFO
COMUM
DEM**

Por fim
dois docu
ficavam p
jectivos e
todos os
actual regi
nária apre
princípios
essenciais
te e para
campanha
base de tr
Democráti

A) NO PL

1 — Exec
todas as
mentais
Constituiçã
Declaração
reitos do
os cidadã
nomeadam

a) Direi
associação

b) Direi
são do pe
formação

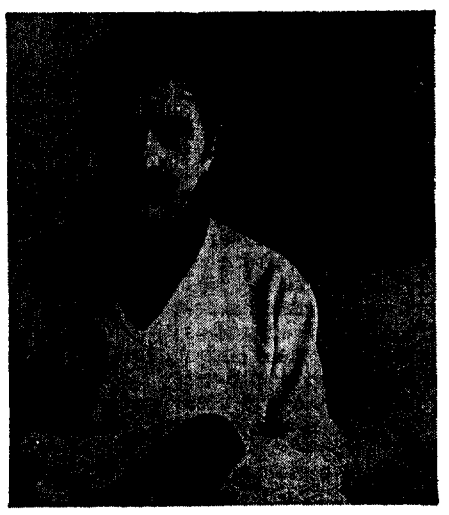
c) Extin
lítica, dos
ritos e das
rança por
libertação
políticos
todos os p
tivos polí
dos seus
gresso dos
ao País e

d) Direi
digna;

e) Direi
cultura;

f) Direi

(Continua



AMANHÁ, A PARTIR DAS 17 H.
NA LIVRARIA E GALERIA QUADRANTE
AV. LUÍS BIVAR, 85-C □ LISBOA

ANTÓNIO JOSÉ SARAIVA

AUTOGRAFA A

3.ª EDIÇÃO
[11.000 exemplares]
DO SEU LIVRO

INQUISIÇÃO E CRISTÃOS-NOVOS

EDITORIAL INOVA

...UTADOS

...COMUM»

...E MUEL

...MOCRATAS

a reforçar a proposta que acabamos de transcrever, foram ainda aprovadas as seguintes resoluções:

1 — Considerar a coligação das forças democráticas como o meio mais fecundo de servir os anseios do Povo Português;

2 — Participar, em princípio, no acto eleitoral;

3 — Para tanto, apresentar candidaturas, com a brevidade possível, em todos os Círculos Eleitorais Metropolitanos, Insulares e Ultramarinos;

4 — Reclamar do Governo a cópia dos cadernos eleitorais, a garantia da fiscalização do acto eleitoral, o acesso a todos os meios de informação, incluindo a R. T. P. e a Rádio, e a supressão da Censura;

5 — Incentivar a constituição ou o alargamento das Comissões Democráticas Eleitorais, nos distritos, concelhos e freguesias;

6 — Nomear uma Comissão Coordenadora da actividade eleitoral;

7 — Apresentar, além das reclamações cívicas, soluções concretas dos problemas nacionais e regionais;

8 — Adoptar, como base de trabalho, a plataforma programática apresentada pelas Comissões do Porto e de Leiria; e

PLATAFORMA DE ACÇÃO COMUM DA OPOSIÇÃO DEMOCRÁTICA

Por fim, e a completar os dois documentos que identificavam plenamente os objectivos e os sentimentos de todos os oposicionistas ao actual regime, a reunião plenária aprovou os seguintes princípios e reivindicações essenciais a defender durante e para além da próxima campanha eleitoral e como base de trabalho da Oposição Democrática:

A) NO PLANO POLÍTICO:

1 — Exercício efectivo de todas as liberdades fundamentais do artigo 8.º da Constituição Política e da Declaração Universal dos Direitos do Homem para todos os cidadãos portugueses, e, nomeadamente:

a) Direito de reunião e de associação;

b) Direito de livre expressão do pensamento e de informação por todos os meios;

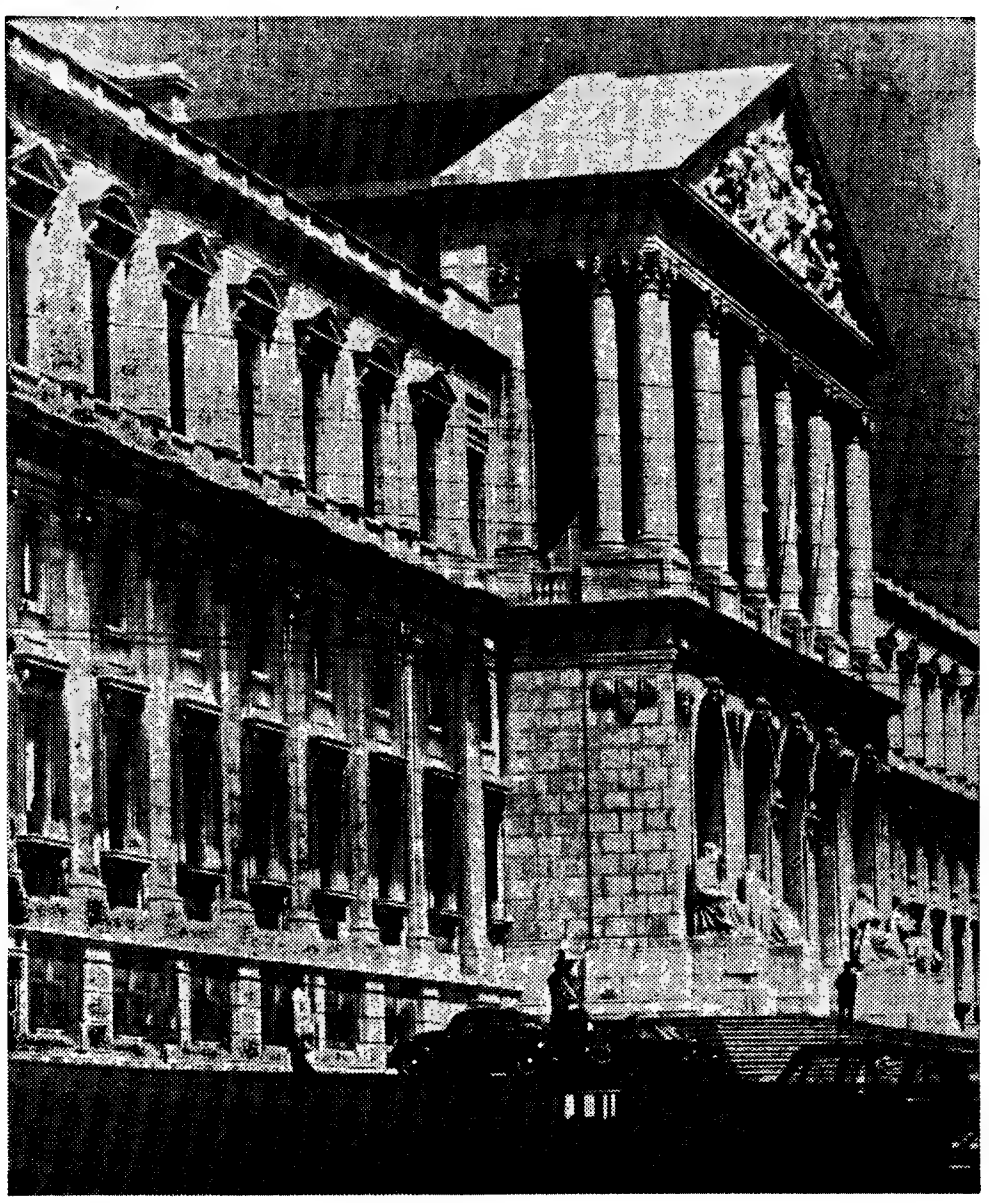
c) Extinção da polícia política, dos Tribunais Plenários e das medidas de segurança por delitos de opinião, libertação de todos os presos políticos e reintegração de todos os perseguidos por motivos políticos na plenitude dos seus direitos, livre regresso dos exilados políticos ao País e ás suas funções;

d) Direito a habitação condigna;

e) Direito á instrução e á cultura;

f) Direito a condições hu-

(Continua na página seguinte)



O edifício da Assembleia Nacional, cujos membros o eleitorado português será chamado a escolher no próximo dia 26 de Outubro

Deve ser escolhida hoje a lista democrática de Beja

BEJA, 18 — A Comissão Eleitoral Democrática do distrito de Beja enviou-nos com pedido de publicação, o comunicado seguinte:

«Como responsáveis pela sua orientação e disciplina, António Carvalho Monteiro, industrial, José Martins Rocha, guarda-livros e Manuel António Mestre, comerciante, residente em Beja, comunicaram ao governador civil que a Comissão Eleitoral Democrática do Distrito de Beja é constituída pelos seguintes cidadãos eleitores:

Dr. Alexandre de Melo Borges, advogado, Beja; Alfredo dos Reis, sargento ajudante reformado, Beja; Alfredo Rosa Alhinho, pedreiro, Beja; Américo Inverno Martins, torneiro-mecânico, Beja; D. Ana Soares Coelho, doméstica, Beja; D. Angela Mousó Navarro de Mello Borges, doméstica, Beja; dr. Aníbal Coelho da Costa, médico, Ferreira do Alentejo; Aníbal Jerónimo Saleiro, proprietário, Almodôvar; António Alexandre Vargas, empregado comercial, Beja; António Castilho Modesto, empregado comercial, Beja; António João Marques Silva, comerciante, Serpa; António Joaquim Rocha, proprietário, Beja; António José Peres Ribeiro, viajante, Almodôvar; António José Santiago, trabalhador, Aljustrel; António Maria Fragoso Pinto, barbeiro, Beja; António Romba, comerciante, Ferreira do Alentejo; António da Silva Júlio, comerciante, Almodôvar; Augusto Maio Nascimento, proprietário, Almodôvar; Aurélio de Sousa Aió, comerciante, Almodôvar; dr. Celso Galvão Pinto de Almeida, advogado, Beja; D. Diamantina Vilhena Saleiro, proprietária, Almodôvar; Diogo José Raposo, empregado de escritório, Beja; Eduardo Silva, comerciante, Ourique; Edmundo Manuel da Silva, comerciante, Aljustrel; Fernando dos Santos Soares, soldador, Aljustrel; Florival Fernando Lança, serralheiro, Beja; Egídio de Ascenção Cavaco, comerciante, Serpa; Francisco Piedade Guilbarra, comerciante, Ferreira do Alentejo; Francisco António Pereira Carvalho, estucador, Beja; Francisco João Guerreiro, magarefe, Almodôvar; Francisco Lampreia Duro, empregado de escritório, Beja; Herbert Rodrigues Telo, comerciante, Moura; Honório Alhinho Teixeira, empregado de escritório, Beja; João António da Silva Ferreira agente comercial, Beja; dr. João de Brito Camacho, médico, Almodôvar; João Domingos Pinto Góis, motorista, Vidigueira; João Eugénio Soares, escriturário, Aljustrel; João Francisco Rosa, operador mecanográfico, Aljustrel; João Guerreiro Rafoto, proprietário, Aljustrel; João Morais Allen Camacho, empregado de escritório, Beja; Joaquim Afonso dos Reis, empregado de escritório, Beja; Joaquim da Costa Pinto, comerciante, Aljustrel; Joaquim Domingos de Carvalho, comerciante Almodovar; Joaquim Ramos Rosa, comerciante, Beja; José António Honrado, carpinteiro, Ferreira do

(Continua na página seguinte)

A C. D. E. de Évora apoia a unificação da Oposição democrática

EVORA, 18 — Com o pedido de publicação recebemos da Comissão Democrática Eleitoral do distrito de Evora o seguinte comunicado:

«Prosseguindo na intensa actividade desenvolvida pela C. D. E. deste distrito e pelos grupos de apoio constituídos numa linha de acção com vista á dinamização dos seus trabalhos passa a mesma a informar que:

1 — Estão neste momento estabelecidos contactos com doze localidades do distrito com vista á constituição das respectivas comissões;

2 — As consultas sobre o elenco de candidatos para a elaboração da lista respectiva prossegue;

3 — Por este meio se propõe exortar os democratas das localidades ainda não contactadas a constituírem-se em comissões e a estabelecer a ligação com a comissão de Evora o mais rápidamente possível para as sedes provisórias já tornadas publicas;

4 — Se regista a recepção de fundos para o movimento e se propõe convidar os democratas transtaganos não residentes no distrito a endereçarem os seus donativos para qualquer dos membros da comissão provisória, servindo-se para o efeito das referidas sedes;

5 — Se tem registado o apoio de democratas no sentido da integração e de trabalhos de índole vária no ambito da nossa programação;

6 — Se encontra plenamente de acordo com a iniciativa do dr. Ramon de La Feria no sentido de diálogo entre a C. D. E. e a C. E. U. D. e deseja ardentemente que tal diálogo conduza á unificação da Oposição Democrática;

7 — Muito brevemente, proceder-se-á á abertura de uma secretaria, o que permitirá uma melhor coordenação, planificação e realização dos serviços;

8 — A nossa posição é e continuará a ser de autêntica intervenção.

Deram a sua adesão á Comissão unica do distrito mais os seguintes democratas: Manuel Carvalho, gráfico; António Cabeça, estudante; Vítor Fernandes Oliveira, pedreiro; Joaquim T. Lopes, empregado de escritório; José Luís Pinto, tosqueador; Francisco Prates Simões, estudante; João Piteira, gráfico; João Calapez, gráfico; Armando Pochinha, comerciante; João Carlos Durão Lopes Saraiva, engenheiro agrónomo; Guilherme dos Santos Junior, empregado de escritório; José António Galvão Ferro, comerciante; Adriano José Neto, trabalhador rural; Francisco Vicente Louro, mestre de obras; Joaquim Rosa Ramalho, carpinteiro; Manuel Alberto Ascensão, comerciante; Manuel Joaquim da Assuda, tractorista; Bento Luís Rosado, pedreiro; Alfredo José Carriço Perdigão, pedreiro; José Manuel Gomes, trabalhador rural; Manuel Jacinto Pavio Arranha, trabalhador rural; Diamantino Joaquim Tereso, trabalhador rural; Armindo de Castro Rego Carvalho, trabalhador rural; Gabriel Damásio, proprietário; Gabriel Gravosa, estudante.»

Este comunicado é assinado pelos seguintes democratas: Santos José Metrogos, comerciante; Vasco Varela Tenório, industrial; Vítor Hugo dos Santos, quintanista de Direito.

O CHEFE DO ESTADO ASSISTIU À PASSAGEM DE UM DOCUMENTÁRIO SOBRE O AVIÁRIO DO FREIXIAL

Em sessão especial para o Chefe do Estado, fez-se, esta manhã, na sala de cinema da Secretaria do Estado de Informação e Turismo a passagem de um interessante documentário sobre o Complexo Industrial do Aviário do Freixial.

No sugestivo documentário demonstra-se a larga actividade e seu desenvolvimento da importante organização, a par de valiosa obra de assistência ao pessoal.

O Presidente da Republica chegou áquele Departamento do Estado ás 11 e 30 e foi ali recebido pelo presidente do conselho de administração da empresa proprietária do Aviário do Freixial, sr. Sérgio Geraldes Borba, e pelos administradores, srs. António Miguel Pile e James Stevenson, que receberam também os srs. dr. Moreira Baptista, secretário de Estado de Informação e Turismo; dr. Xavier Pintado, secretário de Estado do Comércio e eng.º Vasco Leónidas, secretário de Estado da Agricultura, os quais já estavam presentes á chegada do sr. almirante Américo Thomaz, que era acompanhado pelo seu ajudante de ordens, sr. major Libano Monteiro.

Entre muitas outras individualidades presentes, os srs. dr. França e Silva, director-geral dos Serviços Pecuários; prof. Leite Pinto e André Navarro, eng.º Ribeiro Ferreira Santos e Castro, e Amílcar Marques, dr. José Sarmento de Matos, etc.

OS CANDIDATOS DA U. N. DE BEJA

BEJA, 18 — Embora não haja ainda sido divulgada oficialmente a lista dos candidatos a deputados pela U. N. pelo círculo de Beja, sabe-se, no entanto, que dele farão parte dois deputados da anterior legislatura.

São eles os srs. Francisco António da Silva, presidente da Federação dos Grémios da Lavoura do Baixo Alentejo, e dr. Teófilo Lopes Frazão, intendente de pecuária nesta cidade.

Por outro lado, a lista situacionista deste círculo integrará também o presidente e o vice-presidente da comissão distrital da U. N., respectivamente eng.º António Leal de Oliveira, delegado da Junta de Colonização Interna, e dr. Francisco Correia das Neves advogado nesta cidade.

NOIVOS
As alianças e prendas da
OURIVESARIA DA MODA
dão felicidade
RUA DA PRATA, 257

CHOCOLATES TÁGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

JÓIAS
Antigas e modernas Compra cobrindo todas as ofertas
OURIVESARIA PIMENTA
Rua Augusta, 225

Pasta Medicinal Couto Evita e trata doenças da boca PORQUE É MEDICINAL

As ELEIÇÕES para DEPUTADOS

Deve ser conhecida hoje a lista da Oposição de Beja

(Continuação da pág. anterior)

Alentejo; José António Jacinto, fundidor, Aljustrel; José António Moedas, jornalista, Beja; José Augusto da Silva, empregado comercial, Beja; José Coelho, comerciante, Beja; dr. José Caro Quintiliano, Médico, Vila Verde de Ficalho; José Faustino da Costa, comerciante, Beja; José Joaquim da Costa Carracinha, empregado de escritório, Beja; José Fernandes, comerciante, Rio de Moinhos; D. Judite Antónia Fernandes Camacho, doméstica, Almodôvar; Luís José Gonçalves Nita, empregado de escritório, Beja; Luís Rosa Mendes, viajante, Vila de Frades; Luís de Sousa Aió, industrial, Almodôvar; Manuel António do Estanque, agricultor, Monte Carrasco, freguesia das Neves; Manuel António Ribeiro, comerciante, Almodôvar; Manuel Baptista Salvador, apontador, Aljustrel; Manuel Baptista Soares, funcionário público aposentado, Beja; Manuel Cabrita Charneca, proprietário, Beja; dr. Manuel de Calazans Duarte, advogado, Cuba; Manuel Inácio Lopes de Melo Garrido, jornalista, Beja; Manuel Joaquim Gutierrez, comerciante, Beja; Manuel Lopes Alfaiate, comerciante, Moura; Manuel da Silva Salvador, técnico de contas, Beja; Manuel Vaz Valente, industrial, Beja; Manuel Ventura Vargas, industrial, Santa Clara-a-Nova; Paulo Tomé Sequeira, empregado de escritório, Beja; D. Silvina Brito Silva, doméstica, Aljustrel; Rogério Luís Lança, serralheiro, Beja; Rui de Lacerda, proprietário, Moura; dr. Ulisses da Silva Canijo, médico, Montes Velhos; Vítor Prazeres do Soveral Rodrigues, industrial, Castro Verde; Virgílio Baptista Rosa, barbeiro, Beja; Viriato Guerreiro Pratas, comerciante, Ourique.

A sede da Comissão encontra-se instalada na Rua Gomes Palma, 13-1.º-Dt.º, em Beja, Tel. 288.

Foi solicitada ao governador civil autorização para uma reunião dos democratas do distrito de Beja para escolha dos candidatos a qual deve realizar-se no próximo dia 18, pelas 20 e 30, num restaurante desta cidade.»

REUNIÃO DA C. D. E. DE SETÚBAL NO BARREIRO

Da C. D. E. de Setúbal, e assinado pelos srs. Manuel dos Santos Cabanas, Artílio Baptista e João Telmo Araújo, recebemos, com o pedido de publicação, o seguinte comunicado:

«A C. D. E. do distrito de Setúbal informa que, em conformidade com o que ficou determinado na última assembleia plenária, a próxima reunião distrital a realizar na sexta-feira, dia 19, não se efectuará em Setúbal, mas sim na sede do Grupo Desportivo Operário, Rua 31 de Janeiro, no Barreiro».

A BASE DE ACTUAÇÃO DOS DEMOCRATAS

(Continuação da pág. anterior)

manas de vida e de trabalho.

2 — Disputa pela Oposição Democrática das próximas eleições legislativas, aliada á reivindicação permanente da seriedade do acto eleitoral em todas as suas fases pré-eleitorais e eleitorais.

3 — Sólida união de todos os democratas e oposicionistas na base desta plataforma, sem qualquer discriminação entre eles, visando sempre os interesses económicos e sociais e a participação política das mais amplas camadas do Povo Português.

4 — Acção constante de politização de todos os sectores da população, com vista a uma maior consciência dos problemas nacionais.

B) NO PLANO ECONÓMICO:

5 — Combate ao monopolismo e á dominação do capital estrangeiro.

6 — Efectiva melhoria das condições de vida da população, através de um maior desenvolvimento económico e de uma justa distribuição das riquezas, considerando a produção ao serviço do Homem e não o Homem ao serviço da produção.

7 — Democratização da vida económica, extinguindo-se os entraves corporativos na agricultura, no comércio e na industria entraves que funcionam apenas em favor de minorias privilegiadas.

8 — Reforma agrária.

9 — Fomento do cooperativismo.

10 — Nacionalização de todos os Bancos Emissores.

C) NO PLANO DA CULTURA:

11 — Democratização do Ensino e a sua extensão em todos os graus, assegurando-se a sua gratuitidade e a atribuição de pré-salários;

12 — Neutralização política da R. T. P. e E. N. e sua colocação ao serviço da Nação e do direito á Informação e á cultura dos portugueses.

D) NO PLANO DA SAÚDE:

13 — Serviços de saude com os ramos preventivo e curativo perfeitamente interligados, eficientes, generalizados a toda a população e gratuitos;

14 — Humanização do trabalho em todas as profissões, subordinando-se a produtividade aos mais correctos princípios de higiene e segurança;

15 — Solução dos problemas do alojamento e seus complementos, alimentação, repousos, educação física e desportos, orientada no sentido de uma saude total;

16 — Reforma profunda da assistência e previdência com instituição do seguro social obrigatório

E) NO PLANO ADMINISTRATIVO:

17 — Liberdade de associação e acção sindicais, gremiais e estudantis, nomeadamente com direito á greve;

18 — Reforma do ensino e autonomia das Universidades e Associações de Estudantes;

19 — Incremento da investigação científica e tecnológica;

20 — Independência da magistratura judicial e administrativa, com órgãos disciplinares da eleição dos próprios magistrados;

21 — Autonomia e democratização dos organismos da administração regional e local;

22 — Responsabilidade do Governo perante a Assembleia Nacional;

23 — Luta contra a corrupção, o tráfico de influências e os grupos de pressão;

24 — Reforma e modernização dos serviços da administração publica.

F) NO PLANO ULTRAMARINO:

25 — Resolução pacífica e política das guerras do Ultramar, na base do reconhecimento dos direitos dos povos á autodeterminação, precedida de um amplo debate nacional.

G) NO PLANO INTERNACIONAL:

26 — Política de boas relações culturais, diplomáticas e comerciais com todos os países do Mundo, sem discriminação e em pé de igualdade;

27 — Cooperação leal com a O. N. U. e organismos internacionais a ela ligados.

Perfil dos candidatos de Braga

(Continuação da pág. anterior)

criação das bibliotecas itinerantes, que ultimamente se têm difundido.

Com a finalidade de se dedicar á actividade profissional de livreiro, interrompeu os estudos. Enquanto empregado comercial, foi secretário e, depois, presidente do Sindicato Nacional dos Caixeiros do Distrito de Braga, cargo que exerceu de 1944 a 1945.

Mais tarde, Victor de Sá retomou os estudos, frequentou como aluno voluntário a Faculdade de Letras de Coimbra e licenciou-se em Ciências Histórico-Filosóficas.

Victor de Sá é autor dos seguintes trabalhos: «A Mocidade de Antero», Braga, 1942; «Bibliografia Queirosiana», Braga, 1945; «O que foi a Biblioteca Móvel», Braga, 1954; «O que é a Unesco», Braga, 1955; «As Bibliotecas, o Público e a Cultura», Braga, 1956; «Problemas da Mentalidade», Braga, 1957; «Sociedade e Cultura», Braga, 1958; «Amorim Viana», Ensaio biobibliográfico, Figueira da Foz, 1960; «Amorim Viana e Proudhon», Lisboa, 1960; «Cultura e Democracia», Braga, 1961; «História e Actualidade», Braga, 1961; «Antero Quental», Braga, 1963; «Perspectivas do Século XIX», Lisboa, 1964; «Texto Integral da entrevista ao «Jornal de Notícias», Braga, 1969.

Estagiou cinco anos, em Paris, como bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, tendo-se doutorado na Sorbonne, onde defendeu tese sobre «La Crise du Libéralisme et les premières manifestations des idées socialistes au Portugal (1820-1852). O júri, constituído pelos especialistas franceses da cultura peninsular ibérica, prof. Léon Bourdon, Albert Silbert e Pierre Vilar classificou, por unânimidade, este trabalho, com a mais alta menção («muito bom») e atribuiu ao seu autor o título académico de doutor em História. Tem pertencido, desde 1945, ás comissões da Oposição Democrática formadas no distrito de Braga e, nas eleições de 1961, foi candidato a deputado por este Círculo.

Santos Simões

Joaquim António dos Santos Simões, escritor, matemático e engenheiro-geógrafo, é casado e tem 46 anos. Licenciou-se pela Universidade de Coimbra e foi professor do ensino secundário particular. Como estudante, organizou a 1.ª Exposição Internacional de Actividades Académicas, através da Comissão da Queima das Fitas, de que fazia parte. Pertenceu, em 1947, á comissão directiva que organizou, por mandato da Assembleia da Academia, as primeiras eleições para a Associação Académica, as quais puseram termo a um longo período de comissões administrativas. Pertenceu ás direcções eleitas da Associação Académica, de 1949 e 1950, tendo sido presidente da segunda; fez parte, durante vários anos, da direcção do Teatro de Estudantes da Universidade de Coimbra.

Depois de formado, Santos Simões foi professor do ensino particular, em Coimbra, onde exerceu o cargo de presidente da Associação dos Desportos.

Em Guimarães, criou o Cine-Clube e o Teatro de Ensaio Raul Brandão, que realiza espectáculos populares gratuitos. Coordena a página cultural do «Notícias de Guimarães», e, em virtude desta actividade, organizou o III e V Encontros da Imprensa Regional.

Entre os seus trabalhos contam-se os seguintes: «Porque nos afastamos do Brasil», Coimbra, 1952; «O Teatro dos Estudantes de Coimbra no Brasil», Coimbra, 1952; «Auto da Rainha Santa», Coimbra, 1956; «A Juba do Leão», Guimarães, 1962; «Suavemente Grande Avanca», Guimarães, 1965 (fora do mercado); «Engrenagens do Ensino», Guimarães, 1968; «A Democratização do Ensino em Portugal e o Ensino Particular», Guimarães, 1969.

Colaborou, em 1967, na antologia de poemas «Hiroxima». No corrente ano o seu ensaio «Engrenagens do Ensino» foi distinguido com o prémio da Imprensa Cultural.

Participou activamente, em 1965, na campanha eleitoral democrática da candidatura a deputados pelo Círculo de Braga.

OS CANDIDATOS DA C. D. E. DO DISTRITO DO PORTO

Com base em elementos fornecidos pela Comissão Democrática Eleitoral do Porto, publicámos ontem a biografia dos respectivos candidatos. Todavia, por lamentável lapso não se publicaram os dados biográficos da eng.ª Virgínia de Moura, pelo que a seguir os reproduzimos:

Virgínia de Faria Moura nasceu em 1915, em S. Martins do Conde, Guimarães. Foi a primeira mulher portuguesa a licenciar-se, no nosso País, em Engenharia Civil, na Universidade do Porto. Casou-se, ainda estudante, com o arquitecto António Lobão Vital, em 1935.

Com o pseudónimo de Maria Selma, colaborou em diversos jornais e revistas, como «O Diabo», «Pensamento», «O Trabalho», «Ecos do Sul», etc. Fez parte do grupo de jovens intelectuais que lançou a revista «Sol Nascente» (grupo de renovação cultural e política). Profissionalmente, a sua actividade dominante tem-se exercido no campo da Engenharia Civil. Em 1953, participou no congresso da U. I. A., realizado em Lisboa, tendo intervido nos debates sobre a colaboração entre arquitectos e engenheiros. Ainda, este ano, apresentou no II Congresso Republicano de Aveiro uma tese sobre «Casas dos trabalhadores nos centros urbanos», de colaboração com o arquitecto Lobão Vital.

Fez parte da comissão distrital do Porto do «Movimento de candidatura do general Norton de Matos», e a sua voz fez-se ouvir no histórico comício da Fonte da Moura. Pertenceu á comissão central do «Movimento Nacional Democrático» e á comissão de candidatura á Presidência da Republica do prof. dr. Ruy Luís Gomes.

Esta é a nova pistola manual electroestática de segurança absoluta e que lhe garante um rendimento de trabalho muito superior ao normal. DeVilbiss — a pistola que conquistou o nosso mercado... e o de todo o mundo, apresenta equipamentos resistentes, construidos com grande precisão, eficiência e simplicidade. Poderá escolher entre o sistema convencional, sem ar (airless), ou de tinta aquecida (hot spray)... DeVilbiss ajudá-lo-á na escolha do melhor sistema para o seu trabalho e garante-lhe um serviço de assistência de acessórios e de sobressalentes. Peça uma demonstração.

COMPRESSORES DE AR · TANQUES DE PRESSÃO · AQUECEDORES DE TINTA · AIRLESS E BOMBAS DE TINTA · CABINES DE PINTURA · MÁQUINAS AUTOMÁTICAS

DEVILBISS

começe com DeVilbiss e «acabe» melhor

Agentes Gerais: Bethencourt Bros., Ltd. R. Sapateiros, 126-1.º LISBOA · SORIA, Lda. R. Sá da Bandeira, 214-216 PORTO

As ELEIÇÕES para DEPUTADOS

Entregue no Governo Civil de Lisboa a constituição da Comissão Eleitoral que apoia os candidatos da C. D. E.

Com o pedido de publicação, recebemos da C. D. E. de Lisboa o seguinte comunicado, assinado pelos srs. drs. José Tengarrinha e Sérgio Ribeiro:

«1 — Em representação do Movimento Democrático Eleitoral do Distrito de Lisboa, os drs. Vasconcelos Abreu e Jorge Fagundes entregaram, ontem, no Governo Civil, a lista de nomes que integram a Comissão Eleitoral que se constituiu em apoio da nossa lista de candidatos. O documento incluia 91 assinaturas. De acordo com uma decisão tomada ontem na reunião da Comissão Distrital, foram propostos ao Governo Civil como responsáveis legais dessa Comissão os drs. Francisco Pereira de Moura, da Comissão Política, Vasconcelos Abreu, da Comissão Jurídica, e Jorge Fagundes, dos Sectores Profissionais.

2 — Reuniu-se o Secretariado Coordenador do Concelho de Loures, organismo integrado na Comissão concelhia, constituído por representantes eleitos das freguesias.

Com a participação do nosso candidato José Augusto Gouveia e de Carlos Andrade Neves, ambos membros da Comissão Coordenadora da C. D. E., e muitos democratas de Loures, Amarante, Apelação, S. João da Talha, Sacavém, Moscavide, Odivelas e Camarate, foram tratados assuntos ligados á constituição do secretariado dos concelhos ocidentais, alargamento orgânico da actividade do secretariado coordenador do concelho de Loures, funcionamento das sedes das comissões de freguesia, recolha de fundos e publicação de um comunicado ao povo do concelho de Loures.

O secretariado dos concelhos ocidentais reune-se, esta noite, pelas 21 e 30, na Amadora. Na próxima segunda-feira efectua-se, em Moscavide, nova reunião do Secretariado Coordenador do Concelho de Loures.

3 — Efectuou-se, também, na sede do Movimento, uma reunião do Secretariado da Comissão Concelhia de Lisboa, com o fim de tratar assuntos relacionados com a integração de novas comissões de freguesia.

4 — Realizou-se, ontem, a primeira reunião dos democratas da freguesia de S. João de Deus, na qual foi discutida a expansão do Movimento na freguesia e efectuado um debate sobre a orientação do actual momento político. As perspectivas de alargamento do Movimento apresentam-se muito favoráveis, projectando-se fazer pròximamente uma reunião com elevado número de democratas da freguesia.

5 — Encontra-se em organização a Comissão concelhia da Lourinhã, para o que se têm efectuado diversos contactos e desenvolvido esforços junto de democratas de vários sectores de actividade do concelho. Oportunamente serão divulgados os nomes dos democratas que formarão aquela comissão, esclarecendo-se ter sido indicado o sr. António José dos Santos a título meramente provisório.

6 — Informamos, novamente, que a sede da C. D. E. se encontra aberta todos os dias, das nove ás vinte e quatro horas. Todos os democratas interessados na campanha de fundos em favor do Movimento Democrático podem ali deixár os seus donativos. A sede fica situada na Travessa do Calado, 32, 1.º, esq.º, com o telefone 839501.

7. Entretanto, numerosos democratas de todo o distrito continuam a manifestar a sua adesão á C.D.E., entre os quais os seguintes:

João Pombo Lopes (médico assistente do Instituto Português de Oncologia; Manuel Ferreira (escritor); Roberto Nobre (escritor); Franco de Sousa (escritor); José Jorge Madruga (estudante e empregado da TAP); Augusto Duarte (empregado de escritório); Jemersindo Ramos (agente técnico de engenharia); João Cabral Ferreira (oficial da Marinha Mercante); Maria da Conceição Ferreira Santinho (secretária médica); Maria Isabel de Vasconcelos Freitas Oliveira (estudante); Guilherme António Anízio (electricista mecanico); Joaquim Serra de Oliveira (funcionário publico); José Luís Steiger Garção (engenheiro civil); Artur Cruz Oliveira, (técnico de contas); Maria Luísa Madeira Rodrigues (professora); Rogério Madeira Rodrigues (empregado de escritório); Francisco Romão Félix (guarda-livros); Maria Fernanda Pinto Matos (dactilógrafa); Estêvão Alfredo Correia da Cruz (empregado de escritório); Maria Esmeralda André (química farmacêutica; Fernando Nunes Fonseca, empregado de escritório; Ernesto Matos, comerciante; Mário Costa, construtor civil; António Rodrigues Teixeira, empregado bancário; Maria do Carmo Henriques, secretária; Ruben Pacheco de Matos Rolo, oficial da Marinha Mercante; João Moreira Rato, estudante; Manuel Duarte Resina Silveira, empregado de escritório; Maria da Graça Moreira Rato, estudante; Carlota Machado, estudante; Aurea da Conceição, estudante; Conceição Gomes da Silva, jornalista; Manuel de Lima, escritor; José Araújo, desenhador; Gina de Freitas, tradutora; Fernando Ribeiro de Melo, editor; Francisco Alberto Aleixo da Glória, empregado de escritório; Maria Iolanda Artiaga Barbosa, licenciada em Letras; Miguel da Silva, gerente industrial; António Alfredo Santos Marques, jornalista; João Luís, factor do Metropolitano, Pedro Rafael dos Santos, jornalista.

12. Com a presença de algumas dezenas de democratas, reuniu a comissão de freguesia de Sacavém de apoio á C. D. E., que reestruturou o seu órgão executivo e assentou nalgumas tarefas imediatas. Durante a reunião foram recolhidas as seguintes adesões á C. D. E.:

Armando José Gomes Tavares, empregado de laboratório; Vítor Manuel Lopes Pinto, carpinteiro, Algir Duarte, operário; Óscar Simões Esteves, estudante; António Narciso, fogueiro; Joaquim Matos, trefilador; Guilherme Tavares dos Santos, mecânico-auto; António Fernandes Jorge, operário; Óscar Soares Julião, empregado de laboratório; Higino Serrano, comerciante; José Eduardo Mata, motorista; Luís da Silva Franco, empregado de escritório; Isidoro António da Conceição, operário; Sebastião Miguel Pinheiro da Silva, operário; Joaquim António Godinho, sapateiro; Hernâni Liberio Rodrigues Marques, empregado de armazém; António Grilo Fazenda, empregado fabril; João Jacinto Nunes, mecânico; José Serrano Pires, operário; Fausto da Silva, pintor da construção civil. José Manuel Patrício, pintor; Manuel de Almeida, carpinteiro; Zelmes Gil Galvão, fiel de armazém; José Machado Raposo, operário; Manuel José Gomes Gonçalves, marceneiro; Rui António Mendes Pinto, mecânico; José de Oliveira Jacinto, operário; Jacinto Figueira, operário; Rogério Ferreira, estudante; António Mestre Batarda, servente; Fernando Dias, torneiro mecânico; Carlos Manuel Martins Pombo, estudante; Semeão Machado da Silva, operário; Joaquim António Rodrigues, soldador; João Alberto Cabral Bandeira, estudante; João da Costa Francisco, caldeireiro; Renato Neves Martins, servente; António José Neves Montez, estudante; Francisco Pinto, carpinteiro»

ESCOLHIDA A LISTA DA OPOSIÇÃO POR CASTELO BRANCO

FUNDÃO, 18 — Na Estalagem da Neve, no Fundão, efectuou-se ontem uma reunião dos democratas do distrito de Castelo Branco, que foi muito concorrida e decorreu com grande entusiasmo.

Presidiu o sr. dr. Raposo Moura advogado na Covilhã, secretariado pelos srs. dr. Armindo Ramos, economista, de Castelo Branco, e dr. António Gascão.

Estavam presentes representantes dos vários concelhos do distrito.

A reunião tinha por objectivo a escolha dos candidatos da Oposição de Castelo Branco. Efectivamente, por unanimidade, foi escolhida uma lista de seis candidatos, quatro dos quais efectivos e dois suplentes.

A lista tem a seguinte constituição.

Dr. António Alçada Baptista, advogado; dr. Domingos Manuel Megre, licenciado em Direito; José Bastos Rabaça, industrial de lanifícios; dr. Manuel João Vieira, advogado em Castelo Branco; dr. Manuel Antunes Ferreira, advogado na Covilhã; e dr. António Gascão Nunes, advogado no Fundão.

A constituição da lista foi acolhida com entusiasmo e aprovada por aclamação.

Seguidamente, o estudante universitário sr. Jorge Andrade, propôs o envio de um telegrama de saudação para os distritos onde há duas listas oposicionistas, com o pedido de serem feitos esforços no sentido da unidade.

Foi tambem decidido que uma comissão amplamente representativa, e que integre as personalidades oposicionistas mais em destaque do distrito, se desloque amanhã a Lisboa para solicitar pessoalmente aos srs. drs. Alçada Baptista e Domingos Manuel Megre a sua aceitação da candidatura

APELO DA C. E. U. D. DE LISBOA AO CONTRIBUTO MONETARIO DOS SEUS CORRELIGIONÁRIOS

Da Comissão Eleitoral de Unidade Democrática de Lisboa recebemos, com o pedido de publicação, o seguinte comunicado:

«1. As comissões eleitorais concelhias e de freguesia do distrito de Lisboa da C. E. U. D. vão, a pouco e pouco começando a emergir da vaga de adesões que indiscriminadamente têm sido dadas. À nossa sede afluem democratas que oferecem os seus préstimos e telegramas de adesão por tal forma que os nossos serviços têm estado a ser verdadeiramente submersos por uma onda de trabalho em que tudo deve ser improvisado. Os nossos amigos que querem que se ande depressa — e têm razão, pois o tempo urge — não podem desconhecer que estamos a trabalhar há menos de quinze dias e tivemos que fazer face a dificuldades terríveis.

Em virtude da ausência reconhecida de organizações políticas estruturadas, faltam-nos, como se sabe, as infra-estruturas mínimas e tivemos que começar do princípio: organização da secretaria, improvisação de quadros técnicos, obtenção de telefones e de luz, campanha de fundos, elaboração dos estudos de base que servirão para gizar a orientação das grandes linhas da campanha.

Porém, o impacto que produziu no publico, de uma forma geral, o conhecimento da nossa lista de candidatos — com a novidade acentuada do aparecimento de gente nova, de sectores diferentes, mas fortemente ligada na *unidade democrática* — foi um factor de primacial importância que está a dar um considerável impulso a todo o nosso trabalho.

2. É evidente que a mais importante razão que determinará os democratas nas suas opções será o estudo do programa cujas grandes linhas virão a ser conhecidas a partir da abertura da campanha, no próximo dia 27. Até lá, motivos diversos poderão determinar sentimentalmente os democratas nas suas escolhas — mas nós queremos apelar sobretudo para a razão dos nossos correligionários e desejaríamos que cada um viesse a determinar-se em consciência, estribado apenas em motivos válidos. A seu tempo irão sendo fornecidas, para apreciação crítica e libérrima, as peças fundamentais do nosso *dossier*...

3. Por outro lado, a C. E. U. D. não desconhece a amplitude do movimento que se vem desenhando em favor da unidade. Mais regozija-se com ele!

Como tem sido sempre acentuado, a preocupação sinceríssima da unidade tem estado sempre presente no espírito e nos actos da Comissão Coordenadora da C. E. U. D. e daí o nunca ter tomado a iniciativa em relação a factos que poderiam significar ruptura.

Desde 17 de Agosto temos vindo a solicitar contactos, mesas-redondas e negociações. Sem qualquer espécie de reserva, acedemos agora á inciativa de democratas independentes que pretendem conseguir um acordo de ultima hora. Numa base paritária — e no respeito da diversidade dentro da unidade — é ainda possível chegar-se a um entendimento quanto a uma lista unica. A C. E. U. D. — uma vez mais o salienta — não se poupará a esforços para o conseguir.

4. Num comunicado de ontem deu-se a indicação da constituição da Comissão Eleitoral da C. E. U. D. de Alenquer. Damos hoje — por solicitação expressa dos nossos correlegionários — notícia da Comissão Eleitoral da C. E. U. D. da Lourinhã (em organização). É composta pelos seguintes democratas:

Alberto Luís (técnico de contas), António José dos Santos (empregado de escritório), Carlos Eduardo Pereira (empregado de escritório), Mariano Vicente (técnico de contas), Humberto Faria (comerciante), Bernardino Anastácio (barbeiro) e Vítor Hugo (comerciante).

5. A Comissão Coordenadora da C. E. U. D. pensa que as listas de aderentes que tem vindo a transcrever nos jornais diários não têm a partir de agora qualquer interesse prático e podem mesmo revestir inconvenientes cujo peso é desnecessário encarecer. Há vários dias que as vem reduzindo deliberadamente, desde que sentiu que o Movimento que anima está lançado em bases sólidas. Porém, muitos correlegionários não pensam assim e insistem para que os seus nomes apareçam, como forma de expressarem as suas inquebrantáveis convicções democráticas. Nesse sentido, tornam-se publicas mais as seguintes adesões: António de Sousa Gomes, engenheiro; Fernando Telo de Magalhães Colaço, assistende da Faculdade de Medicina de Lisboa; Rui Teixeira Fialho, economista; Eduardo Rodrigues da Costa, pracista; Artur Inácio Bastos, industrial; Manuel Dias Correia, comerciante; Jorge Pereira Bastos, motorista; António Ganhão, motorista; António Candeias de Almeida, marinheiro da Marinha Mercante; Lino de Vasconcelos Jardim, regente agrícola; José Rodrigues, agente comercial; Jaime Machado, empregado de mesa; José Fernandes Paula, publicista; Fernando Viegas Mateus, auxiliar de tipógrafo; João Meleças, gerente comercial; Francisco Assis Calheiros Meneses, director de empresa; Carlos A. Dias das Neves, fiel de armazém; Julio José Segurado, perito contabilista; Horácio Rodrigues Tavares, empregado comercial; Joaquim A. de Deus, industrial; Nuno Marques Ribeiro, comerciante; Mário Nobre, economista e jornalista; Albano Louçã, funcionário publico; António J. Melo Rodrigues, agente de seguros; Manuel A. P. Fonte Santa, empreiteiro; Manuel Simões Frazão, empregado comercial; Carlos A. Ferreira de Andrade, comerciante; Maria Antonieta Pina de Oliveira, doméstica; Maria Luísa Rebelo da Silva Maia Nogueira, enfermeira; Jerónimo Capela Fernandes, empregado de escritório; Antero Gouveia, gerente industrial; Daniel A. D. Mourato; José Baptista Ribeiro, electricista; Francisco Godinho Calafate, ferroviário; Américo Luís Gonçalves, empregado de escritório; Manuel Hurtado Rosa, soldador; Alberto A. Mendes Corveira, empregado bancário; Maria Carolina Horta Barreiros, funcionária publica; Mário Humberto Maia Rebelo, empregado bancário; Carlos Duarte, empregado de comércio; Henrique A. Rodrigues, químico farmacêutico; Manuel M. Correia, agente de seguros; Manuel Beça Murias, jornalista; Fernando Nascimento; Carlos Ferreira; António Rocha; Manuel Marques Dias.

6. A nossa Comissão de fundos apela para todos os correlegionários a fim de que lhe façam chegar as suas contribuições. Uma campanha eleitoral a sério, como a que se projecta, implica grandes despesas. E um movimento sem quaisquer ajudas e acentuadamente popular como a unidade democrática precisa das contribuições monetárias de todos!

Lisboa, 18 de Setembro de 1969.

Pelos Candidatos,
José Carlos Mégre
Mário Soares».

Um novo e moderno arrastão visitado pelo Presidente da República

A mais moderna unidade da frota bacalhoeira portuguesa — o arrastão «Luís Ferreira de Carvalho», da Sociedade Nacional de Armadores do Bacalhau — foi esta manhã benzida e baptizada no cais da Estação Marítima de Alcantara, no decorrer de uma cerimónia que teve a presença do Chefe do Estado e de outras altas individualidades. O novo barco é o maior no seu género — arrasto pela popa — construído em Portugal (nos estaleiros de Viana do Castelo) para a pesca do bacalhau é equipado com aparelhagem modernissima, tendo um porte de 1800 t, podendo carregar 22-23 mil quintais de bacalhau verde salgado e uma capacidade líquida dos porões de peixe de 1450 m3.

Procedeu á bênção o prior de Belém, cónego Luís Gonçalves Pedro, e foi madrinha da nova unidade, tendo procedido ao respectivo baptismo, a sr.ª D. Prazeres Ferreira de Carvalho, viuva do administrador da S. N. A. B. cujo nome foi dado ao bacalhoeiro. Presentes, ainda, entre outras individualidades, os ministros da Marinha e da Economia e Finanças, secretários de Estado da Informação e Turismo, do Comércio e da Industria, presidentes da Junta Nacional de Fomento das Pescas e da Comissão Reguladora do Comércio do Bacalhau, etc.

Visita a bordo

O almirante Américo Thomaz, depois de ter cortado uma fita simbólica, visitou demorada e interessadamente o barco, no que foi acompanhado pelos oficiais do mesmo e membros do conselho de administração da S. N. B. A., tendo-se detido particularmente nas instalações com equipamento destinado á lavagem e preparação do bacalhau, aproveitamento dos resíduos de peixe para farinação e preparação do óleo de fígado de bacalhau, assim como na ponte equipada com a mais moderna aparelhagem de electrónica, de radares, sondas, lovans,, gira-bussolas, U H F, radiotelefone, etc., e em cuja sala de comando se encontra instalado o «écran» de um circuito interno de televisão através do qual são controlados todos os trabalhos de preparação de peixe.

Sessão solene

Seguiu-se uma sessão em que usaram da palavra o dr. Duarte Silva, presidente do conselho de administração da S. N. A. B. e o almirante Henrique Tenreiro, presidente da Junta Nacional de Fomento das Pescas. O primeiro orador começou por historiar a vida daquela sociedade armadora («a maior empresa portuguesa da pesca do bacalhau — o valor das suas vendas atingiu, em 1968, 144 mil contos»), e revelou que a nova unidade tinha custado mais de 60 mil contos, referindo-se pormenorizadamente ás suas características e finalidades.

Vai ser construido um novo arrastão

E mais á frente disse:

«A situação difícil que a industria da pesca do bacalhau atravessou em Portugal durante mais de 10 anos, com preços fixados muito abaixo das cotações internacionais e tendo até contribuído com taxas directas para reduzir o preço do bacalhau importado, atrasou a renovação da nossa frota e impossibilitou-nos, durante os exercícios de 1959, 1960 e 1964 a 1967 de distribuir dividendos.

«A partir de Julho de 1967, a liberalização dos preços do bacalhau permitiu dar, novamente, condições de vida á industria e, assim, o nosso novo programa de construções, iniciado com este navio tem de prosseguir aceleradamente.

«Já requeremos autorização para a construção de um novo arrastão cujas características básicas serão as deste. Temos em construção, em Viana do Castelo, dois arrastões em parelha para a captura do bacalhau e, em Aveiro, dois arrastões costeiros. Terminados todos estes navios, teremos de prosseguir com a construção de outros.»

E, depois de outras considerações, o dr. Duarte Silva referiu-se ao apoio do Estado ás pescas, anunciou que a S. N. A. B. vai iniciar entre nós a pesca por parelha e agradeceu a presença de todas as individualidades.

Palavras do almirante Tenreiro

O almirante Henrique Tenreiro, por sua vez, começou por se dirigir ao Chefe do Estado («ainda hoje a pessoa mais actualizada e a melhor documentada em assuntos relativos á pesca e á Marinha Mercante») e referiu a sua acção, afirmando mais á frente que as pescas «precisam, sob alguns aspectos, de um especial carinho e amparo» E após ter dito que «não há atrasos, não há falta de técnicos, nem falta de orientação e compreensão do Governo», salientou porém haver dificuldades com a falta de peixe e com «os graves problemas que os outros países ribeirinhos nos levantam quanto á possibilidade de se exercer a actividade da pesca nas suas costas».

A terminar a visita, houve um beberete oferecido a bordo ao Chefe do Estado restantes individualidades

Falou ainda o ministro Marinha.

Encerrou a sessão o Presidente da Republica que pôs em relevo a importancia de que se reveste a nova unidade para a frota pesqueira portuguesa.

Durante a visita ao novo arrastão o Presidente da República examinou demoradamente, na ponte de comando, a moderna aparelhagem electrónica que constitui a última palavra no seu género

Bolsa de Lisboa

UNDO	STADO	Efec	Compra	Venda
Consolidado 3 ½%		—	—	—
Consolidado 3%		—	—	540$
Consolidado 3 ½%		—	—	640$
Centenários 4%		—	—	490$
Obrigs Tesouro 5%		—	—	007$
Externo Série		—	—	760$
Externo Série C		—	—	840$
Externo 3 Série		—	732$	—
Externo 3 Série C		—	—	900$
Caixotes 4 Série		—	170$	80$
OBRIGAÇÕES				
Aguas Lisboa 3%		—	—	490$
A P I 5% 56		—	925$	—
A P I 5% 58		—	930$	950$
C P 4 ½% 65		—	—	—
C P 5 ½% 67		—	—	—
C U 5%		—	—	005$
C U 5% 58		1.005$	995$	000$
Gás Electr 4% 48		830$	790$	—
Gás Electr 4 ½% 51		—	875$	880$
Gás Electr 5% 54		—	890$	900$
Gás Electr 5% 58		—	—	—
Gás Electr 5% 59		—	—	890$
Gás Electr 5% 62		—	—	—
Gás Electr 5% 63		—	905$	920$
Gás Electr 5% 65		—	—	900$
Gás Electr 5% 67		1.010$	005$	010$
H E Alentejo 5%		815$	810$	—
H E Lávado 5%		—	830$	835$
H E Lávado 6%		1.005$	000$	005$
H E Douro 5%		—	—	—
H E Douro 6%		—	—	—
H E Norte Port 5%		—	—	—
H E Estrela 6%		997$	997$	000$
H E Zêzere 5% 55		—	—	860$
H E Zêzere 5% 57		—	—	860$
Lisnave 6%		—	—	—
Metropolitano 4%		900$	895$	900$
Metropolitano 5 ½%		—	015$	—
Moçambique 5%		—	750$	800$
Nac Electr 5%		830$	825$	840$
Nitratos 5%		—	—	830$
Nitratos 5% 60		—	820$	—
Petroquimica 5%		855$	850$	860$
Port Celu 5%		—	950$	—
Sacor 5% 54		—	—	—
Sacor 5% 60		—	—	—
Siderurgia 5% 2.ª		—	815$	830$
Siderurgia 5% 3.ª		—	—	—
Siderurgia 5% 4.ª		—	—	830$
Sonete 5%		—	855$	870$
I A P 4%		—	—	—
Termoelect Port 5%		800$	795$	800$
U E P 3 ½%		—	84$	—
U E P 4%		—	84$	—
U E P 4 ½%		—	—	—
U E P 5%		—	—	—
U E P 5% 60		—	850$	860$
U E P 5% 63		—	—	—
AÇÇÕES				
Bancos				
Agricultura		1.630$	630$	640$
Alentejo		915$	915$	920$
Angola		3.350$	3.320$	3.400$
Burnay		—	—	—
Créd Predial		3.570$	3.560$	3.600$
E Santo		—	—	—
E Santo n		—	—	—
Fonsecas S. p.		—	20.000$	—
L G Açores p.		7.300$	7.200$	7.300$
L G Açores n.		—	—	—
P Atlântico p.		6.850$	6.800$	6.870$
Portugal n		3.600$	—	3.600$
Portugal p		4.600$	—	4.650$
Totta Aliança		6.420$	6.420$	6.450$
Ultramarino n.		2.925$	2.920$	2.935$
Ultramarino p		3.180$	3.180$	3.190$
Seguros				
Alentejo		76$	75$	78$
Douro		—	1.200$	—
Mundial		—	—	615$
Sagres		—	1.450$	1.600$
Tranquilidade		—	45.000$	60.000$
Ultramarino		—	15.000$	30.000$
Ultramarinos				
Açúcar de Angola		—	750$	—
Ag Cassequel		850$	845$	850$
Ag Incomah		—	1.980$	—
Ag Neves		—	—	—
Ag S Tomé e Príncipe		—	300$	370$
Boror		—	—	—
Buzi		82$	81$5	82$5
Cabinda		—	215$	220$

Ultramarinos			
Diamantes Angola	980$	970$	985$
H E Revué	610$	605$	610$
Ilha do Príncipe	—	—	—
Moçambique	143$	142$	144$
[illegible]	—	—	—
Sonete B	375$	370$	378$
Zambézia	—	78$5	79,5
Angolano	—	—	—
Diversos			
Lisboa	7.800$	7.750$	7.900$
Cim Leiria	4.000$	4.000$	4.100$
Cim Tejo	—	5 950$	6.050$
Cor Navegação	—	—	1.620$
C U	1.350$	340$	1.360$
Ind Aliança	—	580$	—
Nac Navegação	—	3.750$	7.900$
Petroquímica	2.230$	2.210$	2.250$
Port e Colónias	1.470$	1.450$	1.480$
Port Celulose	—	—	4.600$
Port Pesca	—	—	—
Port Tabacos	780$	778$	780$
Sacor	—	—	—
Siderurgia Nac	600$	580$	630$
Sacor	2.940$	2.910$	2.940$
Tabacos de Portugal	—	1.550$	1.650$
Tabaqueira	—	8 500$	8.900$
Adubos Azote	820$	815$	823$
Aguas Electr Gás			
Aguas Lisboa p	—	405$	425$
Aguas Lisboa 3/4	—	420$	—
Aguas Lisboa 3/6	—	—	410$
Eléct Beiras	—	—	—
Gás Electr	—	422$5	425$
H E Alto Alentejo	162$	160$	163$
H E Lávado	1.250$	250$	252$
H E Douro	1.230$	—	230$
H E Norte Portugal	—	305$	310$
H E S Estrela	—	—	—
H E Zêzere	1.270$	1.260$	1.280$
Nac Electricidade	1.250$	1.245$	1.255$
Termoeléctr Port	1.245$	1.240$	1.250$
U E P	—	—	202$
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F I Atlântico	—	194$7	200$5
F I D E S	—	119$9	123$5

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65 100)

	11/9/69	7/9/69	18/9/69
GERAL	142,3	142,2	**141,3**
METRÓPOL	138,2	137,7	**136,9**
ULTRAM.	172,6	174,8	**173,4**

PAÍSES	Compras	Vendas
África do Sul:		
— Rands de 1 e 2		
— Rands de 5 a 20	35$50	37$50
América:		
— Dollars de 1 a 2	28$15	28$55
— Dollars de 5 a 1000	28$35	28$80
Canadá — Dollar	26$10	26$60
Alemanha — Marco	7$05	7$30
Austria — Schilling	1$08	1$15
Brasil — Cruzeiro Novo	5$20	7$20
Espanha — Peseta	$40	$41,5
Holanda — Florim	7$75	8$00
Inglaterra — Libra	67$00	69$00
Itália — Lira	$04,45	$04,65
Bélgica — Franco	$50	$54
França — Franco	4$90	5$30
Suiça — Franco	6$55	6$75
Marrocos — Dirham	4$50	5$10
Dinamarca — Coroa	3$70	4$00
Noruega — Coroa	3$90	4$20
Suécia — Coroa	5$40	5$70
Ouro:		
Inglaterra — Libra Isabel	308$00	323$00
Inglaterra — 1/2 Libra	255$00	275$00
Ouro fino — Barra	37$50	39$00

J. BURNAY, L.DA
RUA DO OURO, 72
Notas estrangeiras
Papéis de crédito
Tel. 321273

AUTOPSIADO HOJE O CADÁVER DO ESTUDANTE MORTO NA ESTRADA

PÓVOA DE VARZIM, 18 — Será autopsiado, esta tarde, no hospital local o cadáver do infeliz Manuel Alberto, de 17 anos, finalista da Escola Técnica e que residia na Rua de Sacra Família nesta vila.

O infeliz estudante fora encontrado morto numa vala cheia de água, junto da sua bicicleta, por operários que seguiam para o trabalho.

O Manuel Alberto, que ontem, á noite, seguia pela estrada Vila do Conde-Póvoa, de regresso a casa, depois de ter ido visitar a sua noiva, teria-se despistado, devido ao piso molhado e escorregadio, e caído á vala, desmaiado, morrendo asfixiado, pois quando o encontraram estava semimergulhado na água da referida vala, em posição de decubito ventral.

Esta versão é ainda uma hipótese, que os resultados da autópsia irão confirmar ou modificar.

A P. V. T. tomou conta da ocorrência.

JORGE MANUEL SOARES

3 anos de saudade

Sua esposa, filhos, noras e netos mandam rezar, amanhã, missa na igreja de Santo António de Campolide, ás 9 horas, pelo seu eterno descanso.

Mais de sessenta toneladas de peixe vendidas em Matosinhos

MATOSINHOS — Na lota de pesca de arrasto, dez arrastões descarregaram hoje um total de 66 423 quilos de peixe, que renderam 217 919$00.

As espécies mais abundantes foram vendidas, em média, aos seguintes preços por quilo: chicharro, 1$38; carapau, 3$24; faneca, 6$28; sarda, 2$33; raia, 4$50. A média geral por quilo foi de 3$28 para todo o peixe em lota.

ASSOREAMENTO DA BAÍA DE S. MARTINHO DO PORTO

O problema da regressão da baía de S. Martinho do Porto, que se tem agravado nos ultimos anos, foi exposto, esta tarde, ao titular da pasta das Obras Publicas, por uma comissão regional, que se deslocou ao Gabinete daquele membro do Governo, acompanhada pelo chefe do distrito e pelo presidente do Município de Alcobaça.

Foi entregue ao eng.º Rui Sanches uma exposição, na qual é descrita a situação criada pelo assoreamento, cada vez mais acentuado, da baía e as nefastas repercussões do facto na vida local, nos sectores piscatório e turístico.

Refere-se nesse documento, também, que, desde há nove anos, não se procede a qualquer dragagem, o que tornou mais volumoso o assoreamento, pois os ultimos quatro Invernos foram muito rigorosos.

Três feridos graves num desastre em Arrifana

COIMBRA, 18 — Ontem á noite, em Arrifana (Condeixa), deu-se um desastre de viação no qual um automóvel conduzido pelo sr. João Meira, de 34 anos, regente agrícola, se enfeixou violentamente na parte traseira de uma camioneta que estacionara na berma da estrada, por motivos ainda desconhecidos. O veículo dirigia-se para esta cidade (que se encontra a 17 km. do local do acidente), onde os seus passageiros contavam assistir ao encontro de futebol entre a Associação Académica e a equipa finlandesa No automóvel seguiam, além do condutor, os srs. dr. Jorge Santos e cor. Alves Correia, funcionários superiores do Serviço de Apostas Mutuas Desportivas, o dr José Cabral, juiz procurador da Republica, e dr. Augusto Martins, inspector do desporto universitário

Todos os ocupantes do carro foram transportados para uma clínica de Coimbra, onde os três ultimos ficaram internados, muito feridos.

Em ALCOBAÇA o «DIARIO DE LISBOA» é vendido por José Narciso da Costa. Suc.. Rua Dr. Oliveira Salazar, 54.

RIKA ZARAI, sargento-chefe do Exército israelita, cançonetista no programa «Tele-Ritmo»

MINIENTREVISTA COM

RIKA ZARAI EM TELE-RITMO:

«INVENTEI HÁ OITO ANOS O CASATSCHOK MAS SÓ AGORA O ACEITAM...»

A FIGURA mais sensacional que encabeça o elenco artístico do novo programa de variedades «Tele-Ritmo» é, sem dúvida Rika Zarai, a criadora do então (Maio) famoso ritmo «Casatschok» que ela cantará acompanhada do ballet de Alfredo Portillo. Rika Zarai é jovem, bonita e extremamente simpática, principalmente por ter distinguido a sua estadia com esta minientrevista:

— O que é o ritmo «Casatschock»?

— *Dizem os entendidos que é um ritmo com sabor a velho (não antigo). Tem certo ar de autenticidade que lhe dá categoria. Aprofundando-o reconhece-lhe que não é tão simples como parece á primeira vista. As suas origens são a Rússia e Israel, passando pelo «Tourix» e «Pop». Fazendo-no ainda lembrar, alguns trechos, as danças cossacas e as nostálgicas canções dos barqueiros do Volga.*

— O seu êxito foi repentino...

— *Pelo contrário. Inventei-o há oito anos, mas, em Paris os editores de discos não o aceitaram, alegando não ser moderno. Lutei imenso para o impor e só agora o aceitaram.*

— Porquê só agora?

— *Porque compreenderam que o folclore dos países está cada dia mais vivo e latente, mais próximo do êxito que todos almejamos.*

— É este o seu ritmo preferido?

— *Prefiro os ritmos sul-americanos, o bolero, a rumba, bossa nova.*

— Quais são os seus grandes êxitos?

— *Exodo», «Jerusalém» e «O homem que me ama».*

— Qual é mais difícil, triunfar como cançonetista ou como mulher?

— *Como cançonetista, porque se depende de todos e não de si própria. Como mulher sou divorciada, como artista tenho tido uma árdua luta para me impor no estrelato Mundial. Em 1960 deixei o meu país, onde fui sargento-chefe do Exército, para tentar a fortuna em Paris. Pensava ter um contrato para o Olympia, mas enganei-me redondamente. Durante um ano errei pela cidade-luz actuando aqui e ali para me suster até que um editor me levou a gravar a canção «Oliveros» que, inesperadamente, agradou ao ponto de actuar na R. T. F., dali ao Olympia e ao êxito.*

— Quais são as suas preferências musicais?

— *Bach, Haendel, Debussy, Ravel, Schumann, Bela Bartok e Jazz.*

— Mais concretamente?

— *Dave Brubeck, Garry Mullingan e Ella Fitzgerald.*

— Gostaria de tentar o cinema?

— *Já entrei em dois pequenos filmes. Mas gostaria realmente de ser intérprete de um bom filme, dirigido por Vadin, por exemplo.*

— Importava-se de actuar com Omar Sharif?

— *Sim, muito.*

— Porquê. (Pergunta maliciosa porquanto Omar é egípcio).

— *Porque é o pior actor do Mundo.*

— Sincera?

— *Sim. Mesmo que fosse egípcia e ele israelita eu continuaria a afirmar que Omar é o pior actor do Mundo.*

2.º PROGRAMA

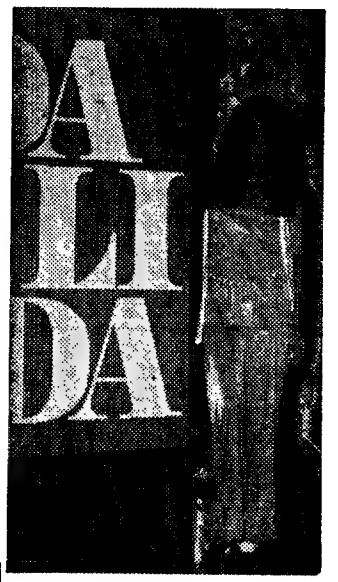
PELAS 21 e 55 é transmitida a série dramática «Desilu Playhouse». «A Saúde Pública do Ultramar» é o filme integrado no programa de actualidades «Em Foco». Segue-se a repetição do programa do dr. David Mourão Ferreira «Imagens da Poesia Europeia».

TV dia a dia

HOJE PODE VER ...

TELE-RITMO

CERCA DAS 21 e 35 aparece o primeiro programa da nova série musical «Tele-Ritmo» com Dalida, Rika Zarai, Quinteto Académico+2 com Earl Jordan, Simone, Ouro Negro, Maria Valejo, Maria da Glória, Vicente da Câmara, Ballet Fernando Lima, Ballet de Alberto Portillo, Ballet Hungaro Bihari Janos, Ballet Checo Dolina, Ballet Eslovaco Techinch, os guitarristas Raul Nery e Pedro, os violinistas Fernando Alvim e Raul Silva, Orquestra sob a direcção de Jorge Costa Pinto. Apresentação de Maria Fernanda e Carlos Cruz. Cenografia de António Casimiro. Realização de Luís Andrade.



DALIDA, a grande vedeta da canção francesa está presente no novo programa de variedades Tele-Ritmo

AMANHÃ — I Programa — Às 17 e 43, Abertura; 17 e 45, Eurovisão — Campeonato da Europa de Atletismo; 19 e 20, Desenhos animados; 19 e 30, Telejornal; 19 e 45, A criança perante a vida; 20 e 5, Cartaz TV; 20 e 35, Conheça o Portugal desconhecido; 21, Telejornal e Boletim Meteorológico; 21 e 35, Noite de Cinema; 23 e 25, Actualidade desportiva; 23 e 45, A Marcha do Mundo; 23 e 55, Fecho.

II Programa—Às 21, Telejornal e Boletim Meteorológico; 21 e 31, «Bela e Sebastião»; 21 e 55, Zip-Zip; 0 e 15, Fecho.

TUDOR PILHAS BLINDADAS ESTANQUES

ACTUALIDADE DESPORTIVA

O PROGRAMA «Actualidade Desportiva» exibe cerca das 20 e 05 os resumos filmados dos jogos de futebol Benfica-Kjobenhavus Boldklube, da Dinamarca (Taça dos Clubes Campeões Europeus) e Académica-Pallosenre Kuopin, da Findandia (Taça dos Vencedores das Taças).

PORTUGAL ALÉM EUROPA

Pelas 19 e 45 é transmitido o programa da Agência Geral do Ultramar orientado pelo dr. Manuel Osório, «Portugal Além Europa».

Na edição desta tarde é apresentado um curioso apontamento com um tartarugueiro de S. Tomé, de passagem por Lisboa. Tartarugueiro, profissão quase extinta, trata-se daquele que aproveitando a tartaruga executa diversos trabalhos de adorno, etc.

A segunda entrevista traz ao conhecimento dos espectadores o dr. Alfredo Duarte Junior, escritor de Angola que ao seu livro «Angola Perante a Escravatura», atribuiram o Prémio da Academia de Ciencias.

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s. — Às 16: Noticiário; 16 e 05: Luz no horizonte; 16 e 30: Que quer ouvir?; 17: Ginástica de Pausa, pelo dr. Marques Pereira; Programa da tarde; 17 e 35: Do choupal até á Lapa; 18 e 10: Programa da Mulher, por Maria Emília Cancela de Abreu e Judite Navarro; 18 e 40: Musica e sonho; 19 e 45: Diário Rural — Musica só musica; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Solistas ligeiros; 20 e 40: 1.º Episódio do Folhetim «A Mão e a Luva»; 21: Jornal de actualidades; 21 e 30: A Orquestra Hollyridge Strings; 21 e 45: Futebol:—Taça Europeia das Feiras — Vitória de Setubal-Rapid de Bucareste (no Estádio José Alvalade) — no intervalo: Noticiário e Boletim Meteorológico; 24: Programa da noite; 1: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s.—Às 16 e 30: 2.º e 3.º actos da ópera «O Oprichnik» (Tschaikowsky) — solistas, Coro e Orquestra Sinfónica da Rádio Moscovo, dirigida por Alexander Orlov; 18: Musica do século XX; 19: Crítica literária, pelo dr. João Bigotte Chorão; 19 e 10: Folclore Português — Musica regional da Beira Alta e da Beira Baixa; 19 e 25: Musica de piano — Idílio (Chabrier), por Aldo Ciccolini — Quadros de uma Exposição (Muesorgsky), por Marina Mdivani; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Musica instrumental; 20 e 30: Concerto pelo coral Luísa Todi, de Setubal, dirigida por Jorge Manzoni — Obras de Luís de Victoria, Filipe de Magalhães, João Sebastião Bach, Mozart, Joseph Noyon, Robert Williams; 21: Tema e 4 Variações (Os 4 Temperamentos) (Hindemith) — Orquestra de Camara dirigida por Felix Slatkin — solista; 21 e 30: Panoramas da História, pelo dr. João Ameal; 21 e 50: Sonata Op. 40 (Schostakovitch) — solistas; 22 e 20: Poemas Sinfónicos; 23: A Voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho.

2.º Programa (Cultural MF 2) — 94,3 mc/s. — 23: Musica de piano — Obras de Ravel e Albeniz por Walter Gieseking e Rosa Sabater; 23 e 30: Concerto pelo Grupo Coral da Escola Pedagógica Superior de Colónia — num programa cedido pelo Instituto Alemão; 0 e 15: Sonata em Sol Menor op. 19, para violoncelo e piano (Rachmaninoff); 1: Fecho.

RÁDIO UNIVERSIDADE—451 m — 665 kc/s. — Às 19 e 12: Recital; 19 e 44: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,18 m — 1034 kc/s. — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Canções ao acaso; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 07: Conjuntos vocais; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Rádio Placard; 21 e 03: Diálogo; 21 e 09: Portugal de hoje; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Musica tradicional e palestra religiosas; 23 e 22: Grande rada; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência—97,4 mc/s. — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa-noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 0 e 02: Em órbita-dois; 1 e 03: Banda Sonora; 2: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s. — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: «Matinée» teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 20: Robbialac; 19 e 35: Estudio 64; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 02: Orquestra; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 45: Francisco e Ernesto; 22 e 03: O Santo; 22 e 15: Cristo para todas as nações; 22 e 30: Presença coimbrã; 23 e 04: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA—283,2 m — 1286 kc/s. — Às 16: Radiorama; 18: Canções a duas vozes; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditando; 21: Variedades; 21 e 30: A nossa musica e os nossos artistas; 21 e 45: Solistas em voga; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s. — 94,4 mc/s. — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 12 ás 14 e 30; **Rádio Voz de Lisboa** — Das 10 ás 12 e das 19 e 30 ás 22; **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 ás 10 e das 22 ás 2; **Rádio Graça** — Das 14 e 30 ás 19 e 30.

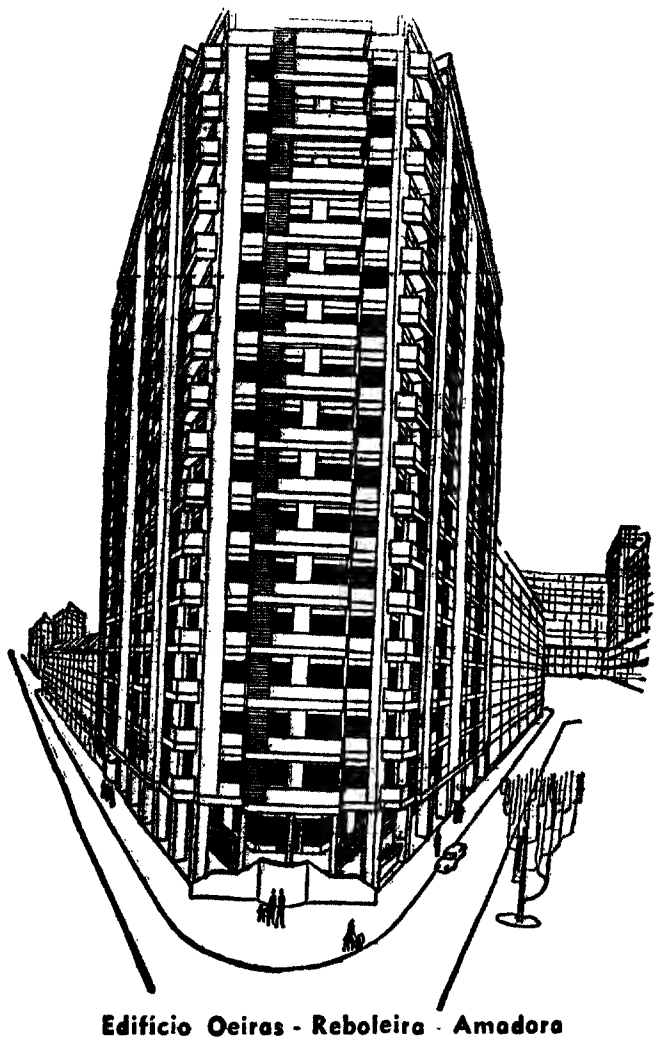
IX CAMPEONATO DA EUROPA DE ATLETISMO EM ATENAS

A TERCEIRA transmissão em directo de Atenas, do estádio Karaiskaris, via Eurovisão, pela RTP, efectua-se pelas 18 e 01, em que se disputam os 50 000 metros, peso, altura, 400 metros livres e com barreiras, para homens. 800 e 400 metros mulheres, salto em altura e comprimento, entre outras provas.

O FUGITIVO: «OS MUROS DA NOITE»

EXCEPCIONALMENTE e a fim de apressar o fim aos martírios do dr. Kimble, a R. T. P. exibe hoje, quinta-feira, pelas 22 e 45, o antepenúltimo episódio de «O Fugitivo», intitulado «Os Muros da Noite», com David Janssen, Janice Rule, Steve Inhat e Sheree North.

Neste filme «uma rapariga, em liberdade condicional, apaixona-se pelo «fugitivo». A princípio, ambos desconhecem a sua situação. Contudo ao se aperceberem da realidade, resolvem separar-se para cada qual seguir o seu destino...»



Edifício Oeiras - Reboleira - Amadora

Edifício Oeiras

Este edifício será o maior do Distrito de Lisboa. Comportará cerca de 200 fogos

compre a sua habitação neste edifício e quando ele estiver concluído terá em frente um Parque Desportivo equipado com piscina

J. PIMENTA, S. A. R. L.

assegura-lhe um rendimento de 6 a 10%, durante 6 e até 18 anos, à escolha do cliente, garantido por escritura pública.

MORADIAS

Encontra V. Ex.ª em Paço de Arcos moradias de luxo prontas a habitar. Em Cascais moradias tipo turístico e em degrau.

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO:

Azulejos nacionais e estrangeiros

Plásticos para revestimentos de paredes e tectos. Ferragens e ferramentas. Loiças sanitárias, tintas e máquinas para construção civil. Toda a gama de materiais de construção, electrodomésticos, utilidades para o lar, novidades em artigos domésticos, flores e apetrechos para jardins encontra V. Ex.ª aos mais baixos preços nos estabelecimentos da Organização J. PIMENTA, na Amadora, na Av. Santos Matos e em Queluz na Rua D. Maria I n.º 30, junto às estações de caminho de ferro respectivas.

3.000 CLIENTES DAR-LHE-ÃO AS MELHORES REFERÊNCIAS

Propriedades à venda em: Reboleira, Amadora, Venda Nova, Paço de Arcos, Parede, Cascais e Lisboa ● **Apartamentos em exposição em Reboleira, Amadora, Paço de Arcos (Espargal) e Cascais (por detrás do Hotel Baía)**

LISBOA — Rua do Conde Redondo, 53-4.º, Esq.º — Tel. 4 58 43 - 4 78 43

QUELUZ — Rua de D. Maria I, 30 — Telef. 95 20 21 - 95 20 22 **REBOLEIRA — Amadora — Serviço Permanente — Telef. 93 36 70**

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

1.ª VARA

ANÚNCIO

(2.ª Publicação)

No dia 20 de Outubro próximo, ás 15 horas, no Tribunal da 1.ª vara cível de Lisboa, sito no edifício da Boa-Hora, vai à 1.ª praça, para ser arrematado em hasta pública e pelo maior lanço que aparecer acima de 800 000$00, um terreno, com a área de 560m2, onde está em construção e vias de acabamento um prédio urbano que se compõe de rés-do-chão, primeiro e segundo andares para três inclinos, em cada piso, situado em Tercena, freguesia de Barcarena, concelho de Oeiras descrito na Conservatória do Registo Predial de Oeiras pela reunião dos n.ºs 1672, 1673, respectivamente fls 103 e 103 v do L.º B-6 e 3606, a fls 14 do L.º B-28 e inscrito na matriz rústica sob o art.º 31—secção 13, estando a construção urbana iniciada ainda omissa na matriz respectiva, prédio este penhorado aos executados Sebastião Vaz Manuel e mulher Maria Libânia Sam Pedro Vaz Manuel, proprietário, aquele morador na Av. do Brasil, n.º 102,, 1.º direito e está ausente em parte incerta e cujo último domicílio foi naquele do marido, e Carlos Alberto Figueiral, solteiro; maior, proprietário, morador em Lisboa, Rua 2, porta 17, a Campolide, nuns autos de execução ordinária (hipotecária) em que são exequentes Raul de Lima e outros. Lisboa, 28 de Julho de 1969.

O Juiz Corregedor,
José Maria Vaz
O escrivão da primeira secção
José João Barreira Cardoso

Concurso documental para ajudantes de colchoeiro

Nos Hospitais Civis de Lisboa — Secção de Pessoal — no Hospital de S. José aceitam-se inscrições até ao dia 27 de Setembro corrente para o concurso documental para ajudantes de colchoeiro.

Os candidatos deverão obedecer ás seguintes condições:

a) Idade: mais de 18 e menos de 35 anos;

b) Habilitações literárias: 2.º grau de instrução primária;

c) Atestado de bom comportamento moral e civil, passado pela Junta de Freguesia ou pelo Pároco;

d) Os candidatos deverão entregar documento comprovativo da sua aptidão profissional e experiência anterior.

A admissão será feita em regime eventual, á experiência durante 3 meses, findos os quais serão incluídos no quadro ou dispensados do serviço, conforme as informações prestadas pelos serviços de Instalações e Equipamentos, sobre as qualidades de adaptação e trabalho.

O ADMINISTRADOR
DOS SERVIÇOS CENTRAIS

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto

ANIBAL GRAVADOR

A casa que melhor trabalha
Rua Nova do Almada, 64
LISBOA

Necrologia

FALECIMENTOS

D. Maria Manuela Mariano de Carvalho da Cunha e Vasconcelos

Com 67 anos, faleceu a sra. D. Maria Manuela Mariano de Carvalho da Cunha e Vasconcelos, que, durante muitos anos, foi redactora da agência noticiosa France-Presse.

A falecida, que gozava de gerais simpatias, era mãe das sras. D. Sofia Maria da Cunha Vasconcelos Peleteiro e D. Maria Adelaide da Cunha Vasconcelos Pinto Correia, casada com o sr. prof. José Pinto Correia, e irmã do sr. António Mariano de Carvalho.

O funeral sai amanhã, pelas 10 horas, da igreja de S. João de Brito.

SUFRÁGIOS

Maria Matos

Por intenção de sua mãe, a grande artista Maria Matos que desapareceu da cena portuguesa há 17 anos, a actriz Maria Helena Matos manda rezar missa de sufrágio, amanhã, ás 19 horas, na igreja da Conceição Velha, á Rua da Alfândega, em Lisboa.

MARIA MANUELA MARIANO DE CARVALHO DA CUNHA E VASCONCELOS

FALECEU

Sofia Maria da Cunha e Vasconcelos Peleteiro seu marido Hernani Daniel Tarrio Peleteiro filhas e filho, Maria Adelaide da Cunha e Vasconcelos Pinto Correia, seu marido José Pinto Correia e filhas, António Mariano de Carvalho, sua mulher Maria Bernardina Falcão Trigoso de Carvalho, cumprem o doloroso dever de participar que foi Deus servido chamar á sua divina presença a sua querida mãe, sogra, avó, irmã e cunhada e que o seu funeral sairá da Igreja de S. João de Brito ás 10 horas, de amanhã, dia 19, para o Cemitério da Ajuda.

FRIGORÍFICOS — TELEVISORES — CRIVADEIRA — GUINCHO — BAILEUS — BALANÇAS — LOUÇAS SANITÁRIAS — MÁQUINAS DE COSTURA INDUSTRIAIS — MÁQUINAS DE TIPOGRAFIA — DITAS DE SOMAR E DE ESCREVER — MOBILIÁRIO DIVERSO — SOFÁS — SECRETÁRIAS — FERRAMENTA DIVERSA — ESTANTES — ARTIGOS DE PAPELARIA, ETC., ETC.

LEILÃO

Amanhã, das 10 ás 13 e das 15 ás 19 horas

Por determinação dos Meritíssimos Juízes de Direito dos 1.º, 2.º, 3.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º, 9.º, 10.º e 11.º, Juízos Cíveis de Lisboa, **serão postos em praça, no nosso armazém, na Calçada de Santos, n.os 31-33 em Lisboa,** os bens acima indicados e muitos outros que no acto do leilão estarão patentes ao público.

A LEILOEIRA, LDA.

Av. 5 de Outubro, 23-1.º — Lisboa — Telefs.: 45934-46259

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

Benfica, 2 - Boldklub, 0 — mas...

BENFÍFIA...

Começou tão bem... Logo aos 6 minutos Eusébio marcou o primeiro golo do Benfica, para repetir o seu gesto de triunfo aos 24 minutos. Depois...

Foi, sem duvida, uma grande e gorda «fifia», a que deu ontem a equipa do Benfica no seu primeiro jogo da Taça dos Campeões de 1969-70. De tal modo ela foi, que a velha expressão *«mau demais para ser verdadeiro»* acode aqui como quase obrigatória. E não para que se passe uma piedosa esponja sobre o assunto — sim

Vantagem (uma vez entre tantas) de um defensor dinamarquês. Jaime Graça foi o vencido deste lance

apenas para acentuar a ideia de que não será fácil ver o Benfica, mesmo em má «forma», repetir actuação tão desastrosa.

Na primeira parte ainda os campeões portugueses deram um ar da sua graça, tiveram mesmo alguns períodos (curtos) de brilhantismo, marcando as distancias entre a sua categoria e a modéstia dos dinamarqueses — ágeis, rápidos, mas pouco mais. E embora já então os benfiquistas tivessem desacertos frequentes, o mau apagou-se de importancia pela compensação do que de bom realizaram Eusébio, Simões, Coluna e companheiros. E sempre se marcaram dois golos...

Na segunda parte é que foi o diabo. Quando se poderia esperar que o ataque português vencesse decisivamente a teimosa resistência da defesa nórdica, o que se viu foi toda a equipa a naufragar na mais impressionante confusão, incapaz de alinhavar uma jogada, de acertar um passe, de ganhar um lance de antecipação.

Sucederam-se os erros clamorosos — e efectivamente levantaram-se clamores de desaprovação entre o publico benfiquista. Quase toda a segunda parte decorreu ao som de vaias e assobios que, evidentemente, também não ajudaram nada.

*

Que vale, neste momento, o grupo do Benfica?

Esta será a pergunta que ficou no espírito de muitos dos seus adeptos após a sombria «soirée» de ontem á noite. E se não podemos considerar essa actuação como imagem fiel do valor da equipa, neste ou em qualquer momento, nem tudo se poderá apontar como fortuito e sem significado.

O Benfica pareceu possuido de uma espécie de «torpor mental», que é uma coisa que acontece muito quando os jogadores se convencem que a tarefa é fácil, caindo no nervosismo e no destrambelhamento quando se lhes erguem inesperadas dificuldades. Talvez a equipa tenha entrado em campo com certos cuidados, mas a verdade é que foi de tal modo evidente a sua superioridade no início do jogo, ainda mais com um golo marcado logo aos 6 minutos, que se deixou cair no «relax». E foi um tal mergulho que quando quis reerguer-se já os dinamarqueses tinham tomado a banca e davam cartas no pano verde da Luz.

Mas este é apenas um aspecto do problema, o que nele há de fortuito e que certamente não se repeteria se as duas equipas voltassem a defrontar-se esta noite mesmo. O que não deixaria de ver-se, certamente, era a diferença de capacidade atlética. Esperada a superioridade dos nórdicos neste aspecto, ela avolumou-se pela surpreendente fragilidade benfiquista, pela sua deficiente condição física, não só inferior á do adversário mas também ao que é normal em si própria.

Tudo isto junto deu aquele grande *esterdere* da segunda parte. Depois de cairem na esparrela do seu deslumbramento, chegando a fazer «bonitos» e a procurar rasgos de evidência individual desfazendo-se como equipa, os jogadores do Benfica quiseram *reencontrar-se* mas viram-se perante o alarmante embaraço da sua larga desvantagem atlética. Era a força e a velocidade dos dinamarqueses contra a fadiga temporã e a consequente lentidão dos de encarnado. E quando assim é, quando a diferença atinge tais dimensões, a *técnica*, a habilidade, a perfeição no domínio de bola, são pobres coisas sem utilidade nem significado. Os jogadores do Benfica não tinham *poder* para expressar o seu indiscutível *saber*. O futebol exige movimento, vivacidade, alegria de jogo, e era um grupo angustiado, sem fôlego nem animo, que via os rapazes da Dinamarca correr, correr, a chegarem sempre primeiro á bola, a irem aos dois e três para cada lance.

Aconteceu o que talvez ninguém fosse capaz de prever depois de assistir ao início do jogo: na segunda parte os visitantes foram os melhores e só não tiraram daí grande proveito porque efectivamente lhes falta uma coisa chamada «classe»...

Ficou no entanto a sugestão de que o Benfica é capaz de passar o seu mau bocado no jogo a disputar na Dinamarca.

*

O Boldklud não tem grandes jogadores — o que tem é excelentes atletas. Um caso de saude, que está para além do clube e do próprio futebol. «Eles» são assim... Se todos contribuiram para ensaboar o juizo ao reputado Benfica, há no entanto que distinguir especialmente o defesa-central Ravn, o médio Moller e os avançados Krogdahl e Brage.

No Benfica... bem, apenas Diamantino se salvou da condenação do publico, que sempre o distinguiu com aplausos. Foi sempre dos mais enérgicos e acertados, sem duvida, mas muitos desses aplausos soaram como palmatoadas para os mais famosos. Simões, que só jogou na primeira parte (antes do naufrágio...) teve lances excelentes, tal como os tiveram então Eusébio, Coluna e o próprio Toni, este já a mostrar uma irregularidade e uma perturbação surpreendentes.

E a equipa jogou á imagem de Toni: mostrando-se fugazmente capaz do melhor, mas fazendo, durante mais tempo, do pior que já lhe vimos na sua longa actividade europeia.

O árbitro, um francês sereno, teve um ou outro erro de pouca importancia. Mas nem lhe dirigiram assobios — esses reservados ontem para a equipa da casa. Surpresas de uma noite de fim de Verão...

Comentário de

MÁRIO ZAMBUJAL

Toni, um jogador-símbolo do estranho Benfica de ontem à noite: ele esteve no melhor e no pior da equipa

EUSÉBIO — OS DOIS GOLOS

No Estádio da Luz, jogo da 1.ª eliminatória da Taça dos Campeões Europeus de 1969-70, arbitrado pelo francês Hollés.

BENFICA — José Henriques; Malta da Silva, Humberto, Zeca e Adolfo; Coluna e Toni; Simões, Torres, Eusébio e Diamantino.

BOLDKLUB — Hagenar; Jorgensen, Anders Sorensen, Ravn e Pedersen; Skouborg e Moller; Jan Sorensen, Krogdahl, Brage e Mortensen.

Substituições: no Benfica, Graça tomou o lugar de Simões no início da segunda parte e José Augusto substituiu Toni um quarto de hora depois; no Boldklub, saiu Mortensen aos 67 minutos, entrando Praest para o seu lugar.

GOLOS: Eusébio marcou aos 6 e 24 minutos, o primeiro a passe de Toni, o segundo após «toque» de Torres, no seguimento de um «canto» marcado por Simões.

Resultado final: Benfica, 2-Boldklub, 0.

VIT. DE SETÚBAL-RAPID DE BUCARESTE:

CONFIANÇA NOS DOIS CAMPOS

Vitória de Setubal e Rapid de Bucareste enfrentam-se esta noite (21 e 45) no Estádio «José Alvalade», em jogo que conta para a «Taça das Cidades com Feira». São prováveis as seguintes formações:

VITÓRIA — Vital; Conceição, Cardoso, Herculano e Carriço; Tomé e Wagner; Guerreiro, José Maria, Arcanjo e Jacinto João.

Suplentes: Gomes, Alfredo, Petita, Rebelo e Figueiredo.

RADIP — Raducanu; Pop, Lutescu, Dan Coe e Greavu; Dumitru e Angelescu; Petreanu, Meagu, Strat e Codreanu.

Suplentes: Stelian, Adrian, Musat e Constantin.

Segundo declarações dos seus «responsáveis», o Rapid de Bucareste vem disposto a conseguir uma vitória. Diz o técnico Marin: *— Para além de uma boa exibição, contamos com um triunfo. Pela observação que fizemos ao Vitória de Setubal, achamos possível um resultado favorável para as nossas cores.*

No Rapid (saliente-se) alinham cinco «internacionais» romenos, três dos quais (Cujescu, Dan e Raducanu) estão seleccionados para defrontarem a equipa portuguesa, no embate que conta para o «Mundial» do México.

Por seu lado, José Pedroto (treinador do Vitória) está plenamente confiante:

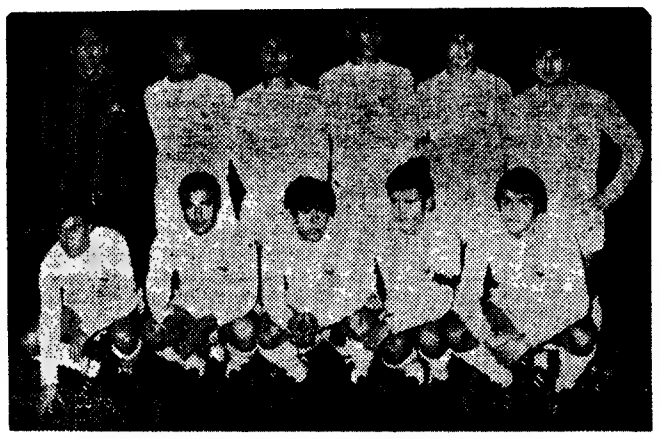
— Convencido, mesmo, de que o Vitória continuará a fazer excelente figura na «Taça das Feiras» — diz-nos.

Acrescentou:

— A minha equipa em nada ficou diminuída pelo desaire sofrido perante o Sporting. Aliás, uma derrota que foi fruto de autênticos imponderáveis, salientados por toda a crítica...

A turma setubalense repousou durante a manhã de hoje, tendo feito um pequeno passeio antes do almoço.

CONCEIÇÃO



A Académica, tal como alinhou ontem: de branco e com Maló nas redes

A JORNADA EUROPEIA

DOZE GOLOS DO FEIJNOORD

Foram os seguintes os resultados dos encontros de ontem á noite disputados a contar para as diversas competições europeias.

Taça dos clubes campeões

Dínamo de Kiev-Austria, 2-1; Fiorentina-Oester (Suécia), 1-0; Feijenoord (Holanda)-Reykjavik (Islândia), 12-2; Celtic de Glasgow- F. C. Basileia, 0-0; CSKA de Sófia-Ferencsvaros (Hungria), 3-0; Estrela Vermelha (Belgrado)--Linfield de Belfast, 8-0; Uta Arad (Roménia)- Léuta Arad (Roménia)-Légia de Varsóvia, 1-2; Bayern de Munique (Alemanha)-St. Etienne (França), 2-0; Standard de Liège (Bélgica)-Nenturi (Albania), 3-0; F. C. Vorwaerts (Alemanha Oriental)-Panathinaikos (Grécia), 2-0; Hibernians (Malta)-Sparta de Truava, 2-2.

Taça dos Vencedores das Taças

Norkoeping (Suécia)--Wanderers (Malta), 5-1; Rovers de Shambock (Irlanda)-Schalke (Alemanha Ocidental), 2-1; Atlético de Bilbau-Manchester City, 3-3; Rangers de Glasgow-Steana (Roménia), 2-0; Dynamo de Zagreb-Slovan de Bratislava, 3-0; F. C. Frem (Copenhague)-St. Gallen (Suíça), 2-1; Rápid (Viena)- Philips de Eindhoven (Holanda), 1-2; Dukla de Praga--Olympique de Marselha, 1-0; Goetzteje de Esmirna (Grécia)-Union Sportive (Luxemburgo), 3-0; Olympiakos (Grécia)-Gornik (Polónia), 2-2; Lierse (Bélgica)-Apoel de Nicósia (Chipre), 10-1; F. C. Magdeburgo (Alem. Oriental)- MTK (Budapeste), 1-0; Mjoendalen (Noruega)-Cardiff City, 1-7; ARDS (Belfast)-Roma, 0-0.

Taça dos Feiras

Juventus-Lokomotiv de Plovdiv (Bulgária), 2-1; VFB de Estugarda--Malmoe, 3-0; Gwardia (Polónia)-Vojvodina de Novi Sad, 1-0; Inter--Sparta de Praga, 3-0; Barcelona-Odense (Dinamarca), 3-0; Rosenborg, de Trondheim (Noruega)-Southampton, 1-0; F. C. Hansa, de Rostock-Panathicos, de Atenas, 3-0; Dynamo de Bucareste-La Valetta de Malta, 6-0; Sabadel (Espanha)-Bruges (Bélgica), 2-0; SJK de Sófia (Bulgária)-Valência, 2-0; Hannover 96 (Alemanha)-Ajax (Holanda), 2-1; Aris de Salonica (Grécia)-Cagliardi Itália) 1-1; Las Palmas (Espanha)-Hertha de Berlim (Alemanha), 0-0.

O cinquentenário de «Os Belenenses»

Na sala Portugal, da Sociedade de Geografia de Lisboa realiza-se no próximo dia 23 a sessão solene comemorativa das Bodas de Ouro do Clube de Futebol os «Belenenses».

Ao acto, que se inicia ás 21 e 30 horas, presidirá o sr. almirante Américo Thomaz, presidente honorário do clube.

DESPORTO DESPORTO **DESPORTO** DESPORTO

ACADÉMICA, 0 - KUOPION, 0

FORÇA E APLICAÇÃO FALARAM... EM FINLANDÊS

Apesar da chuva ter deixado de fust'gar a cidade horas antes da partida começar, só cerca de 3000 pessoas assistiram ao encontro realizado ontem no Estádio Municipal de Coimbra, da primeira «mão» da primeira eliminatória da Taça das Taças entre a Académica e o Kuop'on da Finlândia.

Desconhecia-se o valor dos finlandeses, mas quase toda a gente previa que a equipa coimbrã tinha a qualificação á vista. Tal não aconteceu porém, pois o zero-zero com que terminou a partida traz, naturalmente, aos escolares, sérias dificuldades para o desafio da segunda mão.

Jogando apenas com dois elementos á frente e denunciando desde logo uma preparação física excepcional, os visitantes cedo começaram a criar dificuldades ao habitual explanar do futebol escolar, uma vez que os avançados da Académica não sabiam, ou não podiam, criar espaços vazios para rematar com possibilidades de êxito. Estes eram, normalmente, desferidos de longe, mas encontrariam sempre um guarda-redes atento, elástico e seguro. Entretanto a Académica fazia figura de grande e incontestada dominadora. No estilo fácil e vivo que caracteriza o seu futebol os escolares rápidamente chegavam ao meio campo defendido pelos finlandeses, mas tudo se perdia nessa zona ante a rapidez e a força atlética que os visitantes impunham.

Apesar deste domínio quase constante, notava-se, por parte da Académica, um certo receio da rapidez do contra-ataque adversário, pois quase não surgiam ensejos para que os seus defesas entrassem em acção, mas eles mantinham-se á rectaguarda, para «marcar» apenas dois opositores.

No segundo tempo, mesmo com as alterações verificadas no «onze» de Coimbra (saiu Rui Rodrigues, substituído por Rocha e Vítor Gomes ocupou posição na extrema direita depois da saída de Vítor Campos para o lado esquerdo) o jogo manteve as mesmas características de domínio quase constante da Académica.

O ex-portista Vítor Gomes deu, na verdade, outra movimentação ao ataque escolar, mas acabou por exceder-se em lances individuais, nada aconselháveis naquele aglomerado de jogadores, colocados á frente do guarda-redes finlandês.

Nos ultimos vinte minutos notava-se que a maioria dos jogadores escolares já não tinham força, arrastando-se com muita dificuldade, no terreno, embora fosse evidente o seu empenho até ao ultimo minuto para alcançar o golo que seria o da vitória e amplamente merecida.

Os finlandeses, tal como se supunha não eram técnicamente perfeitos mas superavam essa falta com uma pujança física extraordinária, acorrendo a todos os lados com grande rapidez. O guarda-redes foi a figura mais destacada do «team» pois é realmente um futebolista de notáveis recursos.

Na Académica, Maló esteve práticamente inactivo, não se podendo, por isso, avaliar a sua forma actual. Mário Campos que fez uma boa primeira parte, desceu, depois, consideràvelmente de rendimento. Agradou-nos, porém, a actuação de Vítor Gomes, com o senão já apontado.

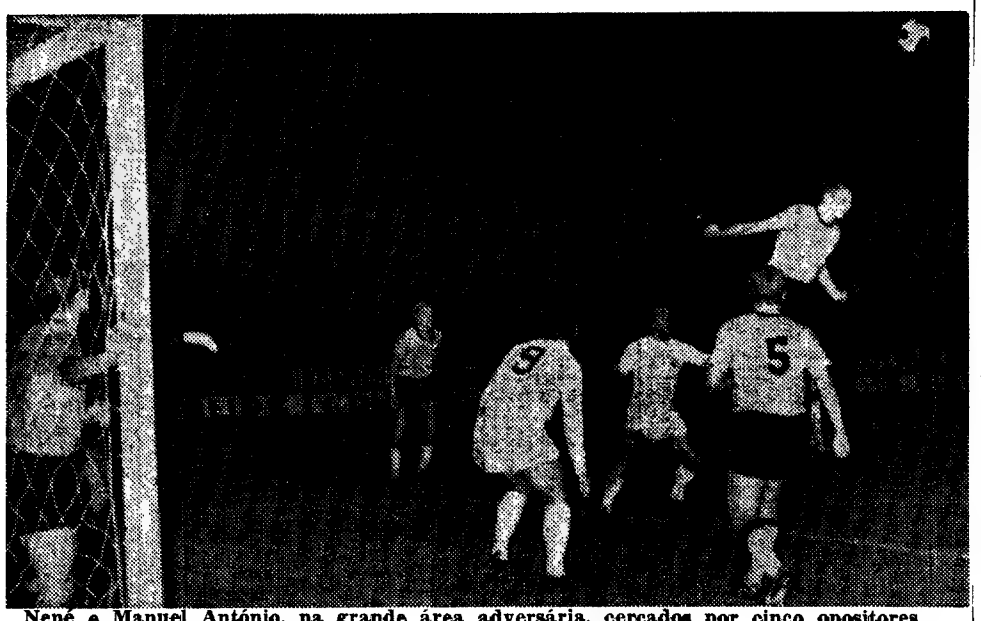
O árbitro alemão teve trabalho calmo, fácil e certo não se justificando os protestos do publico.

O encontro foi dirigido pelo juiz de campo germanico Joachim Weyland e as equipas apresentaram:

KUORPION — Hanninen; Raatikainen, Vaananch, Trasto, e Marttila (Tirkkonso); Kostilainen e Sarolainen, Riesanco; Iivetsalo, Korpinen e Sonesalo.

ACADÉMICA — Maló; Curado, Belo, Alhinho e Araujo; Gervásio e Rui Rodrigues (Rocha); Mário Campos, Manuel António, Nené e Vítor Campos (Vítor Gomes).

MANUEL UMBELINO



Nené e Manuel António, na grande área adversária, cercados por cinco opositores

HOJE À NOITE

BASQUETEBOL — Sorteio dos Campeonatos de Lisboa de Juniores, Juvenis e Iniciados, na Associação de Lisboa, respectivamente, ás 21, 22 e 23 horas.

FUTEBOL — Taça das Cidades com Feira: Vitória de Setubal - Rapid de Bucarest, no Estádio José Alvalade, ás 21 e 45.

Homenagem a Vicente Lucas: Almada - Alhandra, no Campo do Pragal, em Almada, às 21 e 30.

HÓQUEI EM PATINS — Sorteio do Campeonato Metropolitano de Seniores, na Federação, às 21 e 30.

No Porto

FUTEBOL — Torneio da abertura da III Divisão do Porto: Perafita-Nogueirense, no campo do Progresso, ás 21 e 30.

Festival em Pedras Rubras: F. F. da Maia-Custóias (20 e 30) e Pedras Rubras--F. C. Porto (22 e 30).

O 48.º aniversário do C. D. Paço de Arcos

Realiza-se, no dia 20, a sessão solene de encerramento das comemorações do 48 aniversário do Clube Desportivo de Paço de Arcos, e durante a qual se procederá à cerimónia das medalhas de ouro de mérito e dedicação com que foram agraciados os associados daquele clube Joaquim Matias e Joaquim Tito Celestino Moreira Rato.

OUTRA VEZ A FORÇA...

Embora tivesse ganho por 2-0, o Benfica passou as passas do Algarve ante os dinamarqueses do Boldklub, que jogam muito menos mas foram capazes de correr muito mais. Questão de força...

Ao mesmo tempo, a Académica não ia além de um negro empate, por 0-0, com os finlandeses do Kuopion, que também não são nenhuns ases a jogar a bola... mas têm muita força.

Quer isto dizer que volta á baila o problema da modéstia atlética dos nossos hábeis futebolistas. Não pode esquecer-se que eles estão neste momento com a desvantagem de ter começado agora a época em Portugal e os adversários em causa estarem bem mais adiantados. Mas há também um problema de base, que é da nossa inferioridade, em qualquer época e em qualquer circunstancia, não só perante os nórdicos, mas de muitos outros europeus.

Não pode, na preparação de uma equipa de futebol, ou de qualquer outra modalidade desportiva, anular-se desvantagens que vêm da infancia dos praticantes ou que têm mesmo um cunho de hereditariedade. Os pais fortes geram filhos fortes, depois há a ginástica, a alimentação cuidada, isso tudo...

De qualquer modo há um certo grau de destreza e resistência física que é possível atingir, proporcionando uma aproximação que permite fazer valer a melhor «ciência de jogo». Mostrou-o o Benfica muitas vezes, perante adversários bem mais possantes. Mostrou-o de forma eloquente o Milan na final da Taça dos Campeões da época passada, quando os seus jogadores trintões, apesar de menos atléticos que os do Ajax, revelaram suficiente capacidade física para impor o seu melhor jogo.

Nestas competições internacionais, os portugueses não poderão, de uma maneira geral, jogar «em força». Mas é indispensável ter alguma...

M. Z.

Eleitos os corpos gerentes da Federação de Andebol

Na sede da F. P. A. foi ontem dada posse, a título precário, aos novos corpos gerentes daquele organismo.

Presidiu o dr. Jorge Fagundes, vice-presidente do Congresso, tendo usado da palavra o presidente da direcção, sr. Álvaro Garrido, que justificou a posse a título precário dos novos dirigentes dada a urgência de vários assuntos a tratar, bem como da falta da publicação do Relatório, caso que foi, também, focado a seguir pelo presidente do conselho fiscal, sr. Alberto Lourenço.

Seguiu-se o acto da posse, tendo faltado vários dos eleitos, alguns com justificação.

Presidem aos órgãos directivos da nova gerência, os srs.: dr. Salazar Careira (Congresso), Álvaro Garrido (Direcção), Marques Tabaia (Conselho Fiscal), Alves Teixeira (Conselho Técnico) e dr. Peixoto Vilar (Conselho Jurisdicional).

Falaram ainda os srs. Rui Guedes, presidente da Associação de Lisboa, que mais um vez solicitou a melhor colaboração da Imprensa de forma a acompanhar o andebol em todos os seus aspectos; eng.º Gomes Nunes, em nome do Sporting; Alberto Lourenço, 'ex-presidente do Conselho Fiscal; Álvaro Garrido, presidente reeleito a fechar, o dr. Jorge Fagundes.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

Wilson continua a inocular no Belenenses um novo estilo, uma melhor personalidade. Eis o conhecido técnico falando aos jogadores sobre o próximo embate com o Benfica

EUROPEUS DE ATLETISMO, EM ATENAS

ALEMANHA E RÚSSIA NO «TESTE» DA SUPREMACIA

ATENAS, 18 (F. P. e A. N. I.) — Resultados das provas de ontem dos Campeonatos Europeus de Atletismo, que estão a decorrer nesta cidade:

TRIPLO SALTO (FINAL) — 1.º, Victor Sannev, Russia, 17,34; 2.º, Zoltan Cziffra, Hug., 16,85; 3.º, Klaus Neumann, RDA, 16,68; 4.º, Caroll Corbu, Roménia, 16,56; 5.º, Nicolai Dudkin, Russia, 16,46; 6.º, Joerg Drehmel, RDA, 16,23.

DISCO (FINAL) — 1.º, Hartmut Losch, RDA, 61,82; 2.º, Rickard Bruch, Suécia, 61,08; 3.º, Lothar Milde, RDA, 59,34; 4.º, Ludvik Danek, Checoslováquia, 59,30; 5.º, Vladimir Liakchov, Russia, 59,10; 6.º, Ferenc Tegla, Hungria, 58,18.

100 M (FINAL) — 1.º, Valeri Borzov, Russia, 10,4 s; 2.º, Alain Sarteur, França, 10,4 s; 3.º, Phillippe Clerc, Suíça, 10,5; 4.º, Gerard Fenouil, França, 10,7; 5.º, Hermann Burde, RDA, 10,7; 6.º, Barry Kelly, Inglaterra, 10,7; 7.º, Peter Haase, RDA, 10,8.

DECATLO (1.ª JORNADA) — 1.º, Kirst, 4530 pontos; 2.º, Janczenko, 4133; 3.º, Wessel, 4128; 4.º, Avilv, 4119; 5.º, Chelnokov, 4026; 6.º, Demmig, 3953.

20 KM MARCHA (FINAL — 1.º, Paul Nihill, Inglaterra, 1 h. 30 m. 41 s.; 2.º, Leonida Karaiosifogiu, Roménia, 1.31.6,4; 3.º, Nikolai Smaga, Russia, .31.20,2; 4.º, Gerhard Sperling, RDA, 1.32.4; 5.º, Hans Reimann, RDA, 1.33.4; 6.º, Abdon Pamich, Itália, 1.34.15.

400 METROS (Apurados para a final — A. Bandenski (Polónia), J. C. Nallet (França), J. Carette (França), B. Savchuk (Russia), S. Gredzinski (Polónia), A. Bratchikov (Russia) e Jwerner (Polónia).

PROVAS FEMININAS

100 METROS (FINAL) — 1.ª, Petra Vogt, (RDA), 11,6 s.; 2.ª, Wilma Van Den Berg, Holanda, 11,7; 3.ª, Anita Neil, Inglaterra 11,7; 4.ª, Valery Peat, Inglaterra, 11.8; 5.ª, Karin Balzer, RDA, 11.8; 6.ª, Regina Hofer RDA, 11,8.

400 METROS (Meia-final) — 1.ª Série: 1.ª Colette Besson, França, 52,2 s.; 2.ª, Hannelore Middeke, RDA, 53,3; 3.ª, Janet Simpson, Inglaterra, 53,6

2.ª Série — 1.ª Maria Sykora, Áustria, 53,2 s.; 2.ª, Mikole Duclos, França, 53.2; 3.ª, Karin Lundgren, Suécia, 54,2.

PENTATLO — Depois da terceira e ultima prova do Pentatlo Feminino (salto em altura), da primeira jornada, a austríaca Liese Prokop vai á frente da classificação provisória, com 3132 pontos, seguida da russa Maria Siziakova, com 3002.

Atletas portugueses estarão hoje em acção: Alberto Matos correrá os 110 metros barreiras e Barceló de Carvalho alinhará nos 200 metros.

Cedência de terrenos a clubes de Almada

O Almada Atlético Clube, o Grupo Desportivo da Cova da Piedade e o Ginásio Clube do Sul beneficiam de uma importante resolução da Camara Municipal de Almada: vão possuir (por gratuita cedência camarária) os terrenos para instalação dos seus parques desportivos.

Isso mesmo nos foi confirmado hoje, pelo sr. dr. Serafim de Jesus Silveira Junior, presidente da edilidade local, que disse:

— Com efeito, dentro de um mês e meio, o Almada, o Cova da Piedade e o Ginásio do Sul vão estar em festa. Os terrenos que lhes cedemos localizam-se na Avenida Rainha D. Leonor (Almada) e junto á Avenida António José Gomes (para o Gináso do Sul e Cova da Piedade)

«*Trata-se de um incentivo e um reconhecimento á obra daquelas três colectividades, que tanto têm feito pela divulgação do concelho*» — salientou o presidente da Camara de Almada.

Acontecimentos DE ONTEM

Basquetebol no Porto

Torneio Luso-Galaico — Em jogos a contar para a primeira jornada da segunda «volta», os resultados foram: Vasco da Gama, 57-B. P. M., 38 e Académico, 46-F. C. do Porto, 44. Em Vigo: Estudiantes, 71-M. Alvarez, 57.

A equipa do Estudiantes comanda a prova, seguida do Académico e do Vasco da Gama.

HÓQUEI EM PATINS

BENFICA E OEIRAS COMANDAM O «REGIONAL»

Prosseguiu o Campeonato de Lisboa de Hóquei em patins com seis encontros. Os resultados foram os seguintes:

E. Física-C. Ourique	2-5
P. Arcos-Salesiana	2-0
Sintra-Oeiras	0-4
C. U. F.-Cascais	2-1
Belenenses-Sporting	4-5
Parede-Benfica	0-5

Em reservas, os desfechos foram:

E. Física-C. Ourique	4-6
P. Arcos-Salesiana	0-4
Sintra-Oeiras	8-2
C. U. F.-Cascais	0-2
Belenenses-Sporting	4-3
Parede-Benfica	1-6

A classificação ficou assim ordenada:

BENFICA	11	1	2	37
Oeiras	8	2	2	30
Sporting	6	2	5	27
Cascais	6	1	6	26
P. Arcos	7	—	2	23
Belenenses	4	2	7	23
Salesiana	4	3	7	22
Sintra	3	3	6	21
C. U. F.	5	2	2	21
C. Ourique	4	—	7	19
E. Física	1	2	9	16
Parede	3	—	6	15

BOAVISTA: 3 JOGOS NA AMÉRICA

Aproveitando a interrupção do Campeonato Nacional, em Outubro, o Boavista fará uma deslocação aos Estados Unidos da América do Norte, onde realizará um mínimo de três jogos. Datas prováveis para a visita dos «axadrezados» a New Jersey: 5 ou 12 de Outubro ou ainda, 2 de Novembro. Este é o primeiro encontro já firmado.

TOTOBOLA O NOSSO PALPITE

Braga-Setubal	X
Boavista-Barreir.	X
CUF-Porto	1
Belenenses-Benfica	2
Leixões-Guimarães	X
Marinhense-B.-Mar	X
Lamas-Leça	1
T. Novae-Tirsense	X
A. Viseu-Sanjoan.	1
Penafiel-Famalicão	1
Luso-Atlético	2
Tramagal-Portimon.	2
Oriental-Peniche	X

Ginásio Clube do Sul

O Ginásio Clube do Sul, a prestimosa colectividade de Cacilhas que á causa da educação tem dedicado o melhor da sua actividade, inicia no próximo dia 6 de Outubro as suas aulas de ginástica, judo, culturismo e halterofilismo.

COLABORAMOS CONSIGO

assistência é a base das nossas vendas

Conheça o nosso eficiente serviço de assistência pós venda

A Ceifeira-Debulhadora não pode, em virtude de ser curta a campanha de colheitas, estar parada. Portanto, Senhor Lavrador, a assistência deve ser muito mais rápida do que para qualquer outra espécie de máquinas. Por isso, colaboramos consigo através da nossa pronta assistência técnica, prestada pelos nossos Mecânicos de Serviço.

SOCIEDADE INDUSTRIAL AGRO-REPARADORA, LDA.

Ceifeiras-Debulhadoras CLAAS '69

claas

EXCURSÕES **LUSANOVA** TURISMO

LUXUOSOS AUTOCARROS COM AR CONDICIONADO
VIAGENS A PREÇOS RACIONAIS — ASSEGURADAS

MISSA EM FÁTIMA

DOMINGO, 21, E TODOS OS DOMINGOS
4 horas de estada em Fátima, tempo para visitas, penitência, missa e almoço, fazendo depois um belo passeio a Tomar, Barragem do Castelo do Bode, Vale do Zêzere, Almourol, Alpiarça, Santarém, etc.
100$00, transporte e assistência — 180$00, tudo incluído
TAMBÉM SE EFECTUA ÀS 5.as-FEIRAS

GRANDE PEREGRINAÇÃO
EM 12 E 13 DE OUTUBRO
150$00

GRUTAS DE SANTO ANTÓNIO E CASTELO DE ALMOUROL

MARAVILHAS DA NATUREZA, COM LINDO PASSEIO FLUVIAL NO TEJO E ALMOÇO REGIONAL
Só transporte, 130$00 — Com almoço típico, 180$00
TAMBÉM SE EFECTUA ÀS 5.as-FEIRAS

PENICHE - BALEAL - ÓBIDOS

100$00 — 180$00 — CALDAS e NAZARÉ
TAMBÉM SE EFECTUA ÀS 3.as-FEIRAS

CARAMULO E ESTRELA

DIAS 20 a 21 DE SETEMBRO — 200$00 — 600$00
MARAVILHOSA VIAGEM DE 2 DIAS EM BELEZA
PARTIDA ASSEGURADA

ANDORRA

Partida assegurada
De 20 a 30 de Setembro
VALÊNCIA — BARCELONA — MONTSERRAT — ZARAGOZA — LÉRIDA — MADRID
Tudo incluído — Esc. 3.800$00

ANDALUZIA - TÂNGER - 9 dias

SEVILHA — MÁLAGA — GRANADA — CÓRDOBA
de 22 a 30 de Setembro — 700$00
ASSEGURADA

LOURDES - Peregrinação - 9 dias

BIARRITZ — ZARAGOZA — MADRID, etc.
Partida a 20 de Setembro — 3.200$00
PARTIDA ASSEGURADA

PARIS

DE 5 A 21 DE OUTUBRO
SAN SEBASTIAN — BIARRITZ — BORDÉUS — CHARTRES — 5 DIAS EM PARIS — VERSALHES — ORLY — FONTAINEBLEAU — TOULOUSE — LOURDES — MADRID — Tudo incluído, Esc. 5.500$00
(ASSEGURADAS)

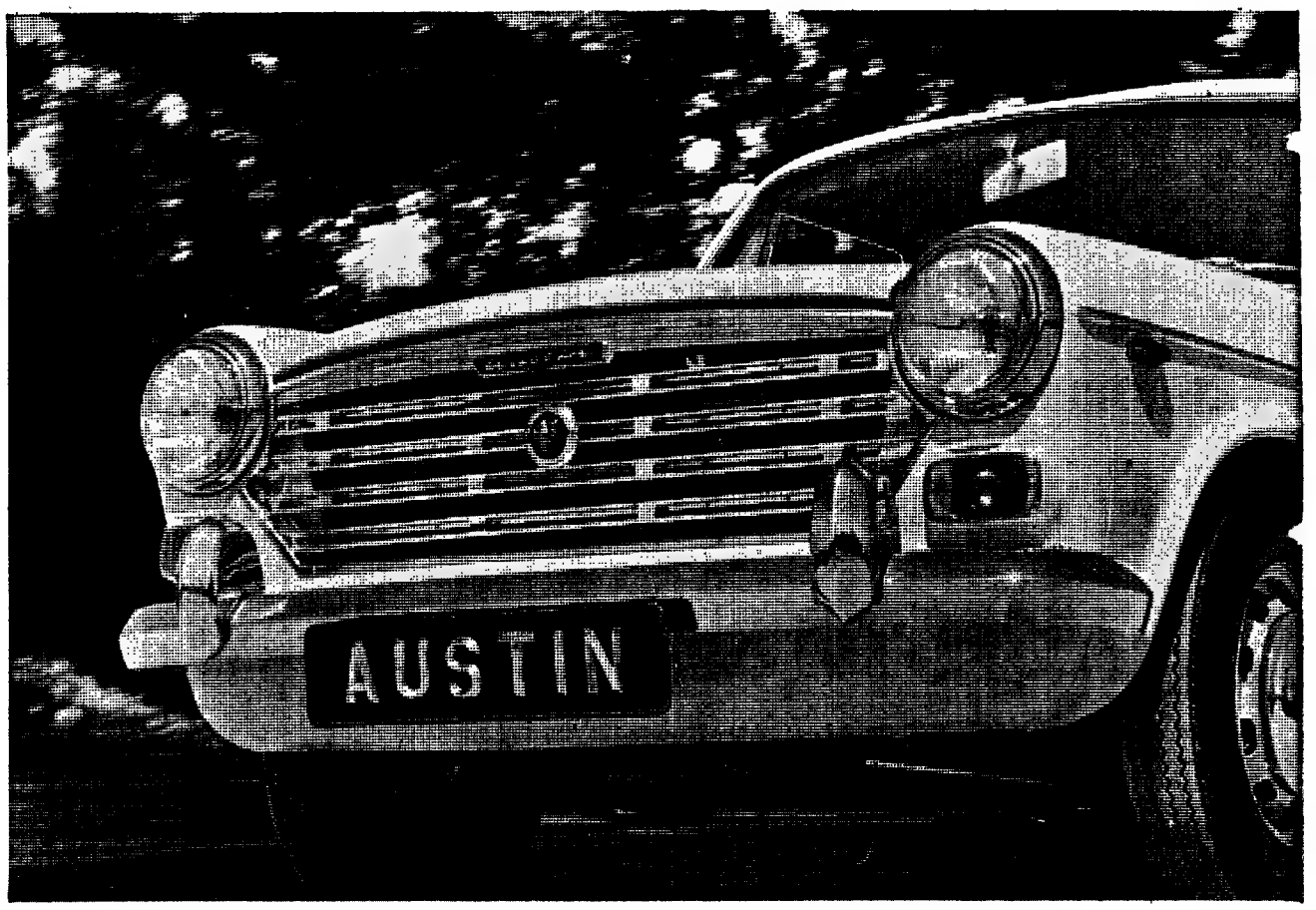
MADRID

VIAGEM POPULAR
De 26 a 30
DE SETEMBRO
Viagem extraordinária 1.400$00, tudo incluído. Hotel no centro de Madrid, junto á Gran Via
VISITANDO O ESCORIAL, VALE DOS CAÍDOS, etc.
ASSEGURADA

SEVILHA

FEIRA
DE S. MIGUEL
De 27 a 30 de Setembro — Tudo incluído, 1.100$00
VISITANDO AS GRUTAS DE ARACENA e BADAJOZ
PASSAPORTE COLECTIVO
ASSEGURADA

PROGRAMAS, MARCAÇÕES E INFORMAÇÕES
AVENIDA JOÃO XXI, 9-A — LARGO MARTIM MONIZ, 5-A
TELEFS. 72 61 15 - 86 21 94 - 72 61 16
PASSAPORTES — VIAGENS AEREAS
SECÇÕES ESPECIALIZADAS



CONDUÇÃO FÁCIL E SEGURA

toda a experiência da mais avançada técnica, novo "standard" de aceleração, travões da maior eficiência, acabamentos requintados e suspensão "HYDROLASTIC"• agora também com TRANSMISSÃO AUTOMÁTICA

MODELOS DE
2 E 4
PORTAS

AUSTIN 1300

69A1300-06

50 ANOS AUSTIN

DIST. GERAIS: **J.J.GONÇALVES SUCRS.S.A.R.L.** LISBOA·PORTO·EVORA
BRAGA·SANTARÉM·MATOSINHOS · AGENTES EM TODOS OS DISTRITOS
·STANDS· EM LISBOA: — R. ALEX. HERCULANO, N.º 4 — AV. DA REPÚBLICA, N.º 36-A — R. TOMÁS RIBEIRO, N.º 50-A

ARMAZÉM

Precisa-se ao Norte do Rio Tejo, arredores de Lisboa. Área coberta mínima 1.000 m2, com terreno adjacente e bom acesso a camiões.

Resposta em carta á Delegação deste Jornal — Rua do Almada, 30-2.° — PORTO, ao n.° 105.

Caminhos de Ferro Portugueses

TRANSPORTE DE TRABALHADORES PELO CAMINHO-DE-FERRO, COM DESTINO A FRANÇA E ALÉM

Com o objectivo de poder assegurar, nas melhores condições de regularidade, o transporte dos Srs. Passageiros destinados a França ou além, a C. P. solicita-lhes que não deixem de efectuar, com a devida antecedência a marcação dos seus lugares quando regressem de férias, pois só assim todos poderão ter o seu lugar evitando aglomerações á ultima hora que dificultam ou mesmo podem impossibilitar uma cómoda viagem.

ALFAIATARIA VERISSÍMOS

SALDA

RESTOS DE TODOS OS ARTIGOS DA ESTAÇÃO
Fatos leves ● Casacos e Calças ● Camisas e Malhas
e diversos artigos para campo e praia

AV GUERRA JUNQUEIRO, 8-C ★ TELEF. 72 73 35

CARTAZ DOS CINEMAS

Estreia de hoje — DUELO DE MORTE — POLITEAMA

SÃO JORGE
(Adultos) Tel. 54153
Às 15.15, 18.15 e 21.30
EM 2.ª SEMANA
Um novo filme de CLAUDE LELOUCH
VIVER, AMAR MORRER
com Amidau — Caroline Cellier

TIVOLI
(M. 12 anos) Tel. 50595
Às 3 e 6.15 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite
RAQUEL WELCH
JIM BROWN e BURT REYNOLDS num filme de violência e amor
100 ARMAS AO SOL

MONUMENTAL
(M. 17 anos) Tel. 555131
Às 15.15 e 21.30
a mais bizarra concepção de sexo na era do espaço.
BARBARELLA
com Jane Fonda e Ugo Tognazzi

ROMA
(Adultos) Tel. 727778
Às 15.30 e 21.45
UM FILME INTENSO, VIOLENTO E DRAMÁTICO!
GANSGSTERS 70
com JOSEPH COTTEN e FRANCA POLESELLO
Technicolor — Techniscope

MUNDIAL
(Adultos) Tel. 538743
Às 15.15, 18.30 e 21.45
5.ª SEMANA
UMA CARREIRA SENSACIONAL
(Il Medico Della Mutua)
com Alberto Sordi, Bue Valoxi e Evelyn Stewart
AR CONDICIONADO

AVIS
(M. 6 anos) Tel. 47163
Às 15.30 e 21.45
2.ª SEMANA
Uma sensacional comédia!
O AS DO PEDAL
com Bourvil e Dominique Tarbes
Franscope — Eastmancolor
Autorizado para maiores de 6 anos á tarde e á noite

POLITEAMA
(M. 12 anos) Tel. 32 63 05
HOJE, ÁS 21.30 — ESTREIA
UM FILME BÁRBARO... CRUEL... FEROZ
DUELO DE MORTE
com James Garner, Jason Robards e Robert Ryan
A mais terrível pistola do Far-West... Nem a lei travou o seu gatilho
Panavision — Col. De Luxe

Hoje, ás 18.30 — (M. 17 anos)
SESSÃO CLÁSSICA

IMPERIAL
(Adultos) Tel. 55 51 34
Às 15.15 e 21.30
Um filme de PIETRO GERMI
SEDUZIDA E ABANDONADA
com Stefania Sandrelli

ESTÚDIO
(Adultos) Tel. 55 51 34
Às 15.30, 18.30 e 21.45
6.ª SEMANA
A obra fundamental de Roman Polanski
REPULSA
com Catherine Deneuve e Ivonne Furneaux

ODEON
(M. 12 anos) Tel. 326283
Às 15.15, 18.15 (P. r.) e 21.30
EM 2.ª SEMANA TRIUNFAL
O FILME PORTUGUÊS MAIS DESEJADO
JOÃO RATÃO
Realização de Jorge Brum do Canto
com Oscar de Lemos, Maria Domingas e António Silva
CANÇÕES ADMIRÁVEIS!

VOX
(M. 21 anos) Tel. 720808
Às 18.30 e 21.45
9.ª SEMANA DE ENCHENTES
HELGA
(O segredo da maternidade)
comentado em português
(Ar condicionado)
AVISO:
É indispensável a apresentação do bilhete de identidade, quando haja duvida na avaliação da idade.

SÃO LUIZ
(Adultos) Tel. 327172
Às 15.15, 18.15 e 21.30
EM 2.ª SEMANA
ANTES DO INVERNO CHEGAR
c/ David Niven e Ana Karina

ALVALADE
(Adultos) Tel. 763080
Às 15.15 e 21.45
EM 2.ª SEMANA
ANTES DO INVERNO CHEGAR
c/ David Niven e Ana Karina

CONDES
(Adultos) Tels. 322523-326710
Às 15.15, 18.15 e 21.30
Sharon Tate — Roman Polanski
juntos pela última vez numa obra-prima do cinema moderno
POR FAVOR NÃO ME MORDA O PESCOÇO
(Pardon me, but your teeth are in my neck)
Metrocolor, Panavision

EUROPA
(Adultos) Tel. 661016
Às 15.15 e 21.30
O ÊXITO QUE CONQUISTOU LISBOA!
Technicolor — 70 m/m
BARBRA STREISAND e OMAR SHARIFF em
FUNNY GIRL

ESTUDIO 444
(Adultos) Tel. 779095
Às 15.30, 18.30 e 21.45
3.ª SEMANA
O clássico que desafia o tempo!
O ANJO AZUL
com Marlene Dietrich e Emil Jannings

CHIADO TERRASSE
(M. 17 anos) Às 15 e 21 h.
DOIS IRMÃOS SICILIANOS
DOIS ESPIÕES DE GUARDA-CHUVA

EDEN
(M. 12 anos) Tel. 820768
Às 15.15, 18.30 e 21.45
Uma obra de JÚLIO VERNE adaptada por JEAN GIONO!
Technicolor. Technniscope
A ESTRELA DO SUL
com Orson Welles, George Segal e Ursula Andress

CASINO ESTORIL
(M. 12 anos) Tel. 260729
Às 17 e 21.30
O DESERTO MARAVILHOSO
TECHNICOLOR

LIZ
(M. 17 anos) Tel. 48560
Às 21 h.
DIAMANTES AO PEQUENO ALMOÇO
ENTRE DUAS LÁGRIMAS

IMPERIAL
(Adultos) Tel. 45933
Às 21 h.
JOGOS PERIGOSOS
AS DUAS VIÚVAS DO SR. VALMONT

RESTELO
(M. 17 anos) Tel. 610375
Às 21.30
COMEÇOU EM NÁPOLES
com Clark Gable, Sophia Loren e Vitorio de Sica

LIDO
Praça D. João I — AMADORA
Às 15.30 e 21.30 (M. 17 anos)
O ESCROQUE ELEGANTE

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

A B C — Às 20 e 45 e ás 23 h.: «Ena, lá fela» (17 anos).
TEATRO GIL VICENTE — Às 22.: «A maçã» (17 anos).
VILLARET — Às 21 e ás 23: «Amor ás riscas» (17 anos).
MONUMENTAL — Às 20 e 45 e ás 23: «Ri-te, Ri-te» (17 anos).
VARIEDADES — Às 21 e 45: «Os direitos da mulher» (17 anos).

CINEMAS

OLIMPIA — Às 19: «Arabesco (12 anos).
PARIS — Às 21.: «O alto, o baixo e o gato» (12 anos).
JARDIM — Às 21: «Gigantes em duelo» (17 anos).
ARCO IRIS — Às 21: «Missão de vingança» (12 anos).
IDEAL — Às 21: «Os pistoleiros da Casa Grande» (17 anos).
SALÃO LISBOA — Às 19: «Calma Fredy» (12 anos).
MOSCAVIDE — Às 21 h: «De braço dado» (12 anos).
VOZ DO OPERÁRIO — Às 21 h.: «O tesouro dos Aztecas» (12 anos).
SPORT L. BENFICA — Às 21 e 15: «Perseguição a um espião» (12 anos).
UNIVERSAL — Às 21 h.: «O Valete de Ouros» (17 anos).

II GRANDE ACAMPAMENTO DE AMIZADE CAMPISTA

O II Grande Acampamento de Amizade Campista, organizado pelo Clube Estrela, no Parque das Tílias em Alenquer, realiza-se nos dias 19, 20 e 21 e tem o seguinte programa: SEXTA-FEIRA, ás 16 horas, instalação do acampamento; ás 21, serão campista e visita nocturna á vila; SÁBADO, ás 9 horas, abertura do acampamento; ás 15, recepção ás entidades oficiais e hastear das bandeiras; ás 16, provas desportivas; ás 21 e 30, grande fogo do campo; DOMINGO, ás 8 e 30, despertar; ás 10, passeio guiado aos Paços do Concelho; ás 15 e 30, exibição do Rancho Folclórico de Alenquer; ás 17 e 30, distribuição de prémios e da monumental «Taça S. C. Alenquer», a atribuir á maior representação colectiva.

● Linha de Cascais

CASTANHEIRA — Às 21 e 30: «O apache branco» (17 anos).
CINE-ORIENTE — Às 21 h.: «Errando pelo caminho» (17 anos).

● Linha de Cascais

PAÇO DE ARCOS — CINE-TEATRO — Às 21 e 30: «Amar nas horas vagas» (17 anos).
em jogo» (17 anos).
OEIRAS — OEIRAS CINE — Às 21: «Jerry enfermeiro sem diploma» e «O preço de 5 jogadores» (12 anos).
PAREDE — ROYAL - CINE — Às 21: «Quem guarda o tesouro» (12 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 21 e 30: «O Deserto maravilhoso» (12 anos); CINE-ESPLANADA — Às 21 e 30: «Balas em fogo» (17 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Ânsia de amar» (17 anos).

● Outra Banda

ALMADA — INCRÍVEL — Às 21 e '5: «Os canhões de Navarone» (12 anos).
COSTA DA CAPARICA — CINE-COPACABANA — Às 21: «O bom, o mau e o vilão» (17 anos).
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — Às 21 e '5: «Traça Vermelha» (17 anos)
COVA DA PIEDADE — CLUBE RECREATIVO UNIÃO ARTÍSTICA — Às 2. e 15: «Dançando o Girtaki» e «Os filhos do Leopardo» (12 anos)

● Linha de Sintra

AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e '5: Musica no Coração» (12 anos)
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e '5: «Vera Cruz» e «Um tiro ás escuras» (17 anos).
MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30: «Um estranho em casa» (17 anos)
SINTRA — CARLOS MANUEL — — Às 21 e 30: «Assalto ao carro blindado» (12 anos)
ERICEIRA — CASINO — Às 21: «Sua Excelência» (12 anos)

A DOENÇA DO PALHAÇO JOSÉ

Para o palhaço José (parceiro de Eirmilita), que, como noticiámos, se encontra gravemente doente, recebemos 50 escudos de «uma pequenina admiradora», de Cascais, que assina Maria da Conceição, e 100 escudos de uma leitora anónima

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno A

ALCANTARA — Bairrão, R. Prior do Crato, 25 (661321)
ALMIRANTE REIS — Confiança, Av. Almirante Reis, 46 (42453)
ALVALADE — Zil, Av. da Igreja, 9-D (711780) * São João de Deus, R. Pedro Ivo, 1-A e 1-B (725140).
AMOREIRAS — Britânica, Trav. Lóguo da Póvoa, 5 (689250).
ANJOS — Renascença, R. Damasceno Monteiro, 104-A-B (883504)
AREEIRO — Roma, Av. de Roma, 85-B (772466) * Garantia, Av. Padre Manuel da Nóbrega, 5-A e 5-B (727300) * Imperial, Av. Guerra Junqueiro 30-B (726860)
ARROIOS — Veral, R. Morais Soares, 109 (40632)
AVENIDAS NOVAS — Alcântara, Av. Republica, 74-A (771879) * Vale, Av. Marquês de Tomar, 45 (773043) * Delva, Av. Duque d'Ávila, 125 (45225) * S. Sebastião, Largo S. Sebastião, 1-9 (48642).
BAIRRO ENCARNAÇÃO — Ascenso, R. 27, n.º 41 (311216).
BAIXA — Teixeira Lopes, R. Áurea, 154 (324816) * Oliveira, R. Prata, 240 (321415)
BELÉM — Moura, T. do Memória, 55 (630944)
BENFICA — União, Est. Benfica, 592 (700092) * Alegria, Est. Benfica, 180-A-B (780511)
CAMÕES — Barreto, R. Loreto, 30 (327284).
CAMPO DE OURIQUE — Lobel, R. Infantaria 6, 98-B (688807) * União, R. Saraiva Carvalho, 119 (663643)
CAMPOLIDE — Salutar, R. 8, 15, A-B (Barro da Liberdade — (683694) * Pinto, R. Campolide, 11 (682610).
CONDE REDONDO — Sousa Martins, Rua Sousa Martins, 25 (553468)
ESTEFÂNIA — Mundial, L. D. Estefânia, 9 (45578)
ESTRELA E LAPA — Andrade Ribeiro, Av. Infante Santo, 66-B (669971) * Paiva de Costa, R. Lapa, 105 (664414)
GRAÇA — Ziller, R. de S. Tomé, 54 (862835) * Central, R. Penha de França, 58 (849245).
LUMIAR — Central, R. Lumiar, 77 (790480) * Deure, Al. Linhas Torres, 93-A-B (791131).
OLIVAIS — R. Alves Gouveia, 19 (311237)
PALHAVÃ — Canto, Est. Laranjeiras 202-B (780841).
PICHELEIRA — Luzmar, R. João Nassim Costa, 16-A (720703).
REGO — Baptista, R. Francisco Tomás do Costa, 3 (771873).
DE ST.ª APOLÓNIA AO BEATO — Freitas, R. Zófimo Pedroso, 11 (381 36) * Banha, Est. Chelas, 173 (332241) * Frazão, Rua Cruz de St.ª Apolónia, 90 (847019).
SANTA MARTA — Fernandes, R. S. José, 87 (326476)
SANTO AMARO — Blatifar, R. D. João de Castro, 27 (638824) * Correio Azevedo, R. Luís de Camões, 42-B (638625).
S. BENTO — Castro, R. S. Bento, 99-A (660513)
MOSCAVIDE — Banha, Av. Moscavide, 22 (Tel 25 85 8)

● Linha de Cascais

ALGÉS — Miramar, R. Ernesto da Silva, 8 (212048)
CAXIAS — Nova — Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel 242839)
PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva, Avenida Patrão Lopes, 4 (2432039)
OEIRAS — Central, R. João Teixeira Simões, 8 (2430058)
PAREDE — Maces, R. Elias Garcia, 62-B (2471785).
ESTORIL — Parque — Arcadas do Parque, 3 (Tel 260191).
CASCAIS — Marginal, Av.ª Marginal (280078) * A. Costa, R. Freitas Reis, 24 (2802 4)

● Linha de Sintra

AMADORA — Amadora, Praceta 28 de Maio 3-A (935518) * Carmela, R. Elias Garcia, Lote 28 (933303) * Helénica, Rua Elias Garcia, 2 (933613) * S. Jorge, R. Pedro del Negro, 5 Reboleira (938703)
DAMAIA — Confiança — Est. Militar, Lote D (Tel 971023).
QUELUZ — Gil — Av. Miguel Bombarda, 28 (Tel. 950117); Simões Lopes — Av.ª Elias Garcia, 51/51-A (Tel. 950123).
CACÉM — Central — R. Elias Garcia, 55 (Tel 2940034).
MEM MARTINS — Química — Est. Mem Martins, 285 (T. 2910012).
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Telef. 980456)
SINTRA — Simões, R. Heliodoro Salgado, 26 (980832).
COLARES — Colares — Abreia (Tel 2990881)

● Outra Banda

ALCOCHETE — Nunes — L. Coronel Ramos do Costa, 10 (Tel. 234137)
ALHOS VEDROS — Portugal, Av.ª da Bela Rosa, 8 (224250).
ALMADA — Macedo Henriques — — R. Bernardo Francisco da Costa, 1 (Te. 271297)
BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima, Estrada Nacional 221-8 (224 41)
BARREIRO — Moderna, Rua D. Henriqueta Gomes de Araújo, 2 (2273446)
COVA DA PIEDADE — Rainha Santa — Est. dos Barrocas, 50-A-B (Tel 2760182)
MOITA — União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (239025)
MONTIJO — Montepio, R. Almirante Reis, 93 (230035)
SESIMBRA — Leão, Av. Salazar (229471)
SETUBAL — Bocageana, Rua do Romeu (23425) * Bairros, B.º Santos Nicolau (23330)
SEIXAL — Soromenho — R. Paiva Coelho, 38 (Te. 2218560)

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

ÁGUA, GÁS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas 861353 * Companhias Reunidas, 537011 * Gazeidia 538821 * Gazeidia Idem e feriados, 382069

BOMBEIROS — Sapadores, 322222 * Voluntários, 538524.

POLICIA e G. N. R. — Serviço de emergência, 115 * Segurança Publica, 866141 * Judiciária, 535380 * Marítima, 326456 * Internacional, 362721 * Viação e Trânsito, 42205 * G.N.R. (área rural), 36865.

SAÚDE — Cruz Vermelha, 865342 * Enfermagem permanente, 766161 * Enfermagem de urgência, 43738 * Hospital de Santa Maria, 775171 * Hospital de S. José, 860131 * Sangue, oxigénio e soros, 771168 * 771169 * Transfusões, soros * oxigénio, 538524 * Centro de Intoxicações (informativo), 767777, 761176 e 763456.

TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 * Caminhos - de - ferro (C. P.), 869029 * Caminhos-de-ferro (Estoril), 861121 * Estação fluvial (T. Paço), 325345 * Estação Marítima de Alcântara, 663195 * Estação Marítima da Rocha, 672445 * Estação fluvial (Belém), 638511.

BOM APETITE

CASTANHEIRA
RESTAURANTE DE UTILIDADE TURÍSTICA
E. da Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE
(M. 15 anos)

NOVO RESTAURANTE SALÃO DE CHÁ NO POSTO SHELL EM
AZEITÃO
ESTRADA LISBOA - SETÚBAL
Telef. 22 82 44
LOCAL APRAZÍVEL PARA ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

RESTAURANTE
CHURRASCO
ABERTO ATÉ ÁS 3.30 H.
Rua das Portas St.º Antão, 83
Telef. 323059

RESTAURANTE
CANTINHO ALENTEJANO
Rua D. Luís de Noronha, 32-A (junto à Av. de Berna)
Telef. 77895
SERVE DIARIAMENTE OS DELICIOSOS PRATOS CARACTERÍSTICOS ALENTEJANOS

CHOUPAL
CERVEJARIA E RESTAURANTE
SERVIÇO REQUINTADO
AMBIENTE SOSSEGADO
AR CONDICIONADO, MUSICA GRAVADA
ABERTO ATÉ ÁS 3.30 DA MADRUGADA
RUA DO SALITRE 9 (junto ao Parque Mayer)
Telef. 42963

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211
Aos Sábados e Domingos
JANTARES DANÇANTES
com o conjunto privativo
AMBIENTE FAMILIAR
AR CONDICIONADO
Parque privativo para automóveis
(Encerrado às 3.ªs-feiras)
(Maiores de 15 anos)

APÓS AS REFEIÇÕES — CHAVE D'OURO — O MELHOR CAFÉ

Diário de Lisboa
DL
Propriedade de Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Editor: João C. de Sá
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

«Queremos o fim da guerra» —disse Richard Nixon

NAÇÕES UNIDAS, 18 — (R.) — O presidente Nixon dirigiu, hoje, nas Nações Unidas, um apelo para que seja feito um esforço internacional no sentido de persuadir Hanói a iniciar negociações «sérias» para pôr fim á guerra no Vietnam.

«Uma vez que haja uma vontade genuína de chegar a um acordo na parte contrária, as soluções práticas podem ser ràpidamente encontradas», declarou aos delegados dos 126 países reunidos na Assembleia Geral.

«Torna-se urgente que os membros da O. N. U. que têm tomado interesse activo na paz no Vietnam tomem, agora, uma atitude para a conseguir», disse Nixon, que, no seu discurso, abordou ainda o conflito israelo-árabe e a questão do desarmamento.

Falando sobre o Médio Oriente, sugeriu um acordo internacional limitando o fornecimento de armas aos países daquela região, se essa for a única forma de impedir que israelitas e árabes se degladiem.

Nixon disse que o Governo americano já apresentou essa sugestão á União Soviética, sem resultado.

Nixon salientou que a sua principal preocupação tem sido a guerra no Vietnam, e disse: «Desde que tomei posse nenhuma questão me ocupou tanto tempo e energia como a busca de uma forma de acabar com a guerra no Vietnam».

O presidente, que este ano já ordenou a retirada de 60 mil soldados americanos do Vietnam, afirmou ainda: «Nós queremos o fim da guerra, e estamos dispostos a tomar todas as medidas razoáveis para o conseguir».

Nixon salientou, porém, que existe um ponto sobre o qual os Estados Unidos não estão dispostos a ceder: o direito do povo sul-vietnamiano decidir o seu próprio futuro.

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Tavira, 25°; mínima: Penhas da Saúde, 4°,8

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava muito nublado ou encoberto, nas regiões norte e centro e pouco nublado ou limpo no sul. Chovia e caíam chuviscos a norte do sistema montanhoso Montejunto-Estrela. O vento era fraco do quadrante oeste.

TEMPERATURAS OBSERVADAS ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — No atmosfera, 19°,5; na água do mar, 16°,4

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ: Aguaceiros alternando com boas abertas, mais prováveis nas regiões do Norte, onde poderá haver trovoadas nas regiões montanhosas. Vento Noroeste, moderado. Melhoria gradual do estado do tempo, para a tarde do dia 19, com céu pouco nublado e vento fraco do quadrante Norte.

Amanhã
Nascer ás 7 e 21
Ocaso ás 19 e 39

Dia 19 Dia 25 Dia 3 Dia 11

MARÉS:

PREIA-MAR: Dia 18 — 8 e 10 (3,8 m); 20 e 47 (3,4 m) Dia 19 — 9 e 19 (3,4 m); 22 e 08 (3,2 m) Dia 20 — 10 e 49 (3,3 m); 23 e 50 (3,2 m) BAIXA-MAR: Dia 18 — 4 e 41 (1,4 m); 14 e 11 (1,5 m). Dia 19 — 2 e 37 (1,7 m); 15 e 25 (1,7 m) Dia 20 — 4 (1,9 m); 17 e 10 (1,7 m)

APROVEITAMENTO DE CABORA-BASSA

Está marcada para amanhã, ás 11 horas, no Ministério do Ultramar, a assinatura dos contratos respeitantes ao aproveitamento hidroeléctrico de Cabora-Bassa, firmados entre o Governo e as empresas Zamco e Escom (sul-africana). Os contratos visam a construção da barragem e as redes de condução e distribuição de energia em território nacional e da Africa do Sul.

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

«EUROPEUS» DE ATLETISMO

LIESE PROKOP (ÁUSTRIA) VENCEU O PENTATLO FEMININO

ATENAS, 18 — (F. P. e A. N. I.) — A austríaca Liese Prokop é campeã da Europa do Pentatlo Feminino: somou 5030 pontos na sua prova.

Outros resultados das competições hoje disputadas:

Eliminatórias de 1500 metros (homens), vencedores das séries: Francisco Arese (Itália), 3 m., 53,4 s.; André de Hertoghe (Bélgica), 3 m., 44,1 s. e Edgard Salve (Bélgica), 3 m., 53,6 s.

Salto em altura (homens): qualificaram-se com a fasquia a 2 m. e 11 os seguintes atletas: Jozsef Tihanyi (da Hungria), Christer Celion (Suécia), Valentin Gavrilov (U. R. S. S.), Ladislav Borodac (Checoslováquia), Serban Ioan (Roménia), Herminio Azzaro (Itália), Istvan Major (Hungria), Luís Garriga (Espanha), Serget Martynov (U. R. S. S.), Jan Dahlgrer (Suécia) e Valerie Skvortsov (U. R. S. S.).

Foram repescados (com 2 m. e 8): Reijo Vahala (Finlandia), Henry Elliot (França), Robert Saint-Rose (França) e Miodrag Todosijevic (Jugoslávia).

Nas diferentes eliminatórias de 110 metros barreiras, a contarem para o decatlo, saíram vencedores: Leonid Litvinenko (U. R. R. S.), com 15 s.; Charles Magne Anyamah (França), em 15,3 s.; Urs Trautman (Suíça) 15,9 s.; Horst Mandl (Áustria), 15,1 s. e Nicolai Avilov (U. R. S. S.), em 15 s.

Resultados da final do dardo (senhoras): 1.ª, Angela Ranki-Nemeth (Hungria), 59 m e 76; e 2.ª, Maria Vidos Paulanyi (Hungria), 58 m e 80.

Prova de peso (homens): 1.º, Dieter Hoffmann (R. D. A.), 20 m e 12; 2.º, Hans-Joachim Rothenburg (R. D. A.), 20 m e 5; e 3.º, Hans Peter Gies (R. D. A.), 19 m e 78.

O SECRETÁRIO DA DEFESA DA ALEMANHA OCIDENTAL CHEGOU HOJE A LISBOA

Em avião especial chegou esta tarde a Lisboa o secretário da Defesa da República Federal da Alemanha, Karl-Guncher von Hase, que, acompanhado por sua esposa e o seu ajudante, foi aguardado, no aeroporto, pelos srs. secretário de Estado de Aeronáutica, secretário-adjunto da Defesa Nacional e ministro-conselheiro da Alemanha.

No aeroporto da Portela, uma companhia da Polícia Militar, com banda e charanga, prestou a guarda de honra ao membro do Governo alemão que visita oficialmente o nosso País.

Financeiros belgas em Lisboa

A convite do Barão Phillip de Bonsson, chegou esta tarde a Lisboa, vindo de Bruxelas, um grupo de financeiros belgas, que vem tratar de assuntos de interesse para os dois países.

A recebê-los, estiveram no aeroporto os administradores da E. V. E. C., srs. Luís Burnay e Ferreira da Costa Cabral.

Fausto de Figueiredo

Completaria ontem 88 anos, se fosse vivo, o grande promotor do turismo no Estoril que foi Fausto de Figueiredo, a quem se deve a fundação da primeira linha eléctrica ferroviária em Portugal, que teve influência decisiva no desenvolvimento de toda a Costa do Sol, desde Algés até Cascais.

VIDA POLÍTICA

● Ministro do Ultramar

O titular da pasta do Ultramar trabalhou hoje, de novo, com o governador da Guiné, tendo sido tratados assuntos de interesse para a província.

Maria José Valério não pôde embarcar para o Canadá

Um conjunto de artistas portugueses viu-se, hoje, diminuído de um elemento do grupo ao partir para Toronto (Canadá), a fim de realizar espectáculos para as colónias portuguesas fixadas em vários pontos daquele país.

O caso passou-se com Maria José Valério que não pôde seguir viagem com os seus companheiros (Artur Ribeiro, Maria Alice Ferreira, Io Apolloni, António Anjos e Tino Costa) por ter caducado o seu passaporte.

Maria José Valério ficou em Lisboa, mas tenciona (resolvido o seu caso) seguir no avião de amanhã.

A BULL GENERAL ELECTRIC ANUNCIA UM NOVO ORDENADOR PARA PEQUENAS E MÉDIAS EMPRESAS

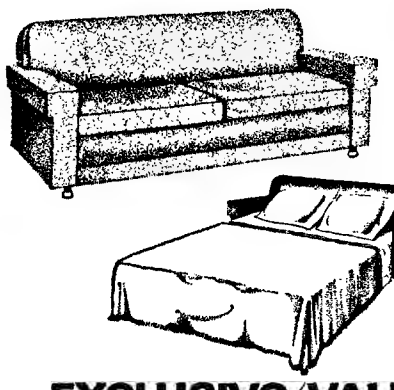
A linha de ordenadores de «bureau» GE-50, lançada há cerca de 3 anos pela Bull General Electric, acaba de ser grandemente valorizada com o novo ordenador GE-58, cujo lançamento foi hoje anunciado em Paris. Este computador — a discos magnéticos e circuitos integrados — é fruto da experiência adquirida pela B-GE na resolução dos problemas das pequenas e médias empresas, com os equipamentos da série 50, dos quais 1.000 se encontram em serviço.

O GE-58, de concepção revolucionária, apresenta, como característica notável, uma memória a discos com acesso directo, por teclado. Permite nomeadamente a gestão automática de «stocks», trabalhos de contabilidade geral ou analítica, folhas de vencimento facturação e cálculo técnico.

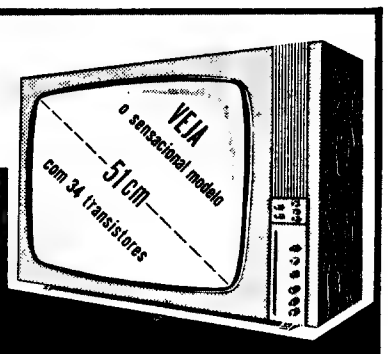
A todo o momento, o operador pode introduzir novos dados na memória a discos, através do teclado, assim como esta pode ser permanentemente interrogada através do mesmo teclado, sempre que necessário. A empresa tem assim, constantemente, á sua disposição, um verdadeiro banco de informações.

Foi, também, anunciado que os ordenadores GE-53 e GE-55 (com os quais o novo GE-58 é inteiramente compatível) passam a poder dispor, a partir de agora, de um sistema de bandas magnéticas (Multi Function Tape Unit) aumentando-lhe, largamente, a sua potência e rapidez de tratamento.

Com os ordenadores da série 50 — e agora particularmente com o GE-58, primeiro verdadeiro ordenador a circuitos cruzados — um largo sector empresarial do nosso País terá ao seu alcance a possibilidade de dispor de ordenador próprio, adaptado á sua própria dimensão e apto a resolver os problemas de gestão, cuja resolução óptima condiciona o seu progresso e expansão.


EXCLUSIVO/VALENTIM
AV. DEFENSORES CHAVES, 31 B/C
LISBOA

CASTELÕES
AMANTEIGADO
PASTEURIZADO
UM QUEIJO
DE QUALIDADE

SALORA
Premiado com MEDALHA de OURO
O TELEVISOR DE ALTA QUALIDADE TOTALMENTE FABRICADO E MONTADO NA FINLÂNDIA.
·COM VHF E UHF ·MELHOR IMAGEM
·MELHOR SOM ·TÉCNICA AVANÇADA
·QUALIDADE EXCEPCIONAL


Pretendo receber publicidade e preços.
Nome
Morada
Localidade
à venda nas boas lojas
REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:
RAFAEL BURGUETE, LDA
Lisboa·R. António Enes, 20-1-t. 53 50 57
Porto-R. Alfredo Magalhães 99

LATINA
TERMAS DE MONFORTINHO
ABERTAS ATÉ 15 DE NOVEMBRO
Magnífica estância de repouso e tratamento clima sedativo de média altitude
Doenças de fígado e vias biliares / Doenças da pele e mucosas
Colites atónicas e espásticas / Doenças do foro ginecológico
Litíase renal e reumatismo por excesso de ácido úrico
JUNTA DE TURISMO DE MONFORTINHO — TEL. 44223
PISCINA·CAMPO DE TIRO·TÉNIS
HOTEIS DE 1ª CLASSE E PENSÕES DE TODAS AS CLASSES
BARRAGEM DE PESCA • CAÇA

SUPLEMENTO
Diário de Lisboa
LITERÁRIO

N.º 580/18 DE SETEMBRO DE 1969

NAS CENTRAIS:

DESDE O «SOMA» AO SEXO

(Artigo de João Palma-Ferreira)

SATANÁS (não português) DE REVISITA

por Ana Hatherly

La plus belle ruse du Diable est de nous persuader qu'il n'existe pas.

BAUDELAIRE

AGORA que acaba de ser publicado em português o «Dicionário Infernal» de Collin de Plancy (1) e dado que fui a pessoa incumbida de realizar a melindrosa tarefa da sua tradução, desejo — como dizer? — advertir os portugueses desse facto, isto é, de este facto: o Diabo está em circulação, e não é o Diabo português.

O Diabo de que se trata é aquele que, ante os céptico, diante dos crédulos, perante os desatentos, realiza imperturbável a sua extensa tarefa: a da sua tocante, eterna dedicação ao Homem. A sua atenção não tem limites: omnipresente, omni-imaginativo, omnioperante, Satanás, Lucifer, O Anjo Caído, o Demónio, o Inimigo, o Acusador, o Caluniador, o Rebelde, o Tentador, o Colaborador, o Maligno, o Demo, a Besta, a Besta Ladradora, o Porco-Sujo, o Mafarrico, enfim, o Diabo ubíquo e caloroso persegue-nos, precede-nos. Fazendo parte da História da Humanidade, da História das Civilizações, o Demónio (se a religião é monoteísta há um demónio, se é politeísta há vários, mas o Demo é sempre multiplo, infinitamente desdobrável, metamorfoseável, duma maleabilidade exemplar) o Demónio vigia-nos e de tal modo que, depois do grande acontecimento da QUEDA, estamos definitivamente, dizem-nos, a ele assimilados, asemelhados.

O Diabo participa de tudo, orienta tudo, imiscui-se em tudo (há quem diga que o Diabo somos nós). Há o Diabo cientista, o Diabo metafísico, ético, lógico, estético, folclórico. Cada povo tem a sua visão nacional do Diabo. Há um Diabo tirolês, certamente, como há um Diabo siciliano, espanhol, russo, francês, assim como há um Diabo português. A esse respeito escreve Mário Cesariny de Vasconcelos: (2)

«Só há coisa de ano e meio me foi dado surpreender em exercício a figura central do nosso catolicismo. Refiro-me ao Diabo. Fiquei atónito ante o seu sistema e intentei estudar, longe de práticas subvertedoras, a rama metafísica que — julgava eu — deveria ser a sua. Mas das representações, pictóricas e outras, que entre nós fazem crónica diabólica, só encontrei infernos tristemente físicos, ausentes de tudo o que se entenda por «seduções do espírito», só alcancei demónios de trazer por casa: tachos de barro nem sequer muito quentes e demos grosseirissimos a fingirem-se em dor. Consta isto, para exemplo, duma pintura primitiva deles, todos os dias patente no Museu de Arte Antiga de Lisboa. Quê, pensei eu, isto é que é o inferno dos portugueses? Perto desta ridícula pintura esplendia o inferno abissal que surpreendeu Rimbaud — o inferno do saber, o inferno orgulho, o inferno do amor — o Grande Inferno Auto-Móvel. Este estava assinado por Jerónimus Bosch e até tinha nome. Tentações de Santo Antão.

«Teria procurado mal? Já anteriormente deparara, no «Regresso ao Paraíso» de Teixeira de Pascoais, com um Diabo autêntico, um desses que dá que pensar, e voltei de novo á obra de Pascoais, destinado a extrair dessa consulta o corte decisivo com que um grande poeta *português* talhara o *nosso* Diabo.

«Nova desilusão. Se a lógica interna do «Regresso ao Paraíso» houvesse compelido Pascoais a erguer a corpo inteiro o seu demónio, o que não se verifica, á transparência veríamos que ele é a-manuelino: é a estrela Vesper do firmamento grego, é o Adolescente dos textos talmúdicos.

(...)

«O Diabo português é o Diabo mais grosseiro que há. Nunca se definiu. Apesar disso dura e é dos mais temidos. Saiba-se lá porquê! Muito desconfio ser o nosso Diabo coisa tão junta á cabeça de baixo que nunca chegará á cabeça de cima, esse nobre capitel onde se aninham Faustos, Margaridas, e as Seduções do Espírito. Um Diabo sanguíneo, eis o que temos.»

Que cada um pinte o Diabo como lhe aprouver. Collin de Plancy, quem sabe se num ímpeto de valorosa autenticidade, escreve mesmo um livro intitulado «O Diabo Pintado por Ele Próprio», obra que, na sua quase totalidade, veio a ser incluída no «Dicionário Infernal», agora apresentado em português com um atraso de cento e quarenta e quatro anos.

Da importancia desta obra, que é uma espécie de

(Continua na 2.ª página)

Eurinómio: *um Diabo (não português) em circulação*

Carol (Catherine Deneuve) e o coelho no prato: a decomposição em processo...

REPULSA:
Aceitar o crepúsculo

por José Vaz Pereira

REPULSA *(REPULSION)*
de Roman Polanski
com Catherine Deneuve
e Ian Fraser
Estreado no cinema Estúdio

CONFESSAMOS que em *Repulsa* não se entra no jogo tão cedo como era de supor. Certamente que a atmosfera do filme se adivinha desde os primeiros planos e que a marcha nevrótica para a tragédia é-nos telegrafada logo no genérico. Mas neste edifício de construção soberbamente planificada, Polanski guarda ainda uma margem de liberdade. A liberdade de fazer medo.

As navalhas, os corações de coelho na bolsa, o cadáver na banheira aceitam-se mais ou menos plàcidamente como o ritual de horror dum Hitchcock qualquer. Torna-se mais difícil de aguentar a fenda na muralha, o dinamite da loucura despedaçando as últimas resistências duma mente humana, a subtileza implacável da vertigem. Esse clima de alucinação, embora menos diluído no quotidiano do que em *A Semente do Diabo* (Rosemary's baby), não deixa de funcionar e de inquietar. E, neste aspecto Polanski revela-se um homem de garra, um autêntico autor — *Repulsa*, como todos os seus outros filmes, respira personalidade.

Através dos limites aparentes dum caso patológico (a personagem da manicura Carol, interpretada por Catherine Deneuve), vai-se mais longe. O ambiente em que vive e se angustia Carol (uma Londres triste, vazia, sem sentido, de armazéns lúgubres e de quartos odiosos alugados por senhorios odiosos a pessoas que se resignam a uma existência odiosa; um instituto de beleza transformado por um, dois ou três enquadramentos cáusticos numa câmara de horrores, num galinheiro de monstruosidades) parece agravar a doença e, pelo seu carácter anti-humano, em explicá-la para lá de qualquer predestinação vinda desde a infância.

Assim também a obsessão da heroína com a limpeza, violentamente em choque com a perversidade profanadora dos seus sonhos. Aliás, existe em todo o filme esse assalto demolidor ao recorte angelical (personificado pelo próprio tipo físico de Catherine Deneuve) e à frigidez de Carol que acaba por confundir os sapos-homens dos seus pesadelos, ferozes e lúbricos, com os homens reais, figuras gordurosas ou sombrias, duma Londres de náusea.

Dentro deste ambiente, agravado pelo mecanismo duma profissão banal e pelo sentimento de universo fechado em que vivem Carol, a irmã e o amante desta (que instala em casa um hábito de grosseria) acaba por abrir-se a tal fenda na muralha. Prisioneira do medo, há uma mulher que se comporta como um animal acossado. Os seus golpes são cegos, à medida da sua esquizofrenia, invasora.

Parece-nos que Polanski não se abalançaria a uma obra desprovida de intencionalidade crítica. Para isso será preciso reparar não-sòmente no que *está*

(Continua na 6.ª página)

Pavese: solidão = fracasso

por Luiz Pacheco

TERRAS DO MEU PAÍS
Romance de Cesare Pavese
Tradução de Francisco Lopes Cipriano
Colecção Contemporânea — Portugália Editora

VIDA BREVE e atormentada: Cesare Pavese nasceu em 1908, em S. Stefano Belbo. Órfão de pai aos seis anos, é educado pela mãe, criatura autoritária e puritana. Estuda em Turim, onde se licencia em letras, apresentando uma tese — *Interpretazione della poesia de Walt Whitman* —, que já revela o seu pendor pela literatura americana, a qual, anos volvidos, viria a divulgar intensamente em Itália, quer em ensaios (reunidos pòstumamente no volume *La Letteratura americana*

Pavese: («A única regra heróica: estar só, só, só.» (in Ofício de Viver*)*

e altri sagi), quer pela sua actividade como director da editora Einaudi e pelas traduções que então realizou de escritores anglo-saxónicos numa tentativa de renovamento da cultura italiana num sentido crítico e realista. Antes dedicara-se ao professorado, de que desistiu, por não estar inscrito no Partido Fascista (segundo afirmam alguns biógrafos; outros, como refere Robert Abirached na esteira de Dominique Fernandez, que lhe consagrou um estudo fundamental de 500 páginas, *L'Echec de Pavese*, este teria dado entrada no Partido, o que não lhe evitou ser preso, em 1935, por actividades antifascistas precisamente, e desterrado, durante um ano, na Calábria).

Uma vida atormentada e contraditória: no plano sentimental, desde muito jovem adquire um terror pânico pelas mulheres, devido, por certo, a um trauma físico (*ejaculatio praecox*) que o leva a (apenas) procurar paixões impossíveis, platónicas como se calcula, e a um complexo de inferioridade e culpa; no plano político, já o vimos, mantém durante algum tempo uma atitude dúbia perante o regime fascista, para logo se tornar adversário de Mussolini e sofrer previsíveis perseguições; tornando-se, depois, comunista, não participa no movimento da Resistência, nem adere à ideologia marxista. Pelo seu temperamento — refere ainda Abirached — é um provinciano arraigado, mas, ao mesmo tempo, sensível à modernidade, apaixonado pela literatura americana, mas detestando viajar, desvincular-se do seu torrão natal; timorato como um pequeno-burguês e capaz da mais fria violência. Considerado um criador do neo-realismo italiano, um dos seus críticos (Carlo Salinari) faz notar que «*o seu modo de narrar é exactamente o contrário daquele realismo. O ponto de partida de Pavese nunca é um facto, uma intriga romanesca, uma personagem: é sempre um ambiente. Depois torna palpável esse ambiente, concretizando-o numa paisagem, nalgumas figuras, numa história*». A sua criação literária, eivada de melancolia e pessimismo, reflecte, naturalmente, os seus dramas íntimos, o seu desacordo com a realidade que o rodeava, ultrapassando-o, escapulindo-se-lhe nos esforços desesperados que tentava para nela se firmar, através do amor, da camaradagem, da militância política. Era a sua única escapatória, uma solução catártica para a sua nostalgia de uma presença actuante no mundo real. Quando se convenceu, aliás no cume da glória, de que nem pela literatura conseguiria comunicar, estabelecer um contacto firme com os homens e as coisas, quando a solidão absoluta se lhe escancarou diante dos olhos, a este homem que viveu em literatura só restava a confirmação lógica e brutal do seu fracasso. E são as terríveis últimas linhas do seu diário, *Ofício de Viver*, que o definem («*Basta de palavras. Um gesto. Não escreverei mais.*»). E é o gesto: o suicídio, num quarto de hotel em Turim, a 26 de Agosto de 1950.

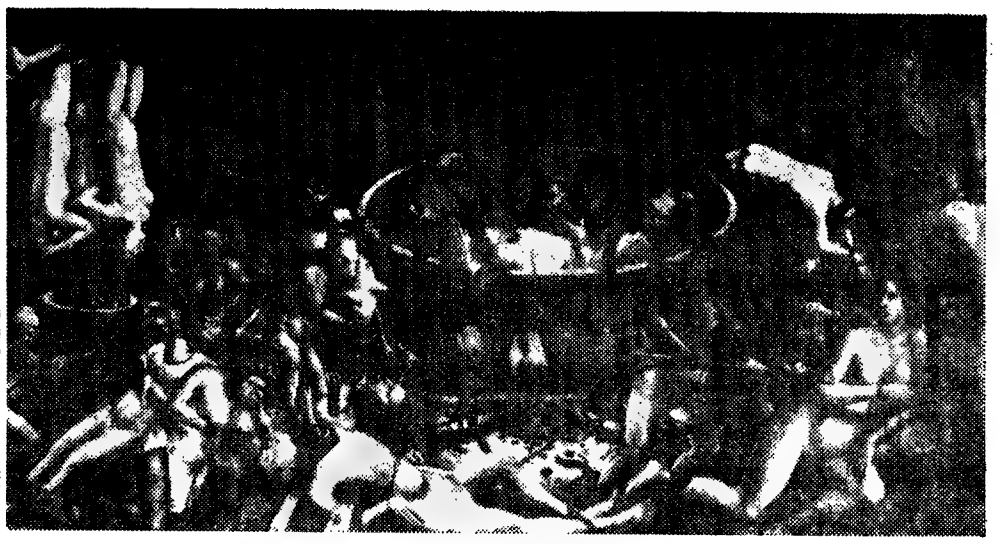
«Terras do meu País» é a primeira obra romanesca que publicou (em 1941; a sua estreia literária fora um livro de poemas, «Trabalhar cansa», cinco anos antes). Obra, na aparência, linear, conduzida com uma segurança admirável e uma sobriedade tensa até atingir o clímax dramático, nela se conjugam o descritivo poético da natureza campesina com a observação meticulosa de caracteres primitivos, boçais mas vivazes na sua animalidade e as reacções de um homem da cidade que o acaso conduziu a esse meio rural. A pouco e pouco, quase de surpresa em surpresa, o protagonista (funcionando como narrador) vai apreendendo essa nova realidade que o cerca, por vezes o choca, o força a comparações com a vida em Turim, o acaba por seduzir, o enleia, para logo lhe inspirar repulsa e a sua inadaptação definitiva. Tal como Pavese, Berto é um insatisfeito e um inadaptado. Personagem ambígua (como aquele), incapaz de dominar as situações que se lhe deparam, mas, ao mesmo tempo, analisando-as friamente, lùcidamente: emotivo, também (ou apesar disso); iludindo-se numa visão poética, que os factos abruptamente lhe desmentem, a fuga para um destino sempre cada vez mais incerto e solitário é a única alternativa que lhe resta. Assim o vemos: sósia premonitório do autor e do seu próprio *curriculum*.

Para finalizar esta breve nótula crítica, donde nos devem ter escapado muitas das implicações que, em mais largo espaço, adviriam: a perfeita naturalidade com que nos é dado o contraponto (ou contraste) entre a cidade e campo. E uma referência às dificuldades com que se terá debatido o tradutor (sabido, como é, que Pavese cultivava o estilo dialectal), nem todas provàvelmente resolvidas a contento, agravadas por uma revisão que não raro se revela desatenta.

Erguer a voz e cantar

Um texto introdutório sobre as relações entre o belo e o útil. César de Oliveira: *Canções fora das muralhas*. O belíssimo poema de José Carlos Marques *Amor é tudo o que precisam*. José Reis: *Das Coisas Mais Cruéis*. Uma rubrica — «Contra o Esquecimento» — antologiando Cristovam Pavia. Uma outra — «Tradução Traição» — apresentando Levertov, Padilla e René Char. Uma terceira — «Antologia da Canção Contemporânea» — com letras de Collette Magny, Geraldo Vandré e Peter, Paul and Mary.

Tudo isto é uma nova revista de poesia. Mais precisamente o seu primeiro número. Publicada no Porto, «Erguer a Voz e Cantar» constitui como que um convite a todos nós. Recomenda-se a sua leitura.



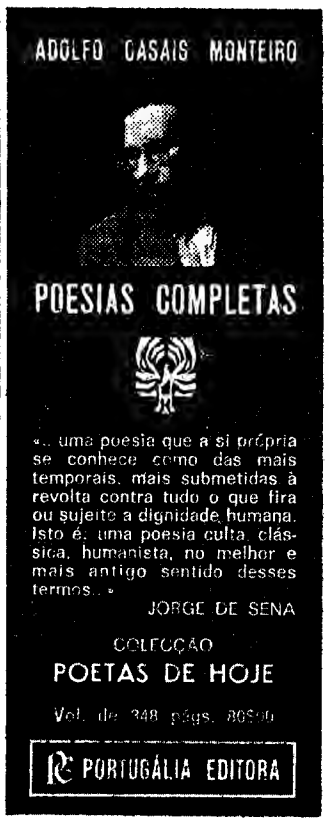
«O Inferno», de um Mestre português desconhecido, do século XVI: «... Isto é que é o inferno dos portugueses?» (Cesariny)

Satanás (não português) em revisita

(Continuação da 1.ª página)

sumula de todos os trabalhos que Collin de Plancy publicou acerca do assunto — e que são da ordem das oito dezenas —, para além da sua classificação dentro da História da Literatura — é um dos expoentes do «género frenético» — para além do seu teor literário, para além da sua ingenuidade, do titubeio formal, da inépcia e de defeitos de informação ou qualsquer outras limitações que fàcilmente lhe são imputáveis, para além de tudo o que tem de encantador e deprimente, confrangedor e até ridículo — da importancia desta obra agora, isto é, no facto de ser apresentada em português, sobressai o que significa como raridade. (3)

É realmente surpreendente o nosso aparente desinteresse pelo Diabo, a nossa aparente carência de uma Demonologia. Será que desta ausência de meditação acerca do Diabo (não digo que o Diabo não seja *referido* com frequência, mas sim que talvez se tenha *reflectido* pouco acerca do seu significado) se poderá inferir a dificuldade que parece os portugueses terem ou terem tido, ao longo do tempo, em pensar a Negação? Será por possuírem fraco fervor religioso? Debilidades éticas? Tibiezas estéticas? O Maligno, o Magnífico Lucido que espia as fraquezas humanas, em português é um atenuado acicate das sonolentas consciências, adormecidas na emoliência climática, na ambiental brandura que nos define e caracteriza. O Diabo português será um animal de pouco fôlego, talvez pequenino, travadinho, de perna curta, rubicundo e grande dissimulado, e mais que nunca uma figura de barro, quebradiço, decorativo, portátil, acomodatício, enfezado. Talvez Rosa Ramalho seja o nosso tratadista do Diabo em português, que ela apresenta com cabeça bulbosa, má dentição e raquitismo.



Comparado a este Diabo sentado diante do fogareiro de barro (cada um pinta o Diabo como o entende) que figura fará o Diabo francês de Collin de Plancy? Grande figura. É um Diabo encantador, espirituoso, *malin*, bem vestido e versátil, falador requintado, obsequioso. Diabo de salão, de tacão e cabeleira, embora surja depois da Revolução guarda o seu carácter palaciano, intriguista com vénia, culto, viajado e secretamente (ou não) enciclopedista. O Diabo de Collin de Plancy, o que se ergue deste Dicionário Infernal, não ofende realmente, não macula, diverte até: sobretudo os incautos, os que se consideram modernos. Não esqueçamos que quando Collin de Plancy realizou esta Demonologia, as suas obras, assim como as dos seus contemporaneos, afins, inspiravam verdadeiro terror. Eram obras temidas, lidas com autêntico medo, focando aspectos proibidos do conhecimento (4), além de provocarem, estimularem ou manterem vivas as imagens terríficas da condenação ao sofrimento, esse *médium* considerado inelutável para a ascensão da Humanidade á Redenção, ou seja, á Bem-Aventurança que outros chamaram de Sabedoria.

Se hoje nos é possível ler essas mesmas obras e considerar as acções do Diabo sorrindo ou mesmo rindo, não haverá o perigo de estarmos distraídos? não haverá o perigo de nos esquecermos do que significa para todos a crença, a descrença, a presença ou a ausência do Diabo?

Se rirmos lendo por exemplo este «Dicionário Infernal», esta ingénua História do Diabo e seus Correlatos, será porque então estaremos esquecendo aquilo que na verdade nos está sendo revelado: que nos estamos vendo em grande espelho, que a História do Diabo é a mais perfeita ESPECULação, REFLEXão, PROJECção da nossa própria História, do nosso próprio ridículo, da nossa cândida, desastrada visão da Realidade e do Mistério.

Rimbaud escrevia: «Aguardo Deus gulosamente». Sade: «O Regicídio é Deicídio». Os antigos: o Diabo é muito triste.

ANA HATHERLY

(1) Galeria Panorama, Lisboa. Esta edição, reservada aos assinantes da Tertúlia do Livro, apresenta grande número de lapsos e gralhas que por vezes prejudicam gravemente o texto.

(2) «A Intervenção Surrealista», Ulisseia, Lisboa.

(3) Na verdade, quem quiser documentar-se acerca do que em Portugal se terá publicado sobre demonologia, satanismo ou qualquer que seja a designação que se der a essa disciplina, ficará surpreendido como eu fiquei quando, ao visitar a Biblioteca Nacional, deparei com um único livro acerca do assunto: «O Diabo, suas palavras e sua acção (...) na Alsácia», por P. Sutter, traduzido por «Santo Cruz», Braga, Livraria Cruz, 1925. Esta obra está mencionada adentro da designação geral *Demónio e Demonologia*. Nas fichas correspondendo a *Demonolatria, Demonomania, Demonopatia, Satanismo* e *Possessos* remetia-se o leitor para a obra mencionada. Na ficha *Demopsicologia* lia-se: Ver *Psicologia Etnica*. Talvez sob outras designações se possa encontrar abundante literatura, assim como talvez seja possível encontrar vasta bibliografia alhures, em colecções privativas eclesiásticas, por exemplo, mas essas desconheço. Não esqueço também que os portugueses cultos fazem as suas leituras das obras que lhes interessam nas línguas originais em que são editadas, regra geral.

(4) Collin de Plancy foi condenado e só não foi executado porque publicamente abjurou de todas as suas obras «satanicas» convertendo-se em seguida ao catolicismo.

Copenhague + Estocolmo + Oslo

Folhetim artístico de José-Augusto França

Munch: O GRITO

O CONGRESSO ANUAL da crítica de arte realiza-se desta vez nos três países do Norte, e de Copenhague para Estocolmo e de Estocolmo para Oslo viajaram os membros da Association Internationale des Critiques d'Art, num itinerário cumprido ao ritmo de mata-aviões, em cavalarias mais ou menos altas de história, estética e sociologia da arte.

Congresso largamente concorrido este ano, com mais de cem críticos, representando vinte e cinco secções nacionais da A. I. C. A., metade das que compõem este organismo. Mais numerosos os franceses, (com Martin-Mery Lassaigne, Ragon, Dora Valier, Jeanne Warnod e mais uma vintena), os italianos (com Argan, Marchiosi, Vigni e muitos mais) e os checos, numa viagem de respiração. Mas havia norte-americanos, japoneses, canadenses, (com o ministro adjunto da Cultura que veio convidar-nos oficialmente para o próximo Congresso, em 1970, em Montreal), mexicanos, argentinos, turcos e israelitas, europeus desta e a outra parte e entre eles, para poder folhetinar aqui o autor destas linhas. (Cujas interrompe para olhar pela vigia do avião o desfilar das ilhas e dos fiordes e Oslo, luzindo ao sol entre azuis de mar, de montanhas próximas e do céu — e supondo desde já que, depois de outras baías e de outros montes, do Rio de Janeiro, nada tão cartogràficamente belo existirá no mundo...)

Volte-se, porém, atrás, ao Congresso agora terminado — mais do que às paisagens e ao jogo de grupos fazendo-se e desfazendo-se, ao sabor de «bus» perdidos e achados, mais do que a isto e aquilo, com discursos até da Sonja Henie, patinadora e «star» reformada em dadora e organizadora duma grande fundação de arte, em Oslo; e mais do que àquilo que não cabe no folhetim, regressemos aos temas sérios do Congresso, e ao que nele se visitou.

TEMAS como a «arte e a cidade» e «Edvard Munch» foram naturalmente escolhidos pelos escandinavos. Estocolmo é o melhor exemplo europeu de uma cidade se renovando (todo o centro, de finais de novecentos, está a ser demolido e já reconstruído) sem timidez nem estupidez, nem falcatruas de construtores incivis, nem especulações toleradas e proprietários mesquinhos. Se renovando, imensamente rica e entendendo (isto dese o princípio dos anos 30) que urbanismo é em grande parte ritmo e harmonia de circulação. A ligação dos edifícios à rua-que-deixou-de-ser-corredor, é uma criação de arte admirável — lógica, perfeita, sem uma ruga, nada de pregas onde se detenha o fluxo da circulação não só do presente como dum futuro imediatamente computável. Nas cidades satélites, residenciais e populares (mas o povo sueco é logo burguesia — em classe única, bem repousada), não há espírito de poupança nem materiais precários, cedo abandalhados, como nos H. L. M. franceses. E no Metro recentemente inaugurado, colaboraram com esculturas, painéis, cerâmicas, azulejos e cimentos gravados alguns dos maiores artistas nacionais — como esta velha Sirik Deckers, com a sua verve algo parisiense ao serviço dum espírito de contestação todo sueco.

O presidente da Câmara expôs-nos longamente os seus princípios, com humor e gentileza de mulher que é, e um tacto político que pode considerar-se exemplar (aqui se abstem o folhetinista de qualquer exclamação parentética).

Houve colóquios com arquitectos, e com o próprio presidente da companhia do Metropolitano, e uma notável conferência urbanista inglês Ronald Hunt, dentro do quadro programado aqui.

Munch, assunto norueguês que interessa um largo período da história de arte contemporânea, foi o segundo tema, tratado em Oslo no próprio museu Munch — e tive o gosto de assinalar a J. P. Hodin e a Pal Hougen, seus especialistas, a influência, deles ignorada e por estudar em Portugal do pintor sobre o seu contemporâneo António Carneiro, influência que diante de certas telas expostas, se me revelou evidente e bem curiosa é.

O «expressionismo alemão» passa por Munch — pintor de uma esforçada angústia que admite a literatura, é certo, mas dela logo se liberta com uma potência pictória de quem *tem de desenhar em pintura*. Comparar o celebérrimo «Grito», gravado em 1895, com a tela (ou a série de telas) pintadas cerca de 1910, leva a entender este processo de visualização, ao mesmo tempo simbólico e ségnico. Obra obsessiva, quase monstruosa, que a morte (ou a Morte) persegue, criando vida (ou Vida), a obra de Munch é perigosamente irregular — e pode cair, quando oficialmente utilizada, na sensaboria hodleriana da decoração da aula-magna da Universidade. Mas também ascender ao modernismo inequívoco de certo nu sentado, verde, sobre almofadas vermelhas que, por não reproduzido nos numerosos catálogos e albuns, parece ser menos apreciado pelos seus compatriotas.

O Museu Munch foi um dos vários museus visitados — e em Oslo mesmo, a Galeria Nacional, além dos muitos Munchs que também exibe, apresenta uma pequena colecção europeia (Greco, Cranach, G. David) que vai até a uma actualidade cuidadosamente exemplificada através de Paris — passando por um admirável Degas, um excelente Bonnard e um curiosíssimo Manet de 67, quase um esquisso onde todos os temas picturais do artista se apontam. A Fundação Henie-Onstad ilustra a Escola de Paris, em aquisições bem definidas, de Léger ou Braque a Esteve, De Stael ou Bissière — ou Le Parc. Uma arquitectura notável no seu dinamismo serve de quadro a uma actividade dinâmica também. E tanto, que o filme «segnico» de Jürgen Claus que para nós ali se exibiu foi precedido duma manifestação de artistas com letreiros e bandeirolas poliglotas contestando «o papel alienatório da crítica ao serviço da sociedade capitalista». Numa generalização que escandalizou os colegas do outro lado da «cortina de ferro...» E que se desfez simpàticamente na cafeteira, mais tarde, mau grado os inflamados «slogans» que supriam argumentos reais.

A «Arte como expressão das preocupações sociais» (e «o lançamento do artista», é «a arte e a televisão», e «a documentação da arte contemporânea») foi de resto objecto de sessões de trabalho que nos justificaram. Assim como a série de equipas de pesquisa agora criadas, e que vão procurar esclarecer e definir urgentes problemas de relação pública — tais como os dos museus, da Imprensa, da edição, dos coleccionadores, das bienais, e das fundações (para dirigir a respectiva equipa fui eu convidado). Deste modo se desalienam os críticos, interessados numa acção social que tem de ter significação cultural e culturante.

...MAS vimos muito mais coisas que hão-de caber nos últimos centímetros desta última folha e nos últimos minutos da presente aviação.

Ainda em Oslo visitou-se o famigerado parque Frogne onde Vigeland semeou as suas esculturas literatíssimas nos anos 30 — cachos de corpos nus numa ilustração mortal da vida que ele supunha ser assim, filosòficamente esculpindo... Outro escultor deixámos mais descansadamente num museu de Copenhague: Thorvaldsen, canoviano sem graça, famoso em Roma. (Será retrato de D. A. Sequeira a única cabeça anónima que lá figura?). Se na capital da Dinamarca o Museu Nacional estava em obras, a Glyptoteca Ny Carlsberg supriu-o bem, com a sua notável colecção de Impressionistas, e a sua curiosa colecção de Paul Dubois com quem o nosso Teixeira Lopes tanto se parece. Em Estocolmo, o Museu Nacional, com os seus admiráveis Rembrandts e um grande Bucher que voltou a parecer-me das melhores obras do pintor, abre-se bem aos Impressionistas — com a «Parisiense» de Manet. O Museu de Arte Moderna, mal instalado mas bem vivido (foi-nos lá oferecido um excelente concerto de música electrónica — até ao fim do qual, diga-se em abono da verdade, nem todos os críticos de arte resistiram...), tem peças de grande importância histórica e vai comprando acertadamente, no meio da criação mais actual.

Duas acções marginais (mas essenciais) importa ainda noticiar: a da Fundação Luisiana, de Copenhague, museu dinâmico, interessado em exposições sucessivas que constituem o melhor da vida artística dinamarquesa (agora, uma de Calder, vinda da Fundação Maeght, de França). Em pleno campo, à beira-mar, o pequeno museu articula-se a um centenário «chalet» particular, num projecto arquitectónico notável, lembrando o museu Kröler-Muller da Holanda. Em Estocolmo, finalmente, o Riksutställningar é um instituto experimental do Estado, orientado por um velho amigo meu, de Paris, R. Von Holten, que programa e realiza exposições por todo o país. Exposições e concertos e sessões teatrais a que não é alheio um espírito de polémica ideológica, e que estabelecem uma rede cultural extremamente e vantajosamente avançada.

...CONTACTOS, experiências, exemplos a desejar e a reter. Para isso servem os congressos — a quem viaja e aos países viajados que assim se fazem conhecidos, desenvolvendo, no caso, a sua vida artística. Esperemos que tal possa acontecer em Portugal também, que merece (e necessita de) um congresso de críticos de arte da A. I. C. A.

Bienal de S. Paulo

O nosso prezado colaborador ***dr. José Augusto França declinou o convite para participar no júri internacional da Bienal de São Paulo.*** *(Quanto à posição tomada por alguns dos artistas portugueses convidados, ler a nota que inserimos no «S. L.» de 7 de Agosto passado).*

A maturidade de um Autor

EXÍLIO PERTURBADO
romance de Urbano Tavares Rodrigues
2.ª edição
Livraria Bertrand
Lisboa, 1969

DE «EXÍLIO PERTURBADO», romance publicado pela primeira vez em 1952 e traduzido já para a língua espanhola, acaba a Bertrand de lançar nas livrarias uma 2.ª edição. Não é este o momento azado — dadas as características de mera recensão que o nosso comentário reveste — para detalhadamente se analisarem todas as possíveis implicações desta obra de Urbano Tavares Rodrigues; a seu tempo, aliás, já a crítica portuguesa disse de sua justiça e não interessa, agora que o livro reinicia o seu contacto com o público, estar a repetir considerações que outros mais acertadamente já fizeram.

De qualquer modo, parece-nos justo salientar uma vez mais a qualidade deste romance, cujas raízes mais profundas mergulham com certeza em tudo aquilo que Urbano Tavares Rodrigues viveu e conheceu durante a sua própria permanência no estrangeiro. No itinerário ideológico de Manuel, personagem central do livro (e não terá sido obra do acaso a escolha de um nome que nos é tão comum!), na evolução do seu perfil humano a reflectir-se nas diversas ligações amorosas que conhece e a culminar no encontro essencial com uma realidade de profunda significação (o levantamento nacionalista do Egipto de Nasser, em 1956, que às contradições do seu comportamento aponta finalmente um caminho de solução), nessa trajectória exemplar de um português radicado em Paris colocou o autor o melhor do seu talento de romancista. E por isso «Exílio Perturbado», quanto a nós um dos melhores livros de Urbano Tavares Rodrigues, bem merece o interesse dos leitores, agora que voltou aos escaparates.

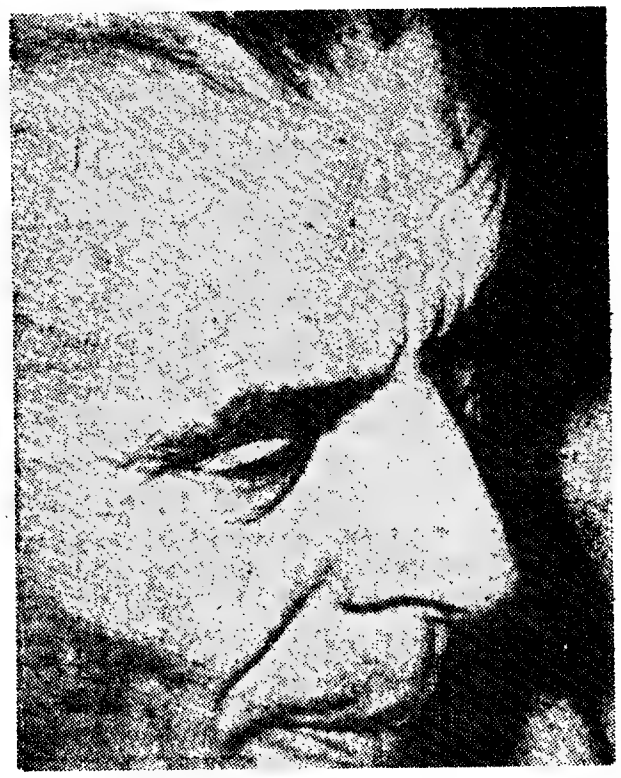
Se deste modo, e pelos motivos já expostos, nem sequer esboçamos qualquer atitude verdadeiramente crítica em relação a «Exílio Perturbado», a sua reedição vai-nos permitir, porém, analisar, ainda que sumàriamente, um reparo injusto que várias vezes tem sido apontado à produção literária de Urbano Tavares Rodrigues. Reparo esse que consiste em afirmar que a dispersão do

[Continua na 6.ª página]

Desde o «soma» ao sex()

por João Palma-Ferreira

DESDE o *Soma*. Ou talvez desde um pouco antes, um pouco antes que remonta a cerca de 50 mil anos antes de Cristo. O próprio *Soma* foi utilizado na Índia, mais ou menos por essa data; consta de todos os livros verdadeiramente secretos, mas nenhum botânico, nenhum farmacologista conseguiu, até agora, identificar a planta sagrada, fonte dos sonhos e do bem-estar. Sabe-se, tudo se sabe, que os alucinógenos acompanham a história da humanidade numa larga e obscura curva de maior ou menor prestígio. Os egípcios utilizavam-nos combinados com o isolamento total e com o jejum. Os gregos, em Delfos, bebiam água de uma fonte subterrânea (kawsotis) onde punham fungos alucinógenos em infusão. Os Sioux, antes da descoberta dos efeitos do cacto peyote, expunham-se ao sol, durante horas e horas, até atingirem o delírio da insolação quase mortal. Os Incas abriam os seus dias de exaustivo trabalho, a mais de 4000 metros de altitude, com uma folha de coca bem mastigada. O alcalóide da coca, a cocaína, matava-lhes a fome e actuava como energético sobre o sistema nervoso. Os astecas utilizavam os fungos dos sonhos para entrarem em contacto com os deuses ou para narcotizarem as virgens que iriam imolar ao Sol. Todos os povos. De todas as latitudes. Antes, ao mesmo tempo e depois do misterioso *Soma*. O tabaco, o álcool ou café. Tudo.



Quem tem medo de Aldous Huxley?

Mas o álcool ilude a realidade. O tabaco mantém a realidade comum no estado de saturação paciente. Os alucinógenos, porém, não iludem a realidade, antes auxiliam o utente a aprofundá-la ou a compreendê-la. Nenhuma civilização arcaica os utilizou como meio de evasão. Nenhuma. E bem sabemos que, por toda a parte, incluíndo as próprias religiões cultas, se sublinham as virtudes dos cactos, dos fungos e de todas as substâncias que auxiliem a alucinação. O incenso em excesso propicia visões e altera o ritmo do pensamento.

Estamos, portanto, perante uma verdadeira sociedade de drogados? Além da vigilância milenária do alucinógeno que, afinal, fez o seu serviço — manter o homem nas balizas da sua servidão — recordemos estas terríveis palavras de Aldous Huxley (1932 — «Brave New World»): *A medida que as liberdades politicas e económicas diminuem, as liberdades sexuais tendem a aumentar como compensação. E o ditador (a menos que pretenda novas famílias para colonizar territórios despovoados ou conquistados) tudo fará para encorajar essas liberdades. Em conjunção com a liberdade de permissão de sonhos diários sob a influência da droga e do cinema e da rádio conseguirá reconciliar os seus súbditos com a servidão que é o seu destino.*

O deus Ford que nos fez sorrir na década de 30 e 40 tem hoje outros e mais poderosos colegas olímpicos: os deuses General Motors, ou Chrysler, ou General Electric, ou Petróleo em-todos-os-aspectos, et caetera, et caetera. Não leram, maravilhados «O Desafio Americano»? Não viram, atrás dos passos dos cosmonautas, na Lua, — *Apollo*, quase irònicamente se chamou à empresa — a sombra tutelar de companhias GM-subsidiárias, produtoras dos espantosos, extraordinários e incríveis processos técnicos que permitiram a aventura. Aventura? E não leram, entretanto, e com maior delícia, talvez, bastante antes da vigília quase comovente da chegada à Lua, não leram, adoráveis escravos que o vão ser, além de o serem já das vossas pequenas e maçadoras máquinas-patronais, não leram *Barbarella, Histoire D'O (par Pauline Réage, avec une préface de Jean Paulhan)*,—esqueçamos Sade, que era afinal um bem intencionado a imaginar o sucesso que faria nos compêndios e sebentas de psicopatologia — não leram, homens livres que se julgam no seio da liberdade consentida, *Irène (Camus lo ritenava il migliore fra tutti i libri di carattere erotico)*, não leram, entusiastas da revolução sexual, a única que em grande estilo vos permitirão, *Emmanuelle* (escreve Emmanuelle Arsan), não apreciaram Lucien Clergue, Barzilay, (e por que não?, se Barzilay é louvado por Mandiargues e por Eluard)?...

Estamos perante uma verdadeira sociedade de drogados?

Não me julguem reaccionário que não o sou. Só que aspiro à liberdade verdadeira e não aceito a liberdade consentida. (Que importa que Emmanuelle Arsan diga ao Papa: *Santidade: Leio a sua enciclica e estou completamente nua no terraço da minha casa. Mantenho o corpo ao sol e tento compreender por que Vós e os Vossos, de há quase dois mil anos, tanto o odeiam)*. Prossigo e dirijo-me, desde o *Soma*, que por nunca ter sido encontrado é o único alucinógeno sublime, a todos vós, muito escravos, com ócios programados (83 % da sociedade do bem-estar) que se julgam em segurança no seio de uma nova liberdade: peyote ou revolução sexual — não acham que Ettore Scotass já está ultrapassado quando nostàlgicamente afirma: *Os termos da questão não se alteraram — o amor continua a ser considerado como um pecado?*(!). Não leram Rimbaud, nova dimensão hiperrealista com as ilustrações de Svanberg, não assinam ainda as edições de Eric Losfeld — se não o fazem, são, de facto, uns ingénuos —, surrealismo, obras bizarras e fantásticas, bandas desenhadas, novamente *Barbarella*, Aubrey Beardsley, Philippe de Jonas, E. A. T. Hoffmann, Jean Sadinet, R. P. Knight, Ernest de Gegenbach, Sterngerg, Rene de Solier, Michel Wichard, todos ex-malditos? Ou ficam-se apenas pelo *voyeurismo, Lui, Playboy, Playmen, King, Royal, Io...?*

Prosseguindo na vossa liberdade — quem tem medo de Aldous Huxley? — pequena liberdade heterossexual, perfeitamente autorizada e bem consentida — quem tem medo do General De Gaulle? — sem o *voyeu-*

(Continua na 7.ª página)

OBRAS COMPLETAS DE
JOSÉ RÉGIO

acaba de sair a 5.ª edição, com seis desenhos de JÚLIO, do livro de sonetos

BIOGRAFIA

«As variações, a retórica sinceridade, os dons de auto-análise, o objecto do conflito, fazem deste mundo uma mistura singular de espiritualidade e barroquismo. É na verdade um universo, coisa que só de raros poetas se pode dizer.»

EDUARDO LOURENÇO

JOSÉ RÉGIO

brevemente, a 7.ª edição, ilustrada pelo Autor, dos

POEMAS DE DEUS E DO DIABO

«...José Régio, tão arguto crítico como excepcional poeta (e sem dúvida, pelo dramatismo psicológico e pela sonora eloquência da sua poesia, o mais próximo de Camões, nos nossos dias)...»

JACINTO DO PRADO COELHO

PORTUGÁLIA EDITORA

PRONTUÁRIO DAS LETRAS

PESSOA SEMPRE (NA INOVA)

Na colecção *Civilização Portuguesa*, da Editorial Inova, a mesma que abriu com o excelente *Ler e depois*, de Óscar Lopes, estão anunciadas duas obras sobre Fernando Pessoa: *Teoria poética de Fernando Pessoa*, de Georg Rudolf Lind, e *Fernando Pessoa — Poeta da Hora Absurda*, do nosso malogrado colaborador Mário Sacramento. O catálogo menciona ainda as edições, mais ou menos próximas, de *Ensaios sobre Cultura e História*, de Armando de Castro, *Poesia e tempo*, de Eduardo Lourenço, *O elemento pastoril no teatro de Gil Vicente*, de Neil Ted Miller, *A razão e o dicurso*, de Eduardo Prado Coelho, e *Modo de ler*, de Óscar Lopes. Até agora o grande êxito da colecção foi *Inquisição e cristãos-novos*, de António José Saraiva, com três edições em seis meses. *Ler e depois* também atingiu ràpidamente as duas edições. A Inova marca pontos.

NOTICIAS DO BRASIL

Morte e Vida Severina, de João Cabral de Melo Neto, não morreu com a encenação do T. U. C. A. Uma segunda leitura está já no palco. Assina-a Paulo Autran com a sua companhia. ● Os livros brasileiros não têm venda excepcional nos Estados Unidos. Quem se salva? Jorge Amado. Revelação do editor Alfred Knopf no Instituto Cultural Brasil — Estados Unidos. Knopf, que lançou recentemente Clarice Lispector e Gilberto Freyre, está interessado agora em António Calado. ● Os cinquenta anos de vida literária de Alceu Amoroso Lima foram marcados com um livro: *Adeus à disponibilidade e outros adeuses*. Lançamento da Livraria Agir Editora. ● Jarry traduzido por António Fraga (que assina também a introdução): *O supermacho*, com a chancela da Coordenada Editora de Brasília. No catálogo da mesma casa um volume de ensaios de Luckács: *Realismo critico hoje*, tradução de Ermínio Rodrigues. ● A José Olympio edita *Reunião*, de Carlos Drummond de Andrade. Dez livros (não inéditos) juntos em 300 páginas densas. Prefácio de António Houaiss, o crítico que se tornou famoso ao traduzir (brilhantemente) *Ulysses*, de James Joyce.

Eis alguns dos títulos previstos para o último trimestre do ano: *«La menteuse»*, romance inédito de Jean Giraudoux; *«Borgès par lui-même»*, de E. R. Monegal; *«Le langage enfantin et l'aphasie»*, de Roman Jakobson; *«Langue et fonction»*, de André Martinet; *«Les agresseurs»*, de Ladislav Mnacko; *«La vie culturelle du Vietnam en guerre»*, de Peter Weiss; *«Essai sur le problème juif»*, de Isaac Deutscher; *«1904»*, um inédito de Leon Trotsky; *«Chrétiens sans Église»*, de Leszek Kolakowski. No capítulo das reedições são de assinalar *«Les grands cimetières sous la lune»*, o clássico de Bernanos sobre a guerra de Espanha, e a *«Anthologie de la nouvelle poésie nègre et malgache de langue française»*, coligida por Senghor.

«OS OVOS D'OIRO»

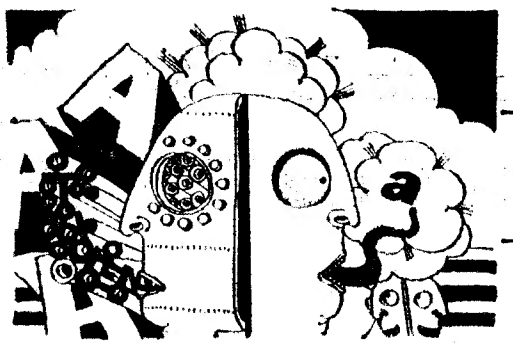
Chama-se *Os ovos d'oiro* o novo livro de poemas de Armando da Silva Carvalho, seleccionado para publicação (ainda este ano) pela D. Quixote. É a terceira obra do autor, antecedida por *Lírica consumível* (Ulisseia) e *O comércio dos nervos* (Nova Realidade). Poemas de Armando Silva Carvalho estão também na *Antologia de poesia universitária* (Portugália), na *Poesia portuguesa do pós-guerra* (Ulisseia) e no n.º 3 dos *Poemas livres*.

«LA RENTRÉE»

Com o termo do Verão a aproximar-se, os franceses pensam na «rentrée», que talvez possamos traduzir por «regresso ao período normal de trabalho». Mal iriam os editores não pensarem também nisso. Por acaso pensam.

POUND+8

Está à venda (3,95 dólares) uma nova achega de Ezra Pound à longa série dos seus *Cantos*. Intitula-se *«Drafts and Fragments of Cantos 110-117»* e foi um recente lançamento de New Directions, cujo catálogo de 1969 menciona também os nomes de Lawrence Ferlinghetti, Vernon Watkins e George Oppen, último Prémio Pullitzer de Poesia.

INQUÉRITO SOBRE  A DOBRAGEM

CONCLUI-SE HOJE o breve inquérito sobre a dobragem que este suplemento resolveu promover, recolhendo algumas opiniões de realizadores, criticos, cineclubistas, técnicos e publico.

Das posições mais radicais (pró ou contra) ás declarações hesitantes de quem pesa argumentos de ambos os lados, de tudo vive a dobragem, como aliás ficou demonstrado pùblicamente na passada sexta-feira, no salão da S. N. B. A., onde teve lugar, como noticiámos, um animado debate com a participação de numerosos técnicos e realizadores do cinema nacional.

Nesse colóquio, onde o publico acorreu de forma invulgar (algumas dezenas, se não mesmo centenas de pessoas), foram levantados muitos problemas e analisados os diversos ângulos e aspectos de que a dobragem se poderia (ou poderá) revestir no nosso pais. Afinal, a utilidade de tais manifestações da opinião pública em redor do tema dobragem ficou certamente justificada com a ampla troca de pontos de vista que, de algum modo, levaram grande parte dos intervenientes a repensarem argumentos e tornarem, se possivel, mais maleáveis as suas opções. Ou não.

AFONSO CAUTELA

(Critico de cinema da revista «Vida Mundial»).

COMEÇO E ACABO por não compreender como pode andar em dúvida e em discussão uma coisa indiscutível. A dobragem não é problema. Problema começa a ser considerá-la problema... Saber se uma obra de arte deve ou não ser aviltada, deve ou não ser conservada na íntegra e conforme o original, quanto a mim não é questão que se ponha. Só interesses completamente alheios á obra e á arte podem pôr (aparentemente) em questão coisas que estão assentes desde sempre, desde o princípio aceites, ou pelo menos desde há muito entraram nos hábitos do que se considera civilização.

Só um desrespeito total pela criação intelectual consentirá, já não digo na dobragem, mas que tal se questione sequer. Porque discuti-la já é pressupor que ela pode vir a ter alguma legitimidade. E isso é que é grave. O resto não. Vandalismos houve-os em todos os tempos, com o assentimento dos mais ou menos responsáveis, e a dobragem, assim como qualquer outra espécie de adulteração da obra artística, ou se formula neste contexto global (e então não é só dobragem que se discute) ou redunda em pura bizantinice.

Grave não é o facto de algum dia a dobragem vir a inundar o mercado português. Há muitas outras coisas nesse mercado tão ou mais graves e no entanto existem, ninguém discute, ninguém polemica em torno de. A parte quanto possam pensar os criticos e realizadores, a dobragem acabará por ser o que os interesses em jogo determinarem que seja e não o que a lógica, o bom senso, a estética ou a simples honestidade aconselharem. A um lado está a indústria, a ourto a arte. O critico, evidentemente, está no seu papel de defender a arte, porque outros lá estão no seu papel de defender a indústria. Irrisório é supor que algum dia essas duas entidades polemiquem. Há coisas a que um critico não deve descer, em que não deve ceder. Discutir a dobragem, deveria ser a última delas, dado que é uma das formas mais ignominiosas de vandalizar a obra cinematográfica.

Triste e grave, finalmente, é verificarmos que não há forma nenhuma de abjecção que não venha a ter os seus defensores, para a qual não venha a criar-se um clima de opinião favorável e que, às tantas, não encontre mesmo o caminho aberto para se instalar como legitima. Assim foram preparados todos os adventos concentracionários. Pela cedência em discutir como lógico o absurdo.

CARLOS PORTO

(Critico de teatro e um dos directores da revista «Plano»)

SOU contra a dobragem por me parecer ser esse entre dois males (a dobragem e a legenda) o maior.

1.º — Por razões estéticas. A dobragem é atentória do filme como obra de arte (e é nessa qualidade que eu o aprecio) e, ao mesmo tempo, representa a mutilação da obra de um artista criador.

2.º — Por razões pragmáticas. a) Não acredito ser possivel vencer nestes anos mais próximos as dificuldades técnicas postas pela dobragem. A dobragem não deverá recorrer a actores conhecidos mas terá que recorrer a pessoas capacitadas que em Potugal não existem pela simples razão de não haver escolas onde as pessoas aprendam capazmente a técnica de dicção. Não é por acaso que na sua maioria os nossos actores, não obstante a sua experiência, demonstram uma tal pobreza vocal. Na dobragem essa falta de domínio da técnica de dicção, essa pobreza vocal inferirão necessáriamente nas estruturas dramáticas do filme e desiquilibrarão irremediávelmente os seus valores estéticos. b) Não acredito ser possivel exibir simultâneamente duas versões do mesmo filme (uma versão original e outra dobrada). c) Não vejo a que critérios obedeceria, na prática, a selecção dos filmes cuja versão original teria que ser projectada. d) Os filmes dobrados seriam ainda mais mutilados em consequência de diálogos que porventura não interessasse dar a conhecer.

Sou contra a dobragem porque creio haver outros processos de luta contra a crise do cinema português. E um desses processos passa pelos meios audiovisuais de ensino. Não acreditamos que esses meios subtituam algum dia a necessidade de saber ler. Mas acelerando a alfabetização, permitirão um mais rápido acesso de toda a gente a outras linguagens, incluindo a do cinema.

Sou contra a dobragem porque, resolvidas as dificuldades práticas apontadas, subsistiria a primeira razão — intransponivel. E nessa altura, aliás as razões que hoje parecem impor a dobragem teriam desaparecido e esta já não se justificaria.

Portanto: não à dobragem.

VASCO GRANJA

(Critico cinematográfico, organizador da página «Bastidores», do jornal «República»)

A dobragem só é aceitável, do ponto de vista artistico, nos documentários, onde a voz do comentador se encontra dissociada da sua presença física.

Nos filmes de ficção a dobragem prejudica a unidade da obra cinematográfica. É que o registo vocal de cada intérprete conta decisivamente na sua actuação perante a câmara. Recorrer a vozes estranhas para dobrar as frases pronunciadas pelos actores constitui uma anomalia estética que não pode ser considerada acto de criação no todo indivisível que é um filme como obra de arte.

Precisamente o caso de não haver dobragem em Portugal é um facto positivo que nos consola de tudo o que de mau está relacionado com a exploração cinematográfica no nosso pais. A dobragem é um poderoso factor para a penetração económica do cinema, subjugando ainda mais as estruturas de que depende o cinema como expressão artística.

Um domínio onde de modo algum se pode admitir a dobragem é o desenho animado. Quem conseguiria dobrar Bugs Bunny, Sylvestre ou Speedy Gonzalez? Quem poderia igualar Mel Blanc e os seus vastissimos recursos de caracterização vocal?

Não, a dobragem não satisfaz como processo criador da arte cinematográfica.

LUÍS ANDRADE DE PINA

(Critico de cinema, director da extinta revista «Filmes» e representante do Instituto de Meios Audiovisuais junto da Comissão encarregada de rever a Lei do Cinema)

CREMOS QUE NINGUÉM aceita como ideal a solução da dobragem (dobragem de filmes de enredo e de longa-metragem, pois a lei já permite a dobragem para os documentários, como aconteceu com Helga), mesmo que se busque, neste plano, uma analogia favorável com as traduções de romances.

A questão surge quando se afirma que ela poderá solucionar os problemas do espectáculo cinematográfico em Portugal e, com ele, o cinema português. Deste modo, trata-se de um problema de natureza industrial e, por isso mesmo, não devemos fazer analogias, para defesa da dobragem, com países como a Espanha, a França ou a Itália: ali, a dobragem foi possivel porque havia uma infra-estrutura industrial que nunca existiu entre nós.

Em principio: a dobragem traria mais pessoas aos nossos 400 cinema porque facilitaria o entendimento dos filmes (se o público é analfabeto e não consegue ler as legendas, ouvindo os diálogos em português acorreria em massa); a dobragem habituaria lentamente o público a imagens faladas na nossa língua (mais público em geral, logo mais público para o genuíno cinema português); a dobragem ocuparia estúdios e laboratórios e daria emprego a mais intérpretes, beneficiando assim unidades técnicas e pessoal habitualmente desocupado.

Em função destas considerações, que não nos preocupam, concedemos uma dobragem experimental e facultativa. Mas não acreditamos que com ela venha a salvação, mesmo parcial, do cinema português: o hábito de 40 anos a ler legendas e ouvir estrangeiro é demasiado forte; o público vai ficando cada vez mais apto a ler legendas e não são as fitas faladas em português que o farão voltar ás nossas peliculas, *mas a sua qualidade intrinseca, estética ou espectacular*, que não surge da dobragem; não temos estrutura técnica e industrial para dobrar filmes em condições, encarecendo antecipadamente a tiragem de cópias dobradas em relação ao custo actual das originais, nem temos especialistas suficientes para garantir uma boa dobragem (veja-se o que aconteceu, no plano técnico e comercial, com as fitas *dobradas* em português «Sexta-feira, 13», «Fim de semana com a morte» e «Via Macau»). Mal por mal, antes no original...

ANTÓNIO DAMIÃO

(Realizador de cinema português, autor de «Talvez Amanhã», curta metragem ainda inédita)

LISBOA, PORTUGAL, mês de Agosto de 1969. Por esse mundo o cinema é uma indústria e um comércio. Às vezes e apesar de tudo uma arte.

Em Portugal o cinema é uma indústria anémica e um comércio. Às vezes e por acaso uma arte.

Falemos de dobragem.

Se os filmes que vieram da estranja forem dobrados ganham: *a*) os comerciantes: é possivel que tenham mais público nas salas destinadas aos analfabetos; *b*) os para-industriais: sempre os estúdios de som irão funcionando e uns tantos que andam á volta; *c*) etc., etc.... Portanto mais gente a ganhar uns tostões.

E o cinema?

O cinema é uma linguagem audiovisual onde um gesto é tão importante como um som (diálogos, ruídos, silêncios, música, etc.). Falar de dobragem é falar da adulteração de uma obra. Praticar a dobragem é alterar o sentido e a intenção da obra.

É necessário e urgente fazer chegar a arte á totalidade dos indivíduos. É necessário que a totalidade dos indivíduos faça a aprendizagem do fenómeno cinematográfico. Mas para que esta aprendizagem seja eficaz é preciso que a obra seja o todo que o autor pretendeu e pelo qual é responsável perante os outros. Para respeitar público e autor é preciso proporcionar o diálogo. Proporciona-se o diálogo respeitando a obra. A dobragem não respeita a obra.

Em Lisboa, Portugal, mês de Agosto, etc., etc...., «a promoção cinematográfi-

(Continua na página seguinte)

Esclarecimento

No Suplemento Literário do «Diário de Lisboa» de 11 de Setembro, figura, á cabeça de vários, um depoimento de António Lopes Ribeiro, — conhecido opositor da dobragem, mas, paradoxalmente, director da dobragem, para português, do filme alemão «*Helga*» e do filme espanhol «*Os 5 Avisos de Satanás*» (em curso de execução).

Nesse depoimento ele invoca «*a surpreendente posição assumida por António de Macedo, que não só defende essa obrigatoriedade* (da dobragem), *como a considera a unica solução para o cinema português. (!!!)*.

Tal afirmação é tão despropositada como falsa.

Se defendo a obrigatoriedade da dobragem, nunca a considerei solução unica, nem nunca tal esteve no meu espírito. Muito pelo contrário. Basta ouvir com atenção a transcrição magnetofónica (que conservo em meu poder) das minhas declarações no *Zip-Zip*, transmitidas pela R. T. P. em 7 de Julho. Além disso, no meu artigo *O Medo da Dobragem*, publicado no «*Diário de Lisboa*» de 1 de Agosto, digo:

«*Entre outras medidas (que não interessa aqui abordar, porque não cinematográficas), a dobragem constituiria sem duvida uma achega importante*».

No meu artigo *Sobre a Psicopatologia da Dobragem*, de 20 de Agosto, confirmo inequivocamente:

«*Claro que a dobragem não é solução unica. Outras há, tanto ou mais importantes, que haveria que impor paralelamente. Mas não é disso que estamos a falar agora*».

Parece-me bastante claro. Como não creio que António Lopes Ribeiro não saiba ler, exijo que esclareça publicamete os motivos que o levaram a fazer aquela falsa declaração a meu respeito.

ANTÓNIO DE MACEDO

REPULSA: aceitar o crepúsculo

(Continuação da 1.ª página)

no seu filme mas também naquilo que lá se encontra implicado. Uma loucura de que não se faz o elogio e que parece destilar-se dum dia-a-dia pardacento, agónico na sua repetição bocejante desprovida de qualquer calor. As sequências do instituto de beleza são particularmente eloquentes para iluminar o tom concentracionário e destruidor de um determinado meio-ambiente As máscaras de lama no rosto das clientes transformadas em múmias, o carácter grotesco dalguns tratamentos, a artificialidade das falsas pestanas, falsas sobrancelhas, falsas faces. falsas unhas, os secadores gigantes que engolem cabeças, o servilismo de três ou quatro raparigas bonitas afadigando-se em volta de uma baleia carregada de cremes, os telefonemas que atravessam as salas como descargas de energia eléctrica, o altifalante que comanda inexoràvelmente a disciplina da colmeia, as baterias de cosmética espreitando a confusão como um exército semi-adormecido. O absurdo, a vacuidade instalam-se em toda a parte, em todos os gabinetes, em todos os corredores iluminados, varridos por uma luz cruel. Carol debate-se nessa prisão dos seus nervos, da sua liberdade, da sua ânsia de algo diferente, nessa fábrica de frustrações e de derrotas. A corda está prestes a estalar, os fios a serem cortados. Repetir, repetir, repetir aquilo é a loucura. E Carol repete, repete, repete até não poder mais, até quase cortar um dedo a uma pavoa que quer aparentar menos vinte anos.

Dos homens reais de uma Londres de náusea aos sapos-homens dos pesadelos de Carol, o itinerário de uma obsessão («Repulsa», de Polanski)

Na casa encontra-se, por alguns dias, livre da presença incómoda do amante da irmã e da sonoridade animal do seu amor feito no quarto ao lado. Mas o apartamento parece crepitar com uma vida maligna e perturbadora: os objectos ganham uma individualidade inquietante, o telefone tortura-a, as portas, os armários, as coisas fechadas ameaçam-na, seres misteriosos espiam-na, as paredes abrem fendas gigantes de grandes lábios para a devorarem, moscas repugnantes marcham sobre um coelho em decomposição, brutamontes saltam da cama para a sodomizarem sem cerimónia, o próprio leite se torna pastoso como o sangue, outros homens monstros, de faces distorcidas pelo «espreita-quem-vem-lá» da entrada aguardam, no limiar, a sua oportunidade de lhe fazer mal... O cerco inicia-se, hora a hora, minuto a minuto, segundo a segundo. E Carol entrincheira-se, barrica-se, refugia-se atrás duma falsa segurança. Esquece o inimigo que vem de dentro, que está na sua própria mente.

Mas não é só ela a culpada. Não é só ela a diabólica. A sua loucura floriu num terreno fértil. Aceitando, como desequilibrada, viver no meio daqueles que procuram no «equilíbrio» uma falsa solução para as suas neuroses, Carol aceitou o crepúsculo. E as suas armas revelam-se bem frágeis na tentativa de resistência à fenda que se abre na parede. O crepúsculo vai ser, num breve lapso de tempo, uma negra e infindável noite.

Necessita-se de algo mais do que arrogância profissional para contar esta fábula moderna de pavor da maneira acutilante que Polanski o fez. É preciso um cineasta autêntico, capaz de dosear o seu filme duma infinidade de pequenos pormenores que escapam ao grande público mas que fornecem à obra uma tremenda verosimilhança, uma densidade trágica, irónica e amarga. Polanski demonstra ser um mestre na arte de subjugar emocionalmente, na arte — repetimos — de inquietar sem abrir a porta das traseiras á fancaria e ao efeito fácil.

JOSÉ VAZ PEREIRA

BUCHANAN'S
"De Luxe"

O Whisky que você oferecerá aos seus melhores amigos

AGENTE EXCLUSIVO EM PORTUGAL:
J. CÂNDIDO DA SILVA
LISBOA—Av. de Berna, 42-A—Telefs. 760194-776340
PORTO—R. de S. Luís, 12 a 22—T. PPC 28251/2/3/4 e 37045
COIMBRA—R. Dr. António José de Almeida, 273 a 277 T. 27477

A maturidade de um Autor

(Continuação da 3.ª página)

escritor por vários campos marginais à ficção pròpriamente dita e a sua como que obsessão pela publicação constante de novos livros o têm impedido de escrever a obra maior que as já existentes deixam adivinhar e que o seu talento tem obrigação de exigir.

Se é certo que as condições particulares inerentes à vida de cada escritor não podem servir de argumento de defesa face a um juízo crítico que se queira objectivo e sem complacência, certo é também, por outro lado, que perante a obra de um autor é bem mais importante uma exegese que saiba compreender e explicitar os aspectos positivos que contém, do que uma sistemática desvalorização, mesmo se baseada numa confiança hipotética nas possibilidades futuras do escritor. Não muito longe disto andava Hegel ao afirmar nas suas «Lições sobre a História da Filosofia»: «o lado afirmativo tarda sempre mais em revelar-se...; por isso o refutar é sempre mais fácil que o justificar».

Ora, no caso de Urbano Tavares Rodrigues, como já atrás ficou dito, parece-nos que este «Exílio Perturbado» é suficiente para demonstrar a maturidade do seu autor e impô-lo na primeira fila da ficção portuguesa contemporânea. Não interessa saber se um maior cuidado de factura e uma mais apertada vigilância à adjectivação exuberante e à palavra fácil, por exemplo, poderão ocasionar num futuro mais ou menos próximo uma obra melhor que as já existentes; ou interessará sòmente como apontar de uma meta que está ao alcance das reais qualidades do escritor. Mas antes disso, é de elementar justiça reconhecer que Urbano Tavares Rodrigues merece entre nós lugar de destaque não pelas suas qualidades virtuais como que apenas esboçadas, mas sim pela obra que efectivamente já realizou; obra essa que, com todos os seus possíveis defeitos e limitações, é marco indispensável à compreensão do romance português do pós-guerra;

O que muita gente esquece...

MANUEL ALBERTO VALENTE

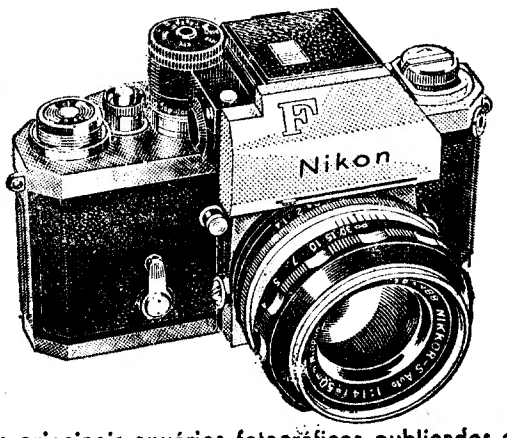
Inquérito

(Continuação da pág. anterior)

ca das massas, se quisermos ser sociológicamente honestos e actuais impõe-se a máxima urgência [...]» (António de Macedo, «Sobre a Psicopatologia da Dobragem», in «Diário de Lisboa», de 23 de Agosto de 1969).

De acordo. Mas vejamos em que termos. Mas discutamos os critérios sèriamente. Mas recusemos as opções simplistas e falsamente simplificadoras. Porque, entendamo-nos, defender a difusão de obras adulteradas é tão grave como impedir o acesso aos meios de cultura.

A QUALIDADE
Nikon
PROVA-SE COM NÚMEROS!



Nos principais anuários fotográficos publicados em 1969, onde os melhores fotógrafos do mundo apresentam as suas melhores fotos, a percentagem de trabalhos feitos com diversas marcas é a seguinte:

DAS DEUSTSCHE LICHTBILD — 1969 — ALEMANHA

NIKON	51
LEICA	42
HASSELBLAD	36
SINAR	3
OUTRAS	11
DESCONHECIDAS	10
	153

PHOTOGRAPHY ANNUAL — 1969 — U. S. A.

NIKON	73
LEICA	26
ROLLEI	15
HASSELBLAD	13
ASAHI PENTAX	8
MAMIYA	5
MINOLTA	5
MINANDA	4
OUTRAS	25
DESCONHECIDAS	28
	202

PHOTOGRAPHY YEAR BOOK — 1969 — REINO UNIDO

NIKON	41
LEICA	35
ROLLEI	21
HASSELBLAD	19
ASAHI PENTAX	17
OUTRAS	28
DESCONHECIDAS	35
	196

Depois destes números parece que não pode haver a mínima dúvida sobre a superior qualidade das câmaras e óptica

Nikon

Dirija-se sòmente às casas altamente especializadas em material fotográfico, que são as únicas que o poderão aconselhar a escolher a NIKON mais apropriada para si; mas recuse firmemente as substituições que porventura lhe pretendam vender...

Distribuidores exclusivos:
ESTABELECIMENTOS M. SIMÕES JR., S. A. R. L.
Departamento Foto-Cine
10, Rua dos Douradores — Telef. 36 15 45 — LISBOA

Entrevista com Fernando Tordo

(Continuação da 8.ª página)

criada pelas vísceras, outra pelas circunvalações, a sua música era nitidamente cerebral, «cool», sem emoção...

F. T. — Não é. Embora seja cerebral, na cuidada técnica de construção, na sequência pensada de acordes, sinto-a, há nela emotividade. A criação dá-me um gozo tremendo, e neste sentido sai-me do estômago. Mas a técnica é necessária.

J. D. — Exemplos: música orgânica — Lou Rawls, musica cerebral — Michel Legrand.

F. T. — Em relação ao Lou Rawls, é mais um problema de interpretação...

J. D. — Sim, mas a interpretação é tal que se ultrapassa a si própria, há como que uma reinvenção da melodia, o intérprete substitui-se ao autor.

F. T. — O único tema que conheço de Legrand é o «Windmills of your mind»...

J. D. — !!!

F. T. — ...embora me pareça que só este chega para formar uma opinião, e assim, nesse sentido, estou de acordo.

J. D. — Parece-me que Fernando Tordo é a situação ideal para os intelectuais assediarem, para se acenar com poemas...

F. T. — Esses sim, «gramam-me á brava». Dizem que tenho um ar trovadoresco, vou lá a casa, levo a viola, canto para eles, acham-me com um ar de D. Sebastião cá da época...

J. D. — E, se sobrecarregar a melodia, a música com bons poemas, poemas, poemas densos, resistirá ou enfraquecerá passando a ser uma mera via para divulgação da poesia?

F. T. — Isso queriam eles!
Isto, claro, é um jogo de interesses... Apanham o Fernando Tordo, que faz uma melodia, que canta, servem-se dele, mas não é de esquecer que se não houvesse música não havia canções e a discussão não existia sequer.

J. D. — Poderá haver boa canções com maus poemas?

F. T. — Aí, já é diferente. Há poemas e letras. Em Portugal, raras são as boas letras.

Aqui não há meio termo.

J. D. — Música para músicos, a sua. Não acha?

F. T. — De caras.

J. D. — Portanto, uma música que não é popular?

F. T. — Não, isto é, é popular... É popular...

J. D. — ...entre os músicos...

F. T. — Entrego-me todo quando componho, mas sem querer agradar. As pessoas não percebem a minha música. Fico surpreendido quando encontro alguém a assobiar uma melodia minha, mas posso acrescentar que já ouvi, até hoje, pelo menos 15 pessoas a assobiar «Bem querer, mal viver» e nenhuma a assobiava bem...

J. D. — Que pensa da sua geração cantante?

F. T. — Sou um dos pioneiros de tudo isto que apareceu. Fico triste quando vejo a «malta» que aparece, sem a mínima possibilidade. Já os viu a tocar viola, a olhar para os dedos e a cantar «as naves que partiram de Belém»?

Mas esses é que são poetas, escrevem para o «Juvenil» do *Lisboa*, aprendem 3 posições na vida e vão cantar...

Em face desta «fome negra» das baiadas, só se ouve música primária. Só me fazem lembrar o homem da idade dos metais... a descobrir sons.

J. D. — Quem são, para si, os melhores?

F. T. — Gosto do Fernando Guerra a compor. Há uma construção sólida, perfeita. Vê-se que estudou, que ouve...

J. D. — Qual seria a característica dominante duma verdadeira música portuguesa?

F. T. — Talvez um ritmo. Mas os portugueses não têm ritmo, são apenas imitadores. Se for a uma «boite», só constata elasticidade de corpos, embora eles não estejam a sentir nada da música. Há apenas habilidade, versatilidade. Acho que, musicalmente, há muito mais possibilidades em África do que aqui. Os negros são muito mais importantes em música que nós.

J. D. — Está musicalmente enquadrado nos ideais da sua geração?

F. T. — Nada, nada. Não tenho grande simpatia pela canção de protesto. A música aqui leva o coice. O mundo, como aglomerado de pessoas, não me interessa.

As pessoas, quando passam a ser unidades, quantidades, deixam de me interessar.

J. D. — Que espécie de futuro prevê para a música portuguesa?

F. T. — Vocês os que sabem, conhecem, ouvem música, é que deviam trabalhar também para esse futuro.

No meu caso particular considero Luís Vilas Boas o meu grande, o meu melhor professor.

(Declarações recolhidas em gravador).

Desde o «soma» ao sexo

(Continuação da 4.ª página)

rismo de *Plexus*, Ado Kyrou, Harry Calahan *(Eleanor,* sem Poe, na fotografia para-erótica), Jean-Louis Brau e Claude Palmer (viagem: espaço-caburante: L. S. D. simples), os desenhos de Nicolas Devil e os cenários de Jean Rollin (bandas corrigidas pelo psicadelismo), *Scarlett Dream* (Scarlett, a virgem devassa, consegue vencer Styx!), ou, por pudicícia, «Os Cem Anos da Mulher Americana»—1867-1967, o trio Mancer Veronese — J.-C. Peretz — Sam Haskins, todos vos auxiliarão. Tudo em casa e domèsticamente: às nove em ponto o ponto não perdoa. Às seis em ponto o ponto é tolerante. Boris Vian foi um precursor e traduziu a dureza de Vernon Sullivan: ou foi Vernon Sullivan o precursor de Boris Vian, bandas desenhadas por Alain Tercinet?????

Ver «Mister Freedom» não é uma aventura nem é uma aventura a aventura de Mireille Darc *(estilo grande viciosa* = François Mauriac). Aventura, sim, a dos Incas que se intoxicavam mortalmente para conseguirem trabalhar a mais de 4000 metros de altitude. Alucinação socioconsentida, portanto. *El Conquistador* só viu esoterismo. Nem é aventura a encomenda: *Emilienne, par Claude des Orbes*. Aventura sim, a necesidade de sobrepor a explicação total da realidade à vileza da própria realidade muito comum (os pobres *Sioux* que se matavam ao sol para conseguirem, nas vascas do delírio, uma explicação para as suas misteriosas misérias).

Acabou-se, porém, a aventura do *Soma* e a droga deixou de ser mágica. A psicofarmacologia (consórcio universal, operação Tipo Grande Banqueiro e só com Divisas Fortes) resolveu o problema. Quem tem medo de Aldous Huxley? A *droga ideal na grande época neocapitalista da sociedade de consumo deverá ser uma substância inócua capaz de intoxicar mesmo que se tome em quantidades infinitesimais, sem sabor nem cor.*

A mescalina fica para os resistentes.

JOÃO PALMA-FERREIRA

PLANO

a MESSA é tão resistente como o carro dos anos vinte...

...E IGUALMENTE PERFEITA.

Ambos combinam uma singular elegância de linhas com uma apurada técnica de fabrico.

Naturalmente, há diferenças a considerar! A nossa máquina tem carros intermutáveis com quatro medidas diferentes, controle ajustável de toque, cinco posições de entrelinhas, diversos tipos de escrita e revestimento exterior em Novodur.

Apesar da leveza da sua batida foi feita para trabalhar e estudada para resistir.

Tem o carácter das máquinas de escrever MESSA.

MESSA

MÁQUINAS DE ESCREVER S. A. R. L.—Mem Martins

Fernando Tordo:

«A CRIAÇÃO SAI-ME DO ESTÔMAGO»

ENTREVISTA CONDUZIDA POR JOSÉ DUARTE

Fernando Tordo: «Acham-me com um ar de D. Sebastião cá da época...»

J. D. — Começando pelo fim. O que vai ser o seu próximo disco?

F. T. — Já tenho umas coisas prontas... Deve ser um LP com o título «Estradas», que é um poema de Manuel da Fonseca e que ele me pediu para musicar, um poema muito bom, telúrico, que demora 5 minutos e tal. Há nele solidão, carácter alentejano. Musicalmente, deve ser o meu trabalho mais significativo. Também já comecei a fazer a música para um poema da Sofia de Melo Breyner, e para um poema de Ary dos Santos; o David Mourão-Ferreira está a escrever um poema para mim.

Já com a Natália Correia foi diferente. Fiz primeiro a música, ela apresentou a seguir o poema, ficou «giro», pois, como há compassos da melodia que ficam de fora, dá para cantar e «gozar à brava». Há, também, um poema do Dórdio Guimarães, extraído de um livro dele, um poema esquisito, «... a porta abriu-se e caiu uma gota de sangue da janela que estava fechada...». Aquelas coisas esquisitas que ninguém percebe. Eu musiquei o poema que percebia melhor, é o «filho do girassol» ou qualquer coisa assim...

Não vou, no entanto, fazer sòzinho a música, para evitar viciações. Trabalho sempre com o Jaime Queimado.

J. D. — ?

F. T. — Comecei a tocar com ele aos 7-8 anos. Ele hoje tem 23..., e, embora o trabalho não seja 50% de cada um, ele dá sempre uma opinião. Por exemplo, em «Bem querer, mal viver», a primeira parte da melodia é minha, a parte do meio é dele. É um tipo mais calmo que eu. Somos unidos, entendemo-nos, somos um «clan», uma equipa.

J. D. — Porque é que escolhe sempre para a sua música poetas aceites, de nome feito?

F. T. — Não escolho em relação aos nomes, mas ao que eles fazem; escolho os que eu compreendo. Além disto, escolher boas poesias dá-me uma maior noção de responsabilidade, vejo-me obrigado a fazer um trabalho mais cuidado.

— J. D. — Será que o poema «prestigia» a música, ou será que a música...

F. T. — Você sabe como é: «cá acima», à Música, é que ninguém chega. Ninguém cospe na Música, senão nós escarramos; eles cospem, nós escarramos.

J. D. — Que dificuldades vê você na língua portuguesa para ser musicada?

F. T. — É uma língua bastante «dura». O inglês é, já por si, um som musical. Quando oiço cantar em português oiço palavras, em inglês oiço sons...

J. D. — Como começou a sua carreira de cantor? Onde e quando...

F. T. — Começou em 1966, no grupo «Os Deltons», depois, em Março de 1967, entrei para «Os Sheiks», onde cantei até Novembro de 1968. Nessa altura saí, fui a Londres (desintoxicação...) e voltei no princípio do ano. Fui, então, convidado para o Festival TV da Canção. Era a hora...

J. D. — Já tinha cantado em português?

F. T. — Nunca.

J. D. — Tem ganho muito dinheiro?

F. T. — Ainda não recebi nada...

J. D. — Quantos discos já gravou?

F. T. — Tenho 3 discos no mercado, vem agora o L. P.

J. D. — Foi influenciado por algum compositor ou cantor, em particular?

F. T. — As influências são várias. Quando componho uma melodia, regra geral ela sai melhor que a anterior, vou-me projectando para a frente. Não me referindo, neste caso, à música dita clássica, neste campo a música que está mais acima, é, naturalmente, o «jazz». «Jazz» é, pois, uma meta a atingir. Para já, a minha grande preocupação é dar um bom nível, uma certa projecção àquilo que faço. Não quero com isto dizer que gravo discos a pensar que no estrangeiro os oiçam; aqui não dá, aqui o disco não passa da Costa da Caparica... Quando componho, lembro-me sempre do «jazz», lá em cima, e a «malta» anda a «patinar» cá em baixo, no fundo da moldura. Tenho sempre os olhos para cima, para fazer o melhor possível.

Gosto muito dos «Beatles» ou de Lou Rawls, apesar de produzirem também obras más, mas o que interessa é o melhor que cada um desses faz.

Scott Walker, por exemplo, gosto muito. Hoje em dia ele canta Jacques Brel. Sabe que conheço Brel porque oiço Scott Walker?...

J. D. — ?!

F. T. — Não gostava do Sinatra. Hoje gosto. Não tomo posições rígidas. Conforme fui evoluindo, ouvindo música, assim cheguei a gostar de Sinatra.

Pròpriamente na composição, não me identifico com ninguém, nem vejo grandes influências. Talvez toda a música que oiço...

J. D. — E, fundamentalmente, o que é que ouve?

F. T. — Oiço tudo, o mau também. Adoro sentir-me mal disposto...

J. D. — Que idade tem?

F. T. — 21.

J. D. — Estudos musicais?

F. T. — Nenhuns. Não sei ler música, tenho tudo decorado. Na viola, sei as posições, vou pensando porque é que este é um tom maior, este um tom menor, e assim vou encadeando; a seguir a este acorde ficava bem aquele, etc. Tudo empírico.

J. D. — Como é que nasceu a ideia de cantar em português?

F. T. — Resolvi, porque nunca ouvi ninguém cantar em português com as palavras a soar bem. Tem que haver uma maneira mais doce de cantar uma língua agreste, como o português. Na minha condição de português, acho que o devo fazer, pelo menos para a «maltinha» de cá perceber. Foi uma tentativa de provar a mim mesmo que se pode cantar, sem gritar, sem berrar as coisas. Até certo ponto é uma tentativa de aplicação, à língua portuguesa, da técnica vocal estrangeira.

J. D. — Nas suas gravações, o estilo vocal elegante corresponde ao ambiente musical que o rodeia. Aconteceu, foi planificado pela edttora, adaptou o seu estilo aos arranjos?

F. T. — Com as mesmas orquestrações, penso que outra voz não conseguiria cantar. Não haveria, pelo menos, essa ligação. Estou reflectido na música que faço, há nela um certo romantismo, uma certa tristeza. Nesse aspecto, há uma grande ligação entre o maestro Luís Gomes a orquestrar e a maneira como eu compus as melodias, subordinadas a um estilo. O maestro é um lírico das cordas, das flautas, oboés. Em princípio, não houve premeditação da editora, fui eu que escolhi o maestro Luís Gomes. Em comparação com todo o classicismo dos nossos músicos, Luís Gomes é um moderno. Enquanto na cartilha por onde todos leram, a maioria ficou na página 90, Luís Gomes chegou à 120, embora ainda lhe faça muita impressão ouvir baterias, baixos eléctricos ou sopros. Sabe muito mais harmonia que todos os outros.

J. D. — E se eu lhe dissesse que à sua obra, pelo menos, lhe falta força?

F. T. — Posso não saber mais nada, mas em matéria de música tenho uma coisa muito boa comigo: é saber quase exactamente os defeitos que tenho.

J. D. — Que são?...

F. T. — As pessoas dizem que eu tenho a mania dos tons menores, das 6.as, das 9.as, que não são tons naturais, que lhes falta força. Embora pense fazer música com maior impacto, não a faço, porque cá em Portugal não há quem a toque. Como sei de antemão que estou condicionado no que diz respeito a maestros, músicos, técnicas de gravação... (o «Valentim de Carvalho» ainda só grava em 2 pistas, sabia?) ...meto-me no caminho que me leva mais fàcilmente, melhor, à solução.

Recentemente, no fim de uma cessão de gravação, um dos músicos ainda tentava «dar» 3 notas, só 3, repare, que não conseguira «dar» num tema que até já estava gravado...

J. D. — Acha que o famoso fatalismo da música portuguesa está presente na sua obra, embora aliado a um romantismo, a um lirismo, a um gosto pelas «boas-maneiras»?

F. T. — O que é transmitido de mim para a minha música não é fatalismo. Não sou infeliz, não sou, moralmente, um miserável. Consigo raciocinar nos momentos próprios, tenho um mínimo de domínio para discorrer e ficar frio, mas o que me afecta fundamentalmente é a raça, o âmago que, ao ser transmitido, dá o tal tipo de fatalismo — que, no entanto, não é trágico, é a minha condição.

J. D. — Se toda a música se pudesse classificar em orgânica e cerebral, uma

(Continua na 7.ª página)

Cantiga de chegando-se

Joana
Partem tristes os meus dedos
De teu corpo
Sem pecado nem segredos
Maria
Partem pedaços de mim
De teus olhos
Debruados de alecrim
Susana
Partem meus lábios vencidos
De teus braços
Abraçados aos sentidos

Ao partir cheguei
Ao lugar de estar
Perto do que sei
Estar em teu lugar

Letra J. C. Ary dos Santos
Música de F. Tordo

NOVIDADES LITERÁRIAS

PARAÍSO SEM ADÃO
GRACE METALIOUS
Colecção Contemporânea — 65$00

CREPÚSCULO DOS DEUSES
ENZO BIAGI
Colecção Documentos Humanos — 40$00

O CÓDIGO DA VIDA
ANATÓLIO SCHWARZ
Colecção Problemas — 45$00

POESIAS COMPLETAS
CASAIS MONTEIRO
Colecção Poetas de Hoje — 80$00

PIERRETTE
BALZAC
Comédia Humana — 50$00

FOLHAS CAÍDAS
ALMEIDA GARRETT
Obras literárias de Almeida Garrett — (2.ª edição) — 50$00

BIOGRAFIA
JOSÉ RÉGIO
Obras Completas de José Régio — (5.ª edição — vol. com 6 ilustrações de Júlio) — 55$00

VIANGENS DE GULLIVER
JONATHAN SWIFT
Biblioteca dos Rapazes (4.ª edição profusamente ilustrada) — 50$00

DEUS ESCREVE DIREITO...
MAYSIE GREIG
Biblioteca das Raparigas (reedição ilustrada)—40$00

Portugália Editora
AV. DA LIBERDADE, 13 LISBOA